PSICOLOGIA

EXPERIMENTOS ESSENCIAIS



HOMENS & MULHERES

* RELACIONAMENTO * SEXUALIDADE * EMOÇÕES *

Quem se levanta mais à noite para olhar as crianças? * Quem é mais ciumento? * Qual o efeito do amor sobre o cérebro? * S em para saúde? * Quem so ser gordo? * Por que as re gais se deterioram com o tem casados vivem mais que os solteiros? * Ele se excita mais que ela?

41 provas científicas demonstram as diferenças entre eles e elas

Duetto

Duetto

DIRETOR GERAL
Miguel Civita

COMITÊ EXECUTIVO
Jorge Carneiro, Luiz Fernando Pedroso, Lula Vieira e Miguel Civita

Especial Experimentos Essenciais de Psicologia
© Dunod, Paris, 2009
Título original: 150 Petites Expériences de Psychologie
Autor: Serge Ciccotti

DIRETORA DE REDAÇÃO: Ana Claudia Ferrari
EDITORA DE PUBLICAÇÕES ESPECIAIS: Liliana Pinheiro
EDITORA: Graziella Beting

COLABORADORES: Liana Amaral (edição), Graziella Beting, Caroline Fretin de Freitas, Celina Olga de Souza (tradução); Paula Astiz (projeto gráfico de capa e miolo); Laura Lotufo (diagramação); Edna Adorno, Luiz Roberto Malta e Ricardo Jensen de Oliveira (revisão); CJ Estúdio Carauana (ilustrações) e Erika Onodera (infográficos).

PUBLICIDADE
publicidade@duettoeditorial.com.br
DIRETORA COMERCIAL: Cidinha Cabral
DIRETORA DE MERCADO PUBLICITÁRIO: Sandra Garcia
COORDENADOR DE PUBLICIDADE: Robson de Souza

REPRESENTANTES COMERCIAIS
Alagoas/Bahia/Pernambuco/Sergipe: Pedro Amarante
(79) 3246-4139/9978-8962
Brasília: Sônia Brandão (61) 3321-4304
Espírito Santo: Didimo Effgen (27) 3229-1986 / 3062-1953/
8846-4493/9715-7586
Rio de Janeiro: Carla Torres (21) 2224-0095

PROJETOS ESPECIAIS
Conhecimento
GERENTE: Almir Lopes
EXECUTIVO DE CONTAS: Marcio Bering
Farmacêutico
EXECUTIVOS DE CONTAS: Elisabeth Gonçalves e Walter Pinheiro

MARKETING
DIRETOR: Lula Vieira
GERENTE DE MARKETING PUBLICITÁRIO: Felix Mifune

OPERAÇÕES
DIRETORA: Ana Carolina Trannin
GERENTE FINANCEIRA: Arianne Castilho
SUPERVISORA DE PLANEJAMENTO: Dilene Cestarolli

CIRCULAÇÃO
DIRETORA: Cristina Albuquerque
Circulação Avulsa
GERENTE: Ana Paula Gonçalves
PRODUÇÃO GRÁFICA: Alberto Veiga
VENDAS AVULSAS: Fernanda Ciccarelli
Assinaturas
COORDENADOR DE VENDAS PESSOAIS: Antonio Carlos de Abreu
COORDENADORA DE VENDAS TELEMARKETING: Viviane Tocegui
COORDENADOR DE VENDAS WEB: Luiz Carlos Antunes Júnior
Marketing Leitor
ASSISTENTE: Michele Lima

NÚCLEO MULTIMÍDIA
DIRETORA DE WEB: Mariana Monné

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciccotti, Serge

Experimentos essenciais de psicologia : homens e mulheres, 2 / Serge Ciccotti. — São Paulo : Duetto Editorial, 2010. — (Coleção experimentos essenciais de psicologia)

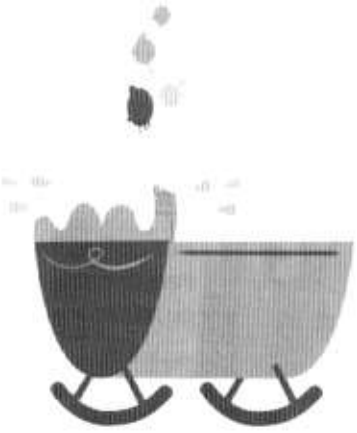
ISBN 978-85-7902-106-0

1. Psicologia 2. Psicologia — Experiências I. Título. II. Série.

10-10173 CDD-150.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicologia : Experimentos 150.7

Sumário



Apresentação 7

Emoções* 8

1* **Quem é mais ciumento, o homem ou a mulher?** 10
Intensidade do sentimento varia conforme o tipo de infidelidade e o sexo

2* **Ter muitos filhos traz a mesma satisfação para homens e mulheres?** 13
Sensação de bem-estar das mães diminui com o número de filhos

3* **O consumo compulsivo é um transtorno psicológico tipicamente feminino?** 14
Ao contrário do que pensam os machistas, eles também sofrem com o problema

4* **O nojo é uma emoção essencialmente feminina?** 16
O cérebro delas é mais ativado que o deles diante de cenas repugnantes

5* **Por que as mulheres são menos desconfiadas que os homens?** 18
Variação hormonal tem influência sobre as relações de confiança

6* **As mulheres têm mais capacidade que os homens de conter seus desejos?** 20
Estratégia de reprodução reflete o interesse delas em controlar o impulso sexual

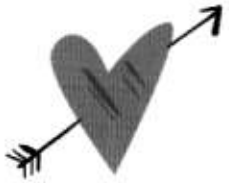
7* **As meninas são realmente mais medrosas que os meninos?** 22
Elas têm mais medo de atos criminosos, embora eles sejam mais vítimas da violência

8* **Quem chora mais, homens ou mulheres?** 24
O estereótipo de que elas choram com mais facilidade e intensidade é confirmado

9* **Quem reconhece melhor as emoções das expressões faciais?** 27
Eles detectam mais rapidamente a raiva, enquanto elas são mais competentes para identificar outras emoções

10* **Quem se levanta mais à noite para olhar as crianças, o homem ou a mulher?** 28
Estrutura cerebral ligada às emoções é mais ativada nas mães ao ouvir o choro de um bebê

Relacionamentos*



30

11* **Por que as relações conjugais se deterioram com o tempo?** 32
Pesquisadores desconfiam que modo de vida íntima do casal é capaz de acelerar – ou retardar – o desgaste

12* **Homens e mulheres trabalham bem juntos?** 34
Igualmente criativos separadamente, quando estão reunidos, chegam a soluções mais inovadoras

13* **A generosidade dos homens e a bondade das mulheres são mesmo qualidades altruístas?** 36
Atos de benevolência custam tempo e dinheiro, mas trazem proveito para quem os pratica

14* **Por que o suor dos homens modifica a psicologia das mulheres?** 40
Odor exalado por eles é capaz de provocar alterações hormonais nelas

15* **Quem é mais solidário: eles ou elas?** 41
As amizades entre mulheres são mais profundas. Entre eles, o interesse é pela vantagem que os amigos podem proporcionar

16* **Por que os homens não gostam de ver sua identidade sexual questionada?** 43
Eles ficam mais agressivos quando a virilidade é posta em dúvida; mulheres não se afetam

17* **Qual o efeito do amor sobre o cérebro deles e delas?** 44
O sentimento é universal e dá origem a fenômenos químicos, psicológicos e comportamentais

18* **Por que nunca se sabe quando uma mulher está ovulando?** 46
Na maioria dos mamíferos, o cio está associado a sinais externos visíveis

19* **Por que as mulheres assumem mais tarefas domésticas?** 48
Quando os dois cônjuges trabalham, elas dedicam duas vezes mais tempo cuidando da casa que os homens



Sexualidade*

50



20* **Quem fica excitado mais rápido, o homem ou a mulher?** 52
Testes foram feitos durante exibição de filmes pornográficos, observando mudanças de temperatura no corpo

21* **Quantas vezes por dia os homens pensam em sexo?** 54
Diferenças de gênero nas fantasias e práticas sexuais

22* **Quem fala a verdade sobre o número de parceiros sexuais?** 56
Os homens declaram um número, as mulheres, outro. Pesquisadores foram buscar a origem dessa disparidade

23* **Elas têm uma tendência maior ao bissexualismo?** 58
A relação entre manifestação e orientação sexual difere fundamentalmente entre as mulheres e os homens

24* **Sexo faz bem para a saúde?** 60
Diversos estudos apontam que sim, mas não se pode exagerar no excesso de vitalidade, principalmente se a relação for extraconjugal

25* **Os homens têm um bom motivo para se masturbar?** 63
A frequência ejaculatória diminui o risco de câncer de próstata

26* **Por que os espermatozoides apostam corrida?** 64
O medo de ver o próprio esperma suplantado pelo de um outro leva os homens a comportamentos surpreendentes

27* **Eles sempre preferem as relações breves e elas, o casamento?** 67
Razões evolutivas explicariam por que diferentes sociedades registram o mesmo padrão

28* **Os homens ficam mais excitados que as mulheres diante de imagens pornográficas?** 71
Cérebro masculino trata as informações visuais diferentemente do feminino. Macacos têm o mesmo comportamento

29* **As mulheres que fazem amor com um homem bonito têm mais chances de atingir o orgasmo?** 72
Explicação é evolutiva: beleza física é vista como indício de melhor qualidade genética

30* **O que os homens olham primeiro nas mulheres?** 74
O cérebro masculino e o feminino reagem de modo diferente diante de estímulos sexuais

Saúde*



76

31* **Existem mais homens ou mulheres na Terra?** 78
Nascem mais meninos que meninas, mas a expectativa de vida deles é mais curta

32* **Quem sofre mais por ser gordo, eles ou elas?** 80
Pesquisa relaciona efeito do gênero e da massa corporal no status socioeconômico

33* **Quem suporta melhor a bebida?** 80
Diferenças de constituição física e metabolismo fazem com que elas acumulem uma taxa maior de álcool no sangue

34* **Por que as mulheres voltam mais rápido de uma anestesia geral?** 82
Pesquisadores investigam se cérebro delas seria menos sensível ou se elas metabolizam mais rapidamente as drogas

35* **As meninas são mais sensíveis à dor que os meninos?** 84
Quantidade de receptores nervosos, hormônios e resposta cerebral fazem com que elas sofram de maneira diferente

36* **Por que os homens têm mamilos?** 88
O embrião se forma a partir de um modelo feminino e só no final de seis semanas o cromossomo Y intervém

37* **Por que os viúvos se suicidam mais que as viúvas?** 88
Homens têm muito mais dificuldade de administrar algumas dores morais. Casos de divórcio registram reações parecidas

38* **As mulheres que gostam de vinho ficam grávidas mais cedo que as outras?** 90
Influência do consumo moderado de álcool sobre o tempo que uma mulher leva para engravidar

39* **Por que os noivos devem observar bem o humor da sogra antes de se casar?** 90
Taxa de transmissão familiar de distúrbios como a depressão é de quase o dobro entre as mulheres

40* **Os casados vivem mais que os solteiros?** 92
Estudos tentam entender a correlação entre status matrimonial e expectativa de vida

41* **Quem fica mais deprimido: o homem ou a mulher?** 94
Estudos mostram que eles e elas não são sensíveis aos mesmos eventos negativos





o assumir a tarefa de tentar decifrar, com a ajuda da ciência, as diferenças entre homens e mulheres, corre-se o risco de cair em generalizações. São elas, aliás, que muitas vezes ajudam os pesquisadores a chegar a alguma conclusão. Neste segundo volume da coleção **Psicologia – Experimentos Essenciais,** continuaremos a abordar as características tipicamente masculinas e femininas no que se refere às emoções, relacionamentos, sexualidade e saúde. Tudo a partir de estudos e comprovações científicas.

É importante, entretanto, ter em mente que os resultados encontrados por psicólogos, biólogos, médicos e psiquiatras não significam uma regra geral. As distinções entre os sexos não são, de maneira alguma, imutáveis ou determinadas para toda a eternidade. Pelo contrário. O ambiente e as sociedades mudam, e algumas características humanas já são e outras serão cada vez mais dispensáveis à nossa sobrevivência e reprodução.

A humanidade viveu a maior parte de seu tempo em um contexto que não existe mais – nosso passado pré-histórico. E o homem moderno ainda guarda uma série de características herdadas dessa época. Assim, nosso cérebro evoluiu para resolver problemas que já foram em grande parte solucionados.

Como você verá em muitos dos assuntos abordados a seguir, uma série de comportamentos tantos femininos como masculinos são explicados pelos cientistas a partir das necessidades ancestrais ligadas à reprodução da espécie. Mas depois do advento da contracepção oral, fato recente na história da humanidade, tudo isso está em revolução. E esse é apenas um dos exemplos. Não é de estranhar, portanto, que o leitor não se identifique com as características "tipicamente" femininas ou masculinas expostas neste volume. As generalizações ajudam a explicar muitas coisas, mas não são sempre a regra. Além disso, estão – ainda bem – em constante mutação. Para o bem da espécie humana. ✱



Emoções

Quando o assunto é comportamento, não é fácil distinguir o que está ligado à personalidade individual e o que é específico de cada sexo. Mas os cientistas já decodificaram muitas das reações emotivas dos seres humanos e, através da análise hormonal, da atividade cerebral e de variáveis culturais, conseguem dizer o que é típico de cada sexo ou não.

1

Quem é mais ciumento, o homem ou a mulher?

Intensidade do sentimento varia conforme o tipo de infidelidade e o sexo



Se um dia seu companheiro disse-se que está atraído por outra pessoa, como você reagiria? Imaginemos um homem na seguinte situação (caso seja uma leitora, basta trocar "namorada" por "namorado" e "homem" por "mulher").

A. Numa festa, acompanhado da namorada, conversando com um grupo de amigos, ele repara que a ela está do outro lado da sala conversando com um homem desconhecido. Durante a festa, ele a perde de vista. No dia seguinte, a namorada conta que beijou aquele homem com paixão durante a festa e que raramente teve uma sensação sexual tão intensa. Afirma, entretanto, que só se trata de atração física, que é apenas sexual. E garante que não sente nada pelo outro.

Consideremos agora esta outra situação.

B. O rapaz está numa festa com a namorada. Enquanto conversa com um grupo de amigos, repara que a namorada, do outro lado da sala, fala com um homem que ele não conhece. Durante a festa, ele a perde de vista. No dia seguinte, a companheira conta que teve uma grande afinidade com aquele homem e que ra-

ramente encontrou alguém com quem pudesse falar daquela maneira. No plano pessoal, ela se sente ligada ao recém-conhecido de um modo único e especial, mas garante que não sente nenhum desejo sexual pelo outro. Não se trata de atração física, é apenas uma relação de amizade, e ela já se sente muito ligada a ele.

Qual será a sensação do namorado?

Em 2004, Buunk e Dijkstra, pesquisadores da Universidade de Groningen, na Holanda, fizeram 151 pessoas ler essas duas histórias. As mulheres receberam textos com o mesmo teor, apenas com o sexo dos personagens trocado. Os participantes também receberam a foto da terceira pessoa. Em alguns casos, a pessoa era lindíssima, em outros, de aparência comum. Também era fornecida uma pequena descrição de sua personalidade: podia ser dominante (jovem professor(a) de faculdade, presidente de uma associação de 600 membros, com muita influência sobre os outros e iniciativa); ou então se tratava de alguém pouco dominante (obediente, dócil, pouco influente).

Os participantes deviam preencher um questionário no qual diziam até que ponto estariam enciumados, zangados, desconfiados, tristes, preocupados etc., se fossem eles os protagonistas das histórias.

Os pesquisadores perceberam que os homens tinham muito ciúme quando a pessoa que esteve com sua companheira era socialmente dominante. Entre as mulheres, ao contrário, o ciúme foi imenso sobretudo quando a outra era muito bonita. Em resumo, para os participantes do sexo masculino, o perigo vinha do status social, ao passo que, para as mulheres, era provocado principalmente pela aparência física da concorrente.

O motivo? Para se envolverem em um relacionamento de longo prazo, as mulheres avaliam o status social do homem. Não é a única característica levada em conta, mas é importante. Esse critério tem mais peso para as mulheres que para os homens porque alguém "socialmente dominante" poderá prover recursos suficientes para a família, especialmente para os filhos. Então, essa será a base da concorrência sexual entre os homens. Eles estarão atentos ao status do rival no caso de tentativa de sedução da namorada.

Em contrapartida, os homens prestam mais atenção à atração física exercida por uma futura parceira. Supõe-se que, antigamente e por muito tempo, a beleza serviu de sinal para que os homens avaliassem a fertilidade de uma possível companheira (Buss, 1989). As mulheres, portanto, ficam mais atentas à beleza das rivais, pois os homens são muito sensíveis a essa característica.

Em geral, eles sofrem mais quando há traição sexual, e elas são mais sensíveis à infidelidade sentimental de seu companheiro

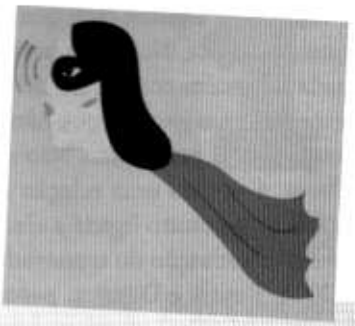
Os psicólogos também notaram que as infidelidades "sexuais" (caso A) e "sentimentais" (caso B) causavam sentimentos de ciúme diferentes. No caso A, eram de muita tristeza, rejeição, raiva e de traição, enquanto no caso B era mais de preocupação, desconfiança e ameaça. Os dois tipos de ciúme têm a mesma função: proteger um relacionamento a fim de manter sua exclusividade. Graças às suspeitas, estaríamos assim nos prevenindo, por antecipação, de um eventual "abandono" pelo companheiro (caso B), ou provocando uma briga após ter sido enganado sexualmente (caso A).

De maneira geral, os homens são mais ciumentos quando há traição sexual, ao passo que as mulheres são mais sensíveis à infidelidade sentimental de seu companheiro. Mais uma vez, a explicação está na teoria da evolução. De acordo com essa perspectiva, as mulheres têm

características reprodutoras diferentes das dos homens, e é isso que faz com que elas não se comportem da mesma forma quanto ao ciúme. O homem nunca tem, e nunca terá, certeza absoluta a respeito da paternidade de sua prole. Também, no caso de uma esposa sexualmente infiel, o marido poderia ter assumido responsabilidades importantes, no curso do processo evolutivo. Por exemplo, sustentar, sem saber, os filhos de outro homem, sem que ele mesmo tivesse garantida a sua reprodução, ou seja, em detrimento dos próprios genes. Consequentemente, com o intuito de limitar esse risco, é provável que o ciúme masculino seja um mecanismo arcaico de impedir o envolvimento sexual da companheira com outro homem. O ciúme será extremo no caso de infidelidade sexual.

Entre as mulheres, contudo, é diferente. O perigo maior é ter de dividir os recursos do companheiro com uma segunda companheira e, mais ameaçador ainda, é ele a deixar para ficar com a outra. Como os homens são capazes de ter relacionamentos sexuais com mulheres mediante um investimento mínimo em todos os níveis, a evidência de uma relação emocional entre o companheiro e outra mulher é indício confiável de uma ameaça potencial de perda do investimento do parceiro.

Portanto, as mulheres são mais ciumentas quando o marido tem uma "infidelidade sentimental" (Buss, Larsen, Westen e Semmelroth, 1992). Evidentemente, todos esses motivos não são necessariamente conscientes. ★

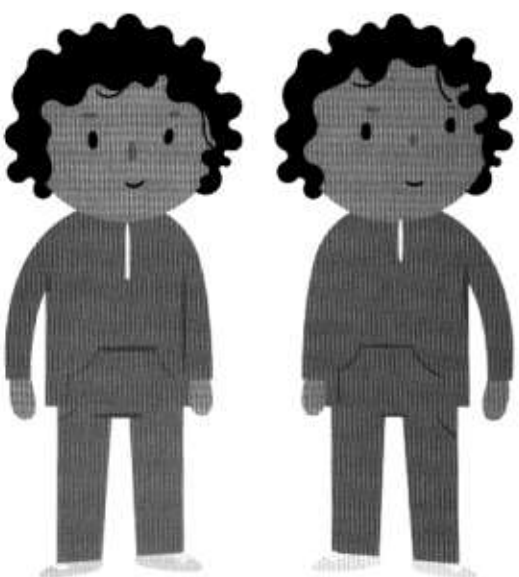


PARA CONHECER MAIS

★ **Sex differences in human mate preferences: evolutionary hypotheses tested in 37 cultures**. D. M. Buss, em *Behavioral and Brain Sciences*, 12, págs. 1-49, 1989.

★ **Sex differences in jealousy: evolution, physiology, and psychology**. D. M. Buss, R. J. Larsen, D. Westen e J. Semmelroth, em *Psychological Science*, 3, págs. 251-255, 1992.

★ **Gender differences in rival characteristics that evoke jealousy in response to emotional *versus* sexual infidelity**. B. P. Buunk e P. Dijkstra, em *Personal Relationships*, 11, págs. 395-408, 2004.



2

Ter muitos filhos traz a mesma satisfação para homens e mulheres?

Sensação de bem-estar das mães diminui com o número de filhos

Alguns dirão que sim, quanto mais filhos, mais felicidade. E que isso vale tanto para os homens quanto para as mulheres. Mas temos certeza disso? A felicidade realmente aumenta com o número de filhos? E da mesma forma para pais e mães?

Em 2002, três pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e da Southern Denmark, na Dinamarca, interessaram-se pela questão e realizaram um estudo para observar se a sensação de bem-estar estava ligada ao número de filhos ou não.

Eles enviaram um questionário para milhares de gêmeos dinamarqueses, homens e mulheres, nascidos entre 1931 e 1982. O documento continha perguntas sobre vários assuntos: saúde, peso, altura, nível de instrução, profissão, tabagismo, número e sexo dos filhos, idade ao terem o primeiro filho, idade ao se casarem etc.

Os gêmeos também deviam responder a uma pergunta que media o bem-estar subjetivo global, o nível de satisfação com a vida, enfim, o sentimento de felicidade: "Considerando todos os fatores, até que ponto você é feliz?" ("Muito satisfeito, satisfeito, insatisfeito, muito insatisfeito").

Os pesquisadores compararam as respostas de cada um dos gêmeos de um mesmo par. Evidentemente, os participantes que preencheram o questionário não sabiam que os pesquisadores estavam estudando as relações entre algumas perguntas e o sentimento de felicidade.

Entre as pessoas de 25 a 45 anos, os resultados mostraram o seguinte:

– Ter o primeiro filho aumenta sensivelmente a felicidade. Essa felicidade chega a ser até 75% superior para os homens quando o primeiro filho é menino.

– O nascimento de outros filhos tinha um efeito negativo sobre o bem-estar subjetivo das mulheres e nenhum efeito sobre o dos homens. Para elas, cada filho que nasce depois do primeiro diminui o indicador de felicidade em 13%. Três crianças a mais anulam quase completamente o efeito positivo criado pelo primeiro filho.

Os resultados desse estudo, baseado em correlações, são surpreendentes. No entanto, é importante observar que eles só se aplicam ao sentimento de satisfação geral. Não se deve confundir esse sentimento com o amor que se tem por cada um dos filhos. Não é a mesma coisa, e a pesquisa não trata desse tema. Por outro lado, quanto mais filhos se tem, mais a vida é complicada no plano da organização. Menos tempo a pessoa tem para si mesma e, finalmente, mais o sentimento de bem-estar diminui. Os resultados revelam principalmente uma percepção diferente do nascimento dos filhos sobre o bem-estar geral. Tal percepção varia entre homens e mulheres e também depende do sexo do recém-nascido.

Entretanto, é interessante notar que o risco de morrer não é o mesmo de acordo com o nú-

mero de filhos, tanto para o homem como para a mulher. Se esse risco é mínimo com dois filhos, aumenta com o número da prole, mas também – e isso é mais surpreendente – é maior entre as mulheres que nunca tiveram filhos.

A curva de mortalidade em função do número de filhos tem a forma de U (*Insee Première*, nº 1155, agosto de 2007). No que se refere às mulheres, tais resultados podem ser explicados da seguinte maneira: grande parte das mulheres que não tiveram filhos tem problemas de saúde. Esse é o motivo pelo qual elas não procriaram e morrem mais cedo. Por outro lado, com um grande número de gravidezes, a saúde se deteriora.

Para os homens, mais filhos significa maior carga de trabalho e a necessidade de ganhar mais dinheiro, o que pode ter impacto sobre a expectativa de vida. O número de filhos causa, assim, uma disparidade entre homens e mulheres no plano da saúde física e mental. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Partner + children = happiness? The effects of partnerships and fertility on well-being.** H. P. Kohler, J. R. Behrman e A. Skytthe, em *Population and Development Review*, 31, págs. 407-445, 2005.

3✱

O consumo compulsivo é um transtorno psicológico tipicamente feminino?

Ao contrário do que pensam os machistas, eles também sofrem com o problema



Quem nunca comprou por impulso? Quem nunca sentiu um desejo irresistível de comprar o último modelo de celular, enquanto o que se tem funciona muito bem? Ou, ainda, aquele par de sapatos de um grande estilista, quando o armário está abarrotado e já nem fecha. Em resumo, aquele impulso que às vezes se abate sobre nós quando estamos na frente de um objeto de várias dezenas, centenas ou até milhares de reais, desnecessário, mas que compraremos mesmo assim porque não dá para ficar sem...

Se for um ato eventual, não é preciso se preocupar, não se trata de algo patológico. Contudo, é mais grave quando a compra não é impulsiva, mas compulsiva. Ou seja, quando só se pensa em comprar, o que provoca consequências dramáticas, como dívidas imensas, falência pessoal, mentiras, divórcio, desvio de fundos, depressão ou até tentativa de suicídio.

Se estivermos num restaurante, ouvindo as conversas ao redor, poderemos perceber que as pessoas confundem compra compulsiva e compra por impulso. Também ouviremos que 90% dos que cometem esses atos são mulheres.

Pesquisadores da área da psiquiatria especializados nesse tipo de distúrbio demonstraram que, mais uma vez, a crença popular não corresponde à realidade.

Koran e seus colegas realizaram um estudo nos Estados Unidos com uma amostra aleatória de 2.513 adultos (homens e mulheres) para obter uma avaliação precisa do número de pessoas atingidas pelo distúrbio de compra compulsiva. Perguntaram aos participantes sobre suas atitudes e comportamentos de compra, sobre as consequências dessas compras, assim como sobre dados demográficos e financeiros. Utilizaram também um instrumento (escala de compra compulsiva) com o fim de determinar se a pessoa sofria do distúrbio ou não.

Os resultados desse estudo mostraram que, nos Estados Unidos, uma pessoa em 20 sofre do distúrbio de compra compulsiva. São principalmente jovens, com boa renda (US$ 50 mil por ano). E, ao contrário do que pensam os machistas, não se trata de um fenômeno exclusivamente feminino: 5,5% das mulheres e 5,8% dos homens apresentavam sintomas do transtorno compulsivo.

Concluindo, não nos damos conta da extensão total dos problemas que o transtorno do consumo compulsivo pode causar no doente. Em todo caso, o que sabemos hoje é que esse doente pode ser tanto mulher quanto homem. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Estimated prevalence of compulsive buying behavior in the United States**. L. M. Koran, R. J. Faber, E. Aboudjaoude, M. D. Large e R. T. Serpe, em *American Journal of Psychiatry*, 16, págs. 1806-1812, 2006.

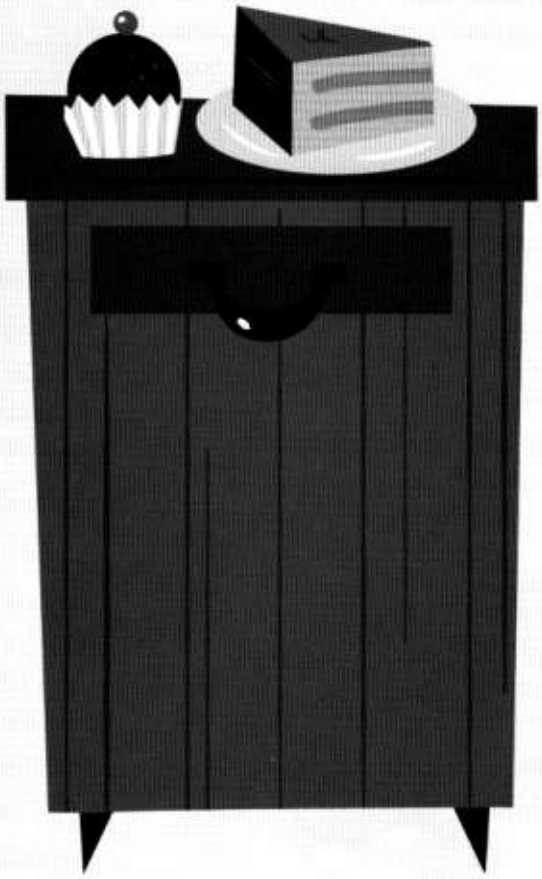




4

O nojo é uma emoção essencialmente feminina?

O cérebro delas é mais ativado que o deles diante de cenas repugnantes



Quem usa mais este tipo de expressão: "Isso me dá nojo!", "É nojento!", ou "Isso é repugnante!"? O homem ou a mulher?

Espontaneamente, seríamos tentados a responder: "a mulher". O que se justifica pelo fato de que a psicologia cotidiana, ou seja, a que utilizamos no dia a dia, nos induz a achar as meninas mais sensíveis que os meninos. E não estaríamos completamente errados, pois o cérebro de ambos os sexos não reage da mesma forma aos estímulos que provocam o nojo.

Quem descobriu essa diferença foi o pesquisador Shérif Karama. Ele mostrou para dez homens e dez mulheres uma cena de mutilação corporal com o intuito de provocar a sensação de repulsa. Enquanto os participantes olhavam o filme, um *scanner* registrava a atividade das zonas cerebrais envolvidas nas emoções. Paralelamente, os participantes deviam anotar a intensidade do nojo que sentiam, em uma escala de zero a oito.

Os resultados mostraram que existem diferenças emocionais significativas entre homens e mulheres. Em primeiro lugar, no plano da avaliação subjetiva do nojo, observou-se que a intensidade era, em média, de 6,4 entre as mulheres, e de apenas 4,3 entre os homens.

Além disso – e é neste ponto que a pesquisa se torna interessante – os psicólogos notaram que não se tratava apenas de uma simples declaração. De fato, quanto mais os participantes se declaravam enojados, mais as zonas cerebrais ligadas às emoções eram ativadas.

Poderíamos pensar que o fato de as garotas se declararem enojadas obedece a um estereótipo: as meninas têm de ser um pouco mais sensíveis do que os meninos. Socialmente, elas sabem que é o que se espera. Porém, na verdade, não é bem assim. O estudo de Kamara demonstrou que não se trata de uma simples declaração das mulheres. O cérebro delas é mais ativado do que o dos homens diante de cenas repugnantes, como as imagens de mutilação. Há realmente uma relação entre a avaliação subjetiva e a medida da emoção realizada no cérebro, pois, quanto mais as mulheres se dizem enojadas, mais as zonas cerebrais envolvidas com as emoções estão ativas.

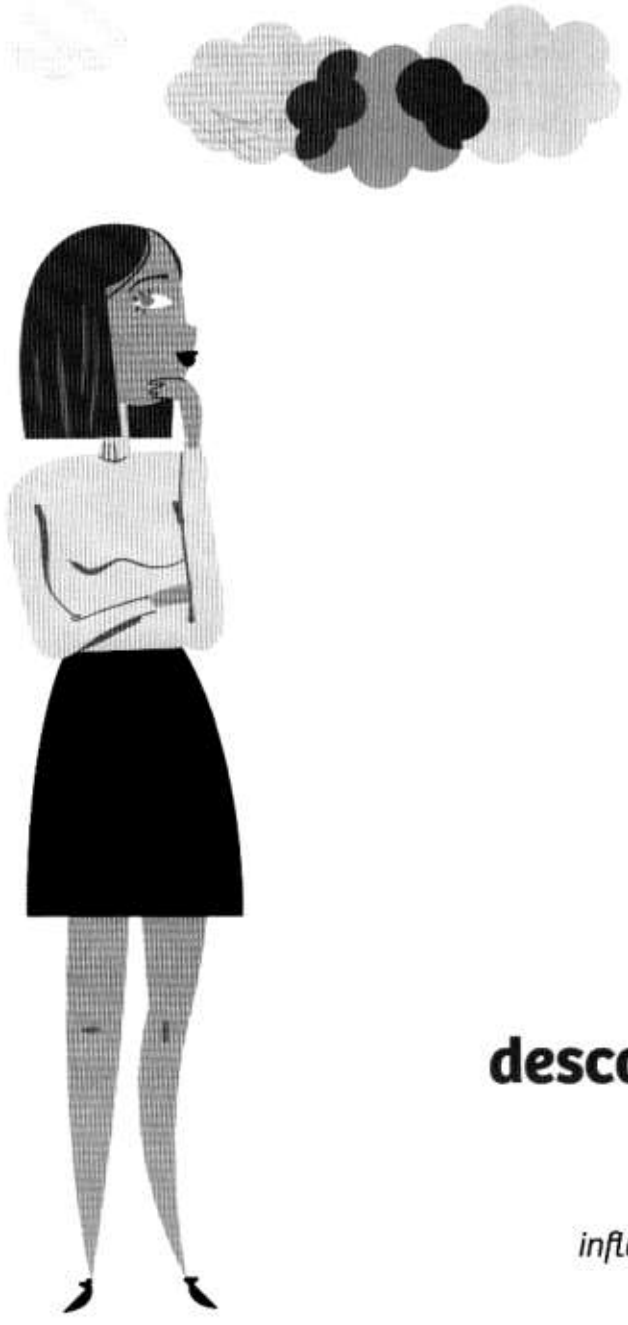
Por que o sexo feminino sente mais repulsa que o masculino? Talvez em virtude de sua capacidade de gerar vida. Pode-se pensar que se trata de um mecanismo de adaptação que permite às mulheres se precaver mais em certas situações repugnantes ou diante de certos alimentos. O nojo provoca vômitos com a expulsão do agente nocivo. O nojo também causa aversão e, consequentemente, leva a evitarmos o que o originou. Nas mulheres, o mecanismo poderia aumentar a probabilidade de sobrevida do feto e do bebê, protegendo-os de determinados alimentos e de situações prejudiciais. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **A general neural network for processing stimuli known to elicit sexual arousal, disgust, or amusement**. S. G. Karama e M. Beauregard, em *The Journal of Sex Research*, Section II: Clinical Sexology, 2006.

✱ **The functional neuroanatomy of amusement, disgust and sexual arousal**. M. Beauregard, S. Karama, J-M. Leroux, A. R. Lecours, G. Beaudoing e P.Bourgouin, contribuição apresentada por ocasião da IV International Conference on Functional Mapping of the Human Brain, Montreal, Canadá, 1998.





5

Por que as mulheres são menos desconfiadas que os homens?

Variação hormonal tem influência sobre as relações de confiança

A confiança é um sentimento importante nas relações entre as pessoas. Também é a base da economia. As variações de confiança fazem e desfazem as fortunas construídas nas bolsas de valores. Mas existem diferenças entre homens e mulheres no que se refere a esse sentimento? Foi isso o que a equipe do doutor Zak quis observar ao medir a confiança entre as pessoas numa relação financeira.

Para realizar a experiência, pesquisadores recrutaram estudantes de ambos os sexos e ofereceram-lhes US$ 10 pela participação. Os estudantes foram divididos em duplas, sem que se conhecessem ou se vissem. Por meio de um computador, poderiam enviar uma parte desse dinheiro, sua totalidade, ou não enviar nenhuma quantia para seu parceiro. O valor enviado seria multiplicado por três e somado aos US$ 10 do outro. Por sua vez, o parceiro poderia retribuir, dando a quantia que quisesse para o primeiro estudante, como forma de agradecimento pelo gesto. Ele poderia também não mandar nada.

Num mundo ideal, lógico e digno de confiança, o primeiro enviaria seus US$ 10. O valor passaria a US$ 30, que, somados aos US$ 10 originais, resultaria em US$ 40 para o receptor. Este, consciente do gesto e da confiança recebida, devolveria US$ 20. Dessa maneira, todo mundo sairia ganhando: o primeiro duplica a soma inicial e o segundo também ganharia US$ 20. Ambos teriam o lucro máximo.

Isso funciona em teoria, pois é preciso ter confiança no receptor, que pode ficar com todo o dinheiro para si. Alguns estudantes seriam tentados a não mandar a totalidade dos seus US$ 10 para o parceiro que não conhecessem e que também não teria nenhuma obrigação de retribuir.

Ao final do jogo, enfermeiras colheram o sangue de todos os participantes para avaliar as diferenças nos níveis hormonais que circulavam em suas veias. Se o receptor recebesse apenas alguns dólares da quantia inicial, significaria que o parceiro desconfiava dele e temia que ele guardasse para si todo o dinheiro, que, além disso, seria multiplicado por três.

Ao analisar as amostras de sangue, os pesquisadores perceberam que as pessoas que tinham um nível elevado de testosterona (DHT), hormônio predominantemente masculino, mas também presente em nível reduzido nas mulheres, eram as que tinham recebido um sinal de desconfiança do primeiro estudante (na forma de pouco dinheiro enviado).

As mulheres que receberam um forte sinal de desconfiança, entretanto, não mostraram nenhum aumento de DHT. Para os pesquisadores, isso sugere que os homens têm uma reação mais agressiva que as mulheres quando percebem um sinal de desconfiança a seu respeito. No entanto, não importa o sexo, ninguém gosta de sentir que sofre desconfiança.

Fisiologicamente mais neutras, elas se dão melhor como negociadoras, pois suas respostas não são sustentadas pela emoção

Entretanto, as mulheres não apresentam a mesma reação fisiológica que os homens diante da desconfiança. De acordo com Zak, elas são fisiologicamente "mais neutras". E se dão melhor como negociadoras, provavelmente porque suas respostas não são sustentadas pela emoção e a negociação é baseada numa relação de confiança/desconfiança no outro.

Em contrapartida, Zak descobriu que as mulheres que participavam do "jogo da confiança" durante seu período de ovulação enviavam bem menos dinheiro para seu parceiro se comparadas com as demais, ou mesmo com os homens.

Por quê? Novamente, por razões hormonais. Ao receber os US$ 10, as pessoas sentem que são confiáveis e seus corpos passa a produzir oxitocina, o hormônio das relações sociais. Quanto mais forte o sinal de confiança, isto é, quanto mais lhe derem dinheiro, mais a pessoa se sentirá digna de confiança. Quanto maior esse sentimento, mais seu nível de oxitocina aumenta. Só que, no caso das mulheres no início da ovulação, o nível de progesterona é elevado. Biologicamente, a progesterona impede a oxitocina de agir, o que limita um pouco as relações sociais.

Quando estão grávidas, as mulheres acabam sendo mais seletivas na interpretação dos sinais sociais – assim, foram as que menos deram dinheiro durante a experiência. Essa razão seria evolutiva: com a chegada de um bebê, elas precisam de mais recursos que em outros momentos.

Portanto, exceto durante a ovulação ou gravidez, a experiência comprovou que as mu-

6 As mulheres têm mais capacidade que os homens de conter seus desejos?

Estratégia de reprodução reflete o interesse delas em controlar o impulso sexual

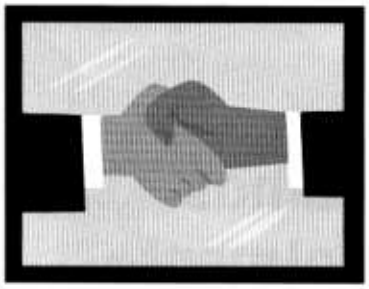
Conseguir reprimir os impulsos sexuais e agressivos é uma condição indispensável para a vida em sociedade. Felizmente, a maioria das pessoas é capaz disso – caso contrário viveríamos entre psicopatas. Mas essa "inteligência social" parece estar presente de maneira diferente nas mulheres e nos homens, certamente por causa das diferentes estratégias de reprodução. É certo que as consequências de um ato sexual são mais importantes para elas que para eles. E portanto elas têm interesse maior em controlar seu ímpeto sexual para ganhar tempo. Tempo indispensável para estimar o valor de um homem, antes de passar à ação.

Esse é o motivo pelo qual as mulheres são mais capazes de controlar seus impulsos. Elas sabem melhor como resistir à tentação e retardar seus desejos. Isso é frequentemente motivo de briga entre casais, quando o homem não resiste a algo de que tem vontade, enquanto a mulher lhe diz que ainda não é o momento.

Uma equipe de pesquisadores da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, destacou que tal capacidade feminina está presente desde a mais tenra infância (Kochanska, Murray, Jacques, Koenig e Vandegeest, 1996).

Cerca de 200 crianças, meninos e meninas de 2 a 3 anos de idade, foram convidadas para participar de um experimento, acompanhadas pelas mães. Elas foram observadas, várias vezes, para avaliar sua capacidade de controle dos desejos. Foram apresentadas diversas situações comportamentais para ver se as crianças eram capazes de resistir à tentação. Por exemplo, deveriam esperar o barulho de um sininho para enfiar a mão dentro de um pote cheio de doces de chocolate.

lheres têm, geralmente, um índice maior de confiança nas pessoas. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **The neurobiology of trust**. P. J. Zak, R. Kurzban e W. T. Matzner, em *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1032, págs. 224-227, 2004.

Em outro momento, diante de uma caixa de brinquedos, a criança devia colocar as mãos sobre os joelhos enquanto o pesquisador lhe mostrava os objetos. Ele perguntava que objeto lhe agradava. Observava-se, então, o que as crianças faziam com as mãos durante esse tempo – se pegavam no objeto, se tocavam nele sem segurar, se tiravam as mãos dos joelhos ou não etc.

Em todos os testes, os resultados mostraram que as meninas superaram os meninos, em qualquer idade. O que comprovou que elas são bem mais capazes do que eles de controlar seus desejos.

A experiência mostra que essa característica é hereditária e que pressões seletivas ancestrais pesaram mais sobre elas no campo do controle do desejo.

As meninas são capazes também de controlar alguns sinais emotivos. Nos estudos nos quais as pessoas tinham de mostrar uma emoção positiva após uma experiência negativa ou o contrário (por exemplo, aparentar sentir um gosto ruim quando o produto é bom), as meninas a partir de 4 anos de idade se saíram melhor que os meninos ao controlar as expressões emotivas, isto é, ao enganar as pessoas que as observavam (Cole, 1986).

Aparentemente, no plano sexual acontece a mesma coisa. As mulheres, mais que os homens, são capazes de aumentar seu volume sanguíneo na região genital (vasodilatação) na ausência de estímulo erótico (Zingheim e Sandman, 1978) ou diminuí-lo na presença de estímulos eróticos (Cerny, 1978). Finalmente, elas são mais capazes de reprimir seu ímpeto sexual (Rosen, 1973). ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Biofeedback and the voluntary control of sexual arousal in women**. J. A. Cerny, em *Behavior Therapy*, 9, págs. 847-855, 1978.

✱ **Children's spontaneous control of facial expression**. P. M. Cole, em *Child Development*, 57, págs. 1309-1321, 1986.

✱ **Inhibitory control in young children and its role in emerging internalization**. G. Kochanska, J. Y. Jacques, A. L. Koenig e K. A. Vandegeest, em *Child Development*, 67, págs 490-507, 1996.

✱ **Suppression of penile tumescence by instrumental conditioning**. R. C. Rosen, em Psychometric Medicine, 35, págs. 509-514, 1973.

✱ **Discriminative control of the vaginal vasomotor response.** P. K. Zingheim e C. A. Sandman, em *Biofeedback and Self-Regulation*, 3, págs. 29-41, 1978.

7



As meninas são realmente mais medrosas que os meninos?

Elas têm mais medo de atos criminosos, embora eles sejam mais vítimas da violência

Mais uma vez a ciência busca avaliar se a sabedoria popular condiz com a realidade. Costuma-se dizer que as meninas têm medo de tudo, ao contrário dos garotos. Será verdade? As mulheres são mesmo mais medrosas que os homens? Pode ser. Mas em relação a quê? Algumas pesquisas indicam que as meninas têm mais medo de ser vítimas de um ato criminoso do que os meninos.

Em 2005, Fetchenauer e Buunk quiseram testar essa hipótese. Além disso, queriam saber, no caso de essa teoria ser corroborada, se as meninas também tinham mais medo de ser vítimas de outros atos prejudiciais.

Os pesquisadores realizaram um estudo com um grupo de 600 estudantes, moças e rapazes com aproximadamente 16 anos. Os jovens deviam responder a um questionário sobre uma série de acontecimentos negativos, alguns deles resultando em prejuízos corporais (acidente de carro, invasão de domicílio, acidentes domésticos, estupro, agressões físicas, roubos etc.). Para cada uma dessas situações, os estudantes deviam estimar o medo que sentiriam se isso lhes acontecesse, além de avaliar a probabilidade de o fato realmente ocorrer.

Como o risco de estupro é maior e tem mais consequências para as mulheres (considerando-se a gravidez), o item foi deliberadamente retirado das análises estatísticas. Mesmo assim, os resultados mostraram que as meninas tinham mais medo dos fatos descritos. Elas também os julgavam mais prováveis de acontecer, em comparação aos meninos. Viu-se, além disso, que as relações de dominância (papéis tradicionais ou não) entre os pais não explicavam as diferenças de temores entre meninos e meninas.

Finalmente, os resultados mostraram que o medo provocado por atos criminosos não é, para as meninas, um sentimento isolado. Elas mostram temer, mais que eles, tudo que possa causar prejuízos físicos.

Será porque elas sofrem mais atos de violência? Não é o que mostram os resultados de vários trabalhos. Pelo contrário, eles são vítimas mais frequentes de atos muito violentos, com exceção do estupro. Em um estudo francês, 72% dos homens foram agredidos pelo menos uma vez em 2002 e 2003, enquanto as mulheres totalizaram 62%. Além disso, os resultados indicam que os tipos de ataque são diferentes: 31% das vítimas do sexo masculino sofreram violência física na última agressão. Elas são mais vítimas de insultos e outras ameaças (35%) e menos de violências físicas (17%). As estatísticas americanas mostram resultados parecidos. Portanto, se as mulheres têm mais medo que os homens, trata-se então de um paradoxo (o chamado *fear-victimization paradox* – "paradoxo do medo de vitimização", segundo Hale, 1996).

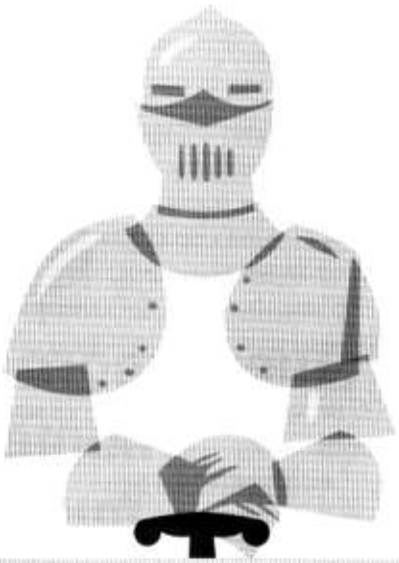
Será que isso tem alguma relação com os pais? O estudo mostra que não. Pelo menos não é o tipo de relação de dominação dos genitores que determina as respostas das crianças diante do medo.

Os pesquisadores concordam hoje com uma explicação evolucionista para esses resultados: os homens têm mais propensão que as mulheres para se arriscar. Isso porque, ao longo

de toda a história da humanidade, eles tiveram de enfrentar competições por motivos sexuais nas quais eram frequentes as situações de risco que acarretavam prejuízos físicos, especialmente com o objetivo de obter status (disputas com outros homens, lutas com animais etc.).

Os homens menos medrosos foram selecionados naturalmente. Do contrário, foram as mulheres mais prudentes, ou seja, aquelas capazes de proteger seus filhos, fazendo com que corressem o menor risco possível – ou seja, as mais medrosas – que resistiram ao processo de seleção natural! As demais teriam desaparecido junto com sua descendência.

Isso posto, é surpreendente ver que as diferenças entre homens e mulheres a propósito do medo do crime parecem ter diminuído de intensidade ao longo do tempo. Em um estudo realizado durante vários anos sobre o medo do crime, psicólogos estudaram as atitudes dos habitantes diante desse tipo de temor em três períodos (1975, 1986 e 1998). Eles notaram que a porcentagem de homens extremamente medrosos permanecia estável nos três períodos (8%, 7,3%, e 8,8%), porém a porcentagem de mulheres extremamente medrosas tinha diminuído bastante: 36,8% em 1975, 30% em 1986 e 24,2% em 1998. Segundo os autores, uma explicação poderia ser a luta das mulheres pela emancipação e igualdade dos sexos. A luta modificou os papéis dentro de casa, o que repercutiu sobre a educação dos filhos, contribuindo para a diminuição do medo entre as meninas. Entretanto, é pouco provável que as diferenças ligadas ao medo de atos criminosos entre homens e mulheres desapareçam totalmente e para sempre. Aliás, a pesquisa acima mencionada foi realizada com estudantes holandeses. É sabido que a Holanda é um dos países mais emancipados do mundo no plano da paridade homem/mulher, ocupando a sétima posição no ranking mundial da Organização das Nações Unidas, em 2001. Apesar disso, as adolescentes são muito mais medrosas que seus pares masculinos. ★



PARA CONHECER MAIS

★ **Death, hope and sex. Steps to an evolutionary ecology of mind and morality**. J. S. Chisholm. University Press, Cambridge, 1999.

★ **Behavioral correlates of individual differences in road-traffic crash risk: an examination of methods and finding**. J. Elander, R. West e D. French, em *Psychological Bulletin*, 113, págs. 279-294,1993.

★ **How to explain gender differences in fear of crime: towards and evolutionary approach**. D. Fetchenauer e B. P. Buunk, em *Sexualities, Evolution and Gender*, 7, págs. 95-113, 2005.

★ **Fear of crime: a review of the literature**. C. Hale, em *International Review of Victimology*, 4, págs. 79-150, 1996.

★ **The young male peak in different categories of trauma victims**. J. Kingma, em *Perceptual and Motor Skills*, 79, págs. 920-922, 1994.

★ **Competitiveness, risk-taking, and violence: the young male syndrome**. M. Wilson e M. Daly, *Ethology and Sociobiology*, 6, págs. 59-73, 1985.

★ **Kriminalitatsphanome im Langzeitvergleich**. H. D. Schwind, D. Fetchenhauer, R. Weiß e W. Ahlborn. Neuwied, 2001.

8

Quem chora mais, homens ou mulheres?

O estereótipo de que elas choram com mais facilidade e intensidade é confirmado



Não, os homens não choram mais que as mulheres. Na verdade, o contrário é que foi constatado. Num estudo, 80 pessoas deviam contar um fato muito triste ou extremamente alegre pelo qual tivessem passado. Os pesquisadores observaram as lágrimas que surgiam nos olhos dos participantes. Notaram que, ao lidar com a tristeza, o escoamento lacrimal era mais presente nas mulheres do que nos homens. O humor não teve uma influência significativa sobre a produção de lágrimas (Delp e Sackeim, 1987).

De fato, o sexo feminino tem realmente uma propensão maior ao choro (Lombardo, Crester, Lombardo e Mathis, 1983; Williams e Morris, 1996), além de sentir o ato de chorar mais intensamente (Bindra, 1972). Essas diferenças podem ser explicadas, em parte, pelos estereótipos. Espera-se de um homem que seja estoico, de modo a não demonstrar sinais de fraqueza diante de um potencial adversário. Aliás, em outro estudo, 60% dos homens chegaram a afirmar que nunca choram (Lombardo, Crester e Roesch, 2001).

No entanto, existe de fato uma diferença que também parece ser universal. Durante uma pesquisa etnográfica realizada em 1976 em 60 sociedades, os pesquisadores Rosenblatt, Walsh e Jackson observaram que em nenhum dos grupos estudados os homens choravam mais que as mulheres. Talvez porque os pesquisadores não constataram nenhuma diferença na frequência do choro entre os dois sexos, ou porque, em 28 grupos, as mulheres choravam mais que eles.

Em 1981, estudou-se a tendência ao choro de 523 estudantes do sexo masculino. Eles foram questionados novamente, 15 anos depois, sobre o mesmo assunto. Os pesquisadores constataram extrema semelhança nas respostas de 1981 e 1996. Os ex-alunos relataram a mesma frequência e a mesma intensidade de choro de 15 anos antes. Diziam verter lágrimas nas mesmas situações que haviam declarado no primeiro estudo. Assim, os pesquisadores con-

cluíram que a maneira de chorar parece não se modificar com o tempo (Lombardo, Crester e Roesch, 2001).

Como fazem os pesquisadores para avaliar a maneira como as pessoas choram ou sua tendência para chorar? Eles observam com uma câmera se os olhos se enchem de lágrimas em determinadas situações. Alguns cientistas usam também os diários pessoais dos participantes (Kraemer e Hastrup, 1986).

Na maioria das vezes, entretanto, os pesquisadores utilizam longos questionários, como o Inventário do Choro de Adultos (Adult Crying Inventory, ACI), que, composto por cinco partes, é usado para medir diferentes facetas do comportamento "choroso". A primeira parte desse questionário contém 59 frases, que devem ser avaliadas pelo participante de acordo com uma escala que vai de "extremamente frequente" a "nada frequente". Por exemplo: "Choro quando tenho de me despedir das pessoas que amo"; "quando um filme tem um final feliz"; "depois de ter sido humilhado ou insultado"; "quando assisto a uma cerimônia de premiação em competições esportivas, como os Jogos Olímpicos"; "quando escuto uma música triste"; "em enterros" etc.

Outra série de questões aborda a função do choro e das emoções associadas: "Quando choro, os outros geralmente ficam mais simpáticos comigo"; "Chorar me ajuda a lidar com meus problemas"; "Depois de chorar, eu me sinto mais infeliz do que antes" etc. Também se pesquisam os fatores que podem influenciar uma pessoa a chorar: "Meu estado físico (cansaço, fome etc.)"; "A presença de outros"; "Os fatores genéticos (eu nasci assim)"; "Meu lugar (em casa, fora, no trabalho)"; "As estações do ano" etc. Finalmente, a última parte do questionário traz perguntas sobre o último episódio de choro: "Quando foi?"; "Quanto tempo durou"; "Foi intenso?"; "Havia outras pessoas?" (Vingerhoets e Cornellius, 2001).

A diferença entre homens e mulheres na intensidade e na frequência do choro não está presente na infância. De fato, entre os bebês e as crianças pequenas, não há nenhuma diferença de acordo com o sexo. Contrariamente ao que se ouve muitas vezes, as pequenas não choram mais que os pequenos. Então, se tal diferença existe nos adultos e não nas crianças, isso significa que ela surge na adolescência.

O choro é um sinal de alerta endereçado aos homens, durante um conflito, para lhes mostrar que passaram dos limites

Pediram a 216 meninos e 265 meninas, com idade entre 11 e 16 anos, que preenchessem questionários a respeito da frequência e propensão para o choro. Em todos os grupos de idade, os pesquisadores constataram que as meninas choravam mais facilmente e com maior frequência que os meninos. As diferenças de gênero aumentavam com a idade, principalmente em razão de uma diminuição do choro dos meninos. Afinal, parece que a diferença entre homens e mulheres se deve sobretudo ao fato de que os meninos, ao crescerem, choram cada vez menos, o que não acontece com elas (Van Tilburg, Unterberg e Vingerhoets, 2002).

Qual é a função do choro, e por que a evolução conservou tais diferenças entre os sexos? Se as mulheres foram selecionadas pelo fato de chorar mais, isso deve ter alguma utilidade para sua sobrevivência.

De acordo com os cientistas, o fato de chorar é um sinal para os outros. Particularmente, um sinal de alerta endereçado aos homens, durante um conflito, para lhes mostrar que passaram dos limites. Chorar nesse momento impediria, então, a escalada do conflito. Foi o que

demonstrou Carie Lane em sua tese de doutorado. Num primeiro estudo, ela constatou que os conflitos eram mais resolvidos se a mulher dizia ter chorado ao final do embate. Daí se subentende que chorar é um indício percebido pelo homem como um pedido de apoio e atenção. O aumento da intensidade dos conflitos foi mais frequentemente relatado quando as mulheres diziam não ter chorado. O choro pode ter servido a elas para melhor administrar as brigas, especialmente em situações em que a força física do homem poderia se tornar ameaçadora para a sobrevivência delas. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Adult crying, a biopsychosocial approach.** A. J. J. M. Vingerhoets e R. R. Cornelius. Brunner-Routledge, 2001.

✱ **Crying during adolescence: the role of gender, menarche, and empathy.** M. A. L. van Tilburg, M. L. Unterberg e A. J. J. M. Vingerhoets, em *British Journal of Developmental Psychology*, 20, págs. 77-87, 2002.

✱ **Crying in natural settings: global estimates, self-monitored frequencies, depression and sex differences in an undergraduate population.** D. L. Kraemer e J. L. Hastrup, em *Behavior Research and Therapy*, 24, págs. 371-373, 1986.

✱ **Crying, weeping or tearfulness in British and Israeli adults.** D. G. Williams e G. M. Morris, em *British Journal of Psychology*, 87, 479-505, 1996.

✱ **Effects of mood on lacrimal flow: sex differences and asymmetry.** M. J. Delp e H. A. Sackheim, em *Psychophysiology*, 24, págs. 550-556, 1987.

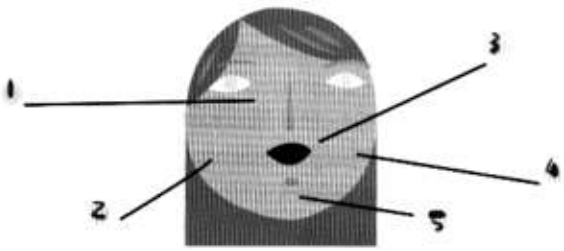
✱ **For crying out loud – There is a sex difference.** W. K. Lombardo, G. A. Crester, B. Lombardo e S. L. Mathis, em *Sex Roles*, 9, págs. 987-995, 1983.

✱ **For crying out loud – The differences persist into the '90s.** W. K. Lombardo, G. A. Crester e S. C. Raesch, em *Sex Roles*, págs. 529-547, 2001.

✱ **Grief and mourning in cross-cultural perspective.** P. C. Rosenblatt, R. P. Walsh e D. A. Jackson, 1976.

✱ **Weeping: a problem of many facets.** D. Bindrad, em *Bulletin of the British Psychological Society*, 25, págs. 281-284, 1972.

✱ **Evolution of gender differences in adult crying.** C. J. Lane. The University of Texas at Arlington, 2006.



9

Quem reconhece melhor as emoções das expressões faciais?

Eles detectam mais rapidamente a raiva, enquanto elas são mais competentes para identificar outras emoções

Ao olharmos ao redor, nossa atenção será naturalmente atraída para tudo que é ameaçador. Assim, ao atravessar a rua, olhamos para os dois lados a fim de evitar um acidente que nos seria prejudicial. No processo de adaptação da espécie humana, tal comportamento é compreensível. No plano da evolução, supõe-se que as pessoas que não tinham a capacidade de prestar atenção desapareceram sem ter tido tempo de se reproduzir.

Nossos ancestrais possuíam a disposição de ser visualmente atraídos por cenas e objetos ameaçadores. Dessa forma, puderam evitar muitas situações perigosas. Eles nos transmitiram tal capacidade. Numa época em que não havia carros, o perigo vinha de outro lugar, em especial dos animais. Era essencial que se pudessem identificar rapidamente todos os sinais de situações perigosas, como o farfalhar das plantas ou o som de passos pesados, prenúncio de um predador aproximando-se. Porém a ameaça poderia vir também de outros homens das cavernas que não hesitavam em usar suas clavas! Era preciso, portanto, perceber indícios do perigo proveniente de outros indivíduos. Logo, saber identificar as emoções no rosto das pessoas era uma competência capital para conservar a vida. De fato, algumas expressões faciais, como a raiva, indicam ameaça potencial.

Os sinais externos da raiva (lábios arregaçados, dentes à mostra à semelhança de um animal prestes a morder) servem para atrair a atenção dos outros primatas, significando "Vá embora!". Observando o cérebro humano, os cientistas notaram que existem regiões específicas para o processamento das expressões faciais ameaçadoras. Alguns pesquisadores interessaram-se pelo estudo não só das emoções como também das diferenças entre os sexos e lançaram a seguinte hipótese: na espécie humana, o macho é maior e fisicamente mais agressivo que a fêmea, portanto, deve haver diferenças na maneira como os dois sexos detectam a raiva entre si.



Em seu trabalho, Williams e Mattingley mostraram vários rostos para homens e mulheres. Os participantes deviam reconhecer o mais rapidamente possível a expressão emocional dos diferentes rostos. O estudo mostra que a raiva é a primeira emoção a ser identificada por ambos os sexos e que os homens a reconhecem ainda mais rápido do que as mulheres. Em compensação, elas são mais competentes para identificar as demais emoções, como alegria e tristeza.

O reconhecimento da raiva, no plano adaptativo, não é surpreendente. É importante poder notar uma pessoa irritada para evitar a

10 Quem se levanta mais à noite para olhar as crianças, o homem ou a mulher?

Estrutura cerebral ligada às emoções é mais ativada nas mães ao ouvir o choro de um bebê

Se os gritos das crianças nos preocupam ou irritam tanto, é porque nosso cérebro foi selecionado dessa maneira durante o processo evolutivo. Imaginemos, 100 mil anos atrás, pais cujo cérebro não era receptivo aos gritos de seus bebês, falando consigo mesmos, numa língua pré-histórica: "Tá, ele que espere, irei vê-lo à noite, ainda tenho dois mamutes para caçar...". Os filhos desse casal correriam mais risco de morrer que o bebê de um casal que o acudisse rapidamente. A consequência disso é que os pais pouco atentos tiveram dificuldades para se reproduzir e se tornar ancestrais. Os adultos com os genes "não irritados pelos gritos dos bebês" desapareceram. Os outros, em compensação, reproduziram-se até se tornar, nos dias de hoje, a maioria.

É importante para nós, humanos, ter em nosso cérebro mecanismos que permitem que sejamos sensíveis às necessidades de nossos bebês. É por isso que os gritos das crianças nos aborrecem; faz parte de um processo de adaptação. Nosso cérebro soube evoluir para ser sensível a eles. Nossos pais e avós tinham esses genes e os transmitiram a nós.

Em 2003, Seifritz e seus colegas pesquisadores de uma universidade suíça analisaram o que se passava no cérebro de homens e de mulheres quando ouviam gritos e risadas de bebês. Os cientistas constataram que o choro de um bebê desencadeia uma atividade na amígdala, estrutura específica do cérebro que tem papel importante no processamento das emoções. Essa atividade é maior no cérebro dos progeni-

agressão. No plano darwiniano, pressões seletivas nos levaram a uma especialização nesse tipo de reconhecimento. E, se o homem é mais rápido que a mulher para reconhecer essa emoção, é certamente porque, no mundo animal, os machos têm maior propensão para lutar. As brigas de fêmeas ou entre machos e fêmeas são muito mais raras. É, então, vital para o sexo masculino perceber as intenções ofensivas do rival, o mais rápido possível.

Quanto às mulheres, suas competências mais sociais, assim como sua capacidade de empatia superior à dos homens, levam-nas a notar e a diferenciar mais rapidamente as variações e tensões de outros tipos de expressão emocional nas pessoas. As mulheres são capazes de saber se seu companheiro está triste ou alegre com mais facilidade do que eles. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Do angry men get noticed?** M. Williams e W. J. Mattingley, em *Current Biology*, 16, págs. 402-404, 2006.

tores e muito menor no cérebro das pessoas que não têm filhos. Neste último grupo, a amígdala encontra-se mais ativa quando o bebê ri do que quando chora. Além disso, o estudo mostrou uma resposta maior na amígdala das mulheres que na dos homens.

Os pesquisadores notaram que outra estrutura cerebral relacionada às emoções (o córtex pré-frontal) também mostrava diferenças de atividade em homens e mulheres. Diante dos gritos dos bebês, a estrutura era mais ativa em todas as mulheres do que nos homens, independentemente do fato de elas terem filhos ou não. Paralelamente, o córtex pré-frontal dos homens, fossem eles pais ou não, não mostrou nenhum sinal de atividade.

Os pesquisadores imaginam que os gritos de um bebê passam por um filtro no córtex pré-frontal das mulheres. Esse filtro permite que elas se concentrem unicamente nos gritos de uma criança, excluindo os outros sons. O córtex pré-frontal estimularia, então, a transmissão dos impulsos elétricos para outras partes do cérebro, desencadeando emoções fortes, como o sentimento de preocupação quando se ouve um bebê chorar: "Será que ele está com fome?"; "Será que ele quer carinho?".

Acredita-se que, nas mulheres, as respostas pré-frontais podem ser transmitidas, ao passo que, no sexo masculino, a atividade da amígdala seria mais modulada pela experiência. É a razão pela qual a mãe está muito mais atenta aos sons e aos barulhinhos que seu bebê faz durante a noite. A preocupação fará com que ela saia da cama para ver o que se passa, o que não acontecerá com o pai, que dorme ao lado o sono dos justos!

Os resultados do estudo de Seifritz são lógicos: para os pais, os gritos de um bebê são muito mais importantes do que para uma pessoa que não tem filhos. Quanto à diferença entre homens e mulheres, todo mundo sabe que são as mães que se levantam mais à noite quando os bebês choram. Não se trata de preguiça masculina. O fato é puramente biológico! ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Differential sex-independent amygdala response to infant crying and laughing in parents *versus* nonparents.** E. Seifritz, F. Esposito, J. G. Neuhoff, A. Luthi, H. Mustovic, G. Dammann, U. von Bardeleben, E. W. Radue, S. Cirillo, G. Tedeschi e F. Di Salle, em *Biological Psychiatry*, 54, págs. 1367-1375, 2003.



Relacionamentos

Segundo a canção, é impossível ser feliz sozinho. Não apenas na vida familiar e do casal, mas também no trabalho e em outras situações sociais, homens e mulheres estão sempre convivendo. Com a ajuda da ciência, fica mais fácil entender muitas das atitudes de cada um, seja nas relações de amor, seja nas de amizade ou sociais.

11*

Por que as relações conjugais se deterioram com o tempo?

Pesquisadores desconfiam que modo de vida íntima do casal é capaz de acelerar – ou retardar – o desgaste



O que pode desgastar o relacionamento de um casal? Para responder a essa pergunta, Girardin Keciour e seus colegas realizaram em 2005 um estudo sobre a deterioração da intimidade dos casais.

Os pesquisadores utilizaram dados de um levantamento efetuado na Suíça com cerca de 1.500 casais com mais de um ano de convivência. Eles notaram que a intimidade se degrada progressivamente, sempre obedecendo à mesma sequência. Descobriram também que a deterioração estava relacionada a alguns temas, como o modo de relacionamento do casal, o clima familiar vivido pelos dois na infância e o tipo de rede de relacionamentos mantido por eles.

Para saber se os casais tinham problemas conjugais, foi feita a seguinte pergunta: "No que se refere à sua vida em comum, você poderia dizer se encontrou no passado, ou se tem atualmente, as dificuldades mencionadas a seguir? Se sim, essas dificuldades causaram brigas sérias ou conflitos importantes entre o casal?". Na sequência, era apresentada uma lista de situações a ser avaliadas pelos cônjuges separadamente.

O estudo demonstrou que a deterioração da intimidade do casal se instala de maneira progressiva, por etapas. Primeiro começa a falta de comunicação entre os parceiros, como a dificuldade de expressar sentimentos e emoções. Em segundo lugar, seguem-se as dificuldades de se adaptar ao temperamento do outro, sua personalidade, seus ritmos. Logo eles não se suportam mais. Em terceiro vem o desentendimento sexual. O quarto estágio é o que gera decepção sentimental, ou seja, o desamor. Ou seja, o casal já não se ama mais. Em quinto lugar, o desamor se intensifica e leva, às vezes, à infidelidade e, em certos casos, à violência sexual e física.

Os pesquisadores queriam saber se todos os casais enfrentavam essas etapas. Notaram que, embora 76% deles tivessem vivido uma deterioração da intimidade conjugal em algum momento, raros eram os que passavam da eta-

pa 2. Ou seja, a etapa das dificuldades com a personalidade do outro. Somente 8% dos casais chegavam à etapa 5.

O estudo destacou também que o modo como o casal funcionava era importante. Nem todos os casais agem da mesma forma. Eles se distinguem pelo tipo de interação entre os dois, seus papéis, seus lugares etc. O que leva à seguinte pergunta: será que a maneira de viver do casal pode ter impacto sobre a deterioração da intimidade? Os casais podem ser agrupados de acordo com o estilo das interações conjugais, segundo a classificação abaixo:

– Paralelo: representa 17% dos casais. São cônjuges que desempenham papéis tradicionais, isto é, em casa a divisão das tarefas domésticas é fortemente definida pelo sexo, assim como as relações homem/mulher. São casais com pouca união (ou seja, a busca de semelhanças entre os cônjuges é pequena, a divisão do tempo e do espaço entre os dois também é pequena, assim como a prática das atividades comuns) e grande recolhimento (o casal se fecha). Em resumo, é o casal que fica em casa e recebe pouco; ela com suas panelas, ele assistindo ao futebol na TV. Gostos e personalidades são diferentes.

– Companheiro: constitui 24% dos casais. Estilo definido por uma grande união, uma grande abertura para o exterior e para as relações externas, além de uma fraca definição dos papéis e do poder pelo sexo.

– Fortaleza: representa 16% dos casais. Papéis e relacionamentos fortemente tradicionais e definidos de acordo com o sexo, grande recolhimento e grande união.

– Casulo: formado por 15% dos casais. Grande união e grande recolhimento, porém com repartição igualitária e pouca definição pelo sexo das tarefas domésticas e dos papéis.

– Associação: o tipo mais frequente, com 29%. Aqui os cônjuges têm pouca união e pouco recolhimento. A definição por sexo também é pequena, o poder e as tarefas são repartidas equitativamente, e os papéis são pouco tradicionais.

O estudo fez a análise, a partir das descrições acima, de qual o estilo de casa em que a deterioração da intimidade ocorre mais rápido. Os pesquisadores descobriram que isso acontecia entre os casais de estilo associação e paralelo. Em seguida, apareciam os casais de estilo companheiro, fortaleza e casulo, cuja intimidade é bem menos degradada.

Quando os papéis e o poder no casal são fortemente definidos de acordo com o sexo, como mostram alguns estilos de interação conjugal, são encontradas mais dificuldades do que nos estilos de interação mais igualitários. Também é um erro pensar que se fechar em si favorece a intimidade conjugal porque preserva a relação das tentações externas. Na verdade, a pesquisa demonstrou que ocorre o contrário. Os casais "abertos" têm menos problemas do que os casais "fechados". Quanto à união entre os cônjuges, ela modera o impacto de uma grande sexualização dos papéis. Dessa forma, não é somente a forte definição dos papéis que tem impacto negativo, mas, sobretudo, quando está associada a uma autonomia importante de ambos os cônjuges: a união parece reduzir a influência da definição por sexo, pois os casais que se unem, por exemplo, no estilo fortaleza, são bem menos confrontados com problemas de intimidade do que os casais do estilo paralelo.

Nos casais em que os papéis são fortemente definidos de acordo com o sexo, são encontradas mais dificuldades de interação

Ao estudar o clima familiar dos cônjuges durante a infância e adolescência, Girardin Keciour e seus colegas observaram que os casais em que ambos os cônjuges tinham vivido numa atmosfera familiar conflituosa apresen-

tavam duas vezes mais probabilidades de ter sua intimidade desgastada. Entretanto, não se deve confundir o clima de conflito com o fato de os pais terem se divorciado. A ocorrência de separação dos pais não tem efeito sobre a deterioração da intimidade dos filhos quando casados.

Os autores lembram que essa situação de desgaste é muito mais influenciada por um clima familiar negativo de longa duração que por uma ruptura brutal ocasionada pela separação. Até existe uma "transmissão intergeracional" na capacidade de administrar os problemas de intimidade, uma vez que há uma relação entre o tipo de clima vivido pelos pais e o clima nos casais formados pelos filhos.

A rede de relações também é uma variável importante e está ligada à degradação da intimidade conjugal. Os casais que têm uma rede densa (24% deles) apresentam menos degradação que aqueles que possuem uma rede fraca (19%). Uma rede densa é formada por uma combinação de amigos dos dois cônjuges e de parentes, com os quais se pode contar do ponto de vista financeiro e psicológico, e que interagem frequentemente com o casal. A rede fraca é o inverso, com um pequeno número de amigos e parentes, contatos frágeis ou ausentes, e fraca ajuda potencial.

Além disso, o estudo evidenciou que um filho aumenta os problemas do casal. A ideia de ter um filho para apaziguar os conflitos é um erro.

12 Homens e mulheres trabalham bem juntos?

Igualmente criativos separadamente, quando estão reunidos, chegam a soluções mais inovadoras

É fato que homens e mulheres se complementam no trabalho. A afirmação foi demonstrada cientificamente no âmbito profissional, com resultados que provam que a presença equilibrada de pessoas de ambos os sexos dentro dos grupos que nos cercam não somente é desejável no plano da ética, mas também indispensável para a produção de ideias. De fato, dois psicólogos da universidade de Tilburg, na Holanda, constataram que homens e mulheres são mais criativos quando trabalham juntos que quando atuam separadamente.

Em 1997, os pesquisadores pediram a homens e mulheres que participassem de um exercício de criatividade durante 30 minutos, em pequenos grupos de quatro pessoas. Havia um total de 15 grupos. Eles eram compostos por quatro homens, ou por quatro mulheres, ou ainda por duas pessoas de cada sexo. Os pesquisadores registraram o número de ideias geradas individualmente, assim como as diferentes associações entre elas, e também o número de ângulos diferentes sob os quais os indivíduos lidavam com a tarefa. Terminado o exercício, os participantes preencheram um questionário visando autoavaliar a satisfação quanto à sua produção.

No final, os participantes dos grupos mistos julgaram seu trabalho mais positivo, o que de fato aconteceu, como pode ser visto no gráfico ao lado. Homens e mulheres são igualmente criativos quando trabalham separados. Porém, quando estão juntos, a quantidade de ideias, ou seja, a criatividade, aumenta.

Por fim, a união e a igualdade entre os cônjuges permitem encontrar uma intimidade conjugal satisfatória. Em contrapartida, o fato de os casais funcionarem de maneira extremamente individual (estilos paralelo e associação) e valorizarem a autonomia de cada um é certamente enriquecedor no plano individual, porém nefasto para o casal. Assim, os pesquisadores concluíram o trabalho com a seguinte observação: "Afirmar-se, marcar sua singularidade e sua autonomia, valores sociais muito prezados atualmente, não estarão acompanhados de um distanciamento necessário do outro e, assim, de uma negligência da intimidade conjugal? O futuro do casal se deve à capacidade de preservar a relação conjugal, canalizando as reivindicações de autonomia dos cônjuges e, ao mesmo tempo, respeitando e valorizando a identidade de cada um", como acontece com os casais do estilo companheiro. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Styles d'interactions conjugales, socialisation relationnelle, réseau de sociabilité et problèmes d'intimité: une approche sociologique de la dégradation de l'intimité conjugale.** M. Girardin Kecloux, E. Widmer, R. Levy e J. Kellerhals, em *Revue Européenne de Sexologie*, 51, págs. 25-40, 2005.





No trabalho, e mais particularmente na produção de ideias, homens e mulheres são complementares. Quando reunidos, alcançam uma sinergia criativa e soluções mais inovadoras. Tal fato deveria incentivar diretores de empresas e gerentes de projetos a levar em conta a paridade, ou participação igualitária de indivíduos de ambos os sexos nas tarefas profissionais. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Creativity and sex composition: an experimental illustration.** S. G. L. Schruijer e I. Mostert, em *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 6, págs. 175-182, 1997.

13*

A generosidade dos homens e a bondade das mulheres são mesmo qualidades altruístas?

Atos de benevolência custam tempo e dinheiro, mas trazem proveito para quem os pratica





É uma descoberta espantosa e provocante: ao que parece, as pessoas que se mostram generosas com os outros têm, na verdade, um interesse egoísta escondido.

Existem diferentes fatores que influenciam o fato de prestarmos, ou não, ajuda a outra pessoa. Sabe-se que, quanto mais alguém tem chance de compartilhar nossos genes, mais a ajudaremos. É o que acontece, por exemplo, quando a pessoa ajudada possui o mesmo sobrenome que o nosso, ou quando se parece fisicamente conosco.

Em uma experiência, Oates e Wilson (2002) enviaram uma mensagem eletrônica para cerca de 3 mil pessoas. Em cada uma das mensagens, os pesquisadores falsificaram sua identidade de maneira a possuir o mesmo nome que o destinatário, o mesmo sobrenome, ou ambos. Ou ainda um nome e um sobrenome completamente diferente daqueles dos destinatários. Na mensagem, pediam informações sobre o time da cidade (por exemplo: "Qual é a cor do time de futebol de sua cidade?").

Os resultados mostraram que, quando o remetente tinha o mesmo nome e sobrenome,

os indivíduos que respondiam eram seis vezes mais numerosos que os outros. De acordo com os pesquisadores, o fato de duas pessoas terem o mesmo nome indica que elas podem ter os mesmos genes. A evolução nos ensinou que é preciso ser agradável com as pessoas que têm o mesmo sobrenome que nós porque talvez tenhamos o mesmo sangue. Essa motivação parece ainda estar presente em nossas comunicações modernas.

As convicções também nos levam a ajudar os outros. Existe, entre muitas pessoas, uma "crença na justiça do mundo", ou seja, elas acreditam que, ao fazer o bem, atrairão o bem. Entretanto, pesquisadores imaginaram que outro mecanismo poderia nos levar a ser generosos com os outros, um mecanismo diabolicamente egoísta! De acordo com eles, as pessoas se envolveriam em comportamentos generosamente custosos (em tempo, dinheiro e energia) de maneira a mostrar para os outros informações úteis sobre si mesmas – em suma, para fazer propaganda a seu favor. A assim chamada "teoria do sinal custoso" é conhecida em zoologia e se baseia na desvantagem. O melhor exemplo é o da cauda do pavão. No plano prático, a cauda não serve para nada, além de gerar grande gasto de energia, pois, para manter tal aparato, é preciso utilizar muitos recursos metabólicos. É até um obstáculo na vida de um pavão. A cauda é um estorvo, ela chama a atenção e pode atrair os predadores. No entanto, a desvantagem é sobretudo um sinal de boa qualidade genética dirigido às fêmeas. Somente os pavões que têm a capacidade de encontrar muita comida podem se dar ao luxo de manter uma cauda tão bela quanto inútil. Segundo a teoria, essa cauda serve para mostrar às fêmeas que o macho tem condições de gastar muita energia com algo inútil. O que promete um genoma fora do comum! É assim que uma desvantagem pode finalmente ser proveitosa.

Aplicando-se a teoria aos humanos, um ato benevolente é certamente uma desvantagem, uma vez que faz a pessoa perder tempo e dinheiro. Mas também traz prestígio e mostra para os outros, em especial para as mulheres que a pessoa: 1) tem recursos, 2) sabe "oferecê-los", 3) presta atenção nos outros, isto é, tem um comportamento pró-social. São traços muito valorizados e que qualquer um seria tentado a realçar se quisesse seduzir uma parceira.

Tal "benevolência flagrante", como dizem os cientistas, é um comportamento pró-social custoso em tempo e esforço (doar sangue, voluntariado), porém útil para fazer propaganda de si mesmo. Os pesquisadores tentaram, então, verificar a validade da teoria e examinar se a benevolência flagrante aumentava efetivamente a atração entre parceiros (Griskevicius, Tybur, Sundie, Cialdini, Miller e Kenrick, 2007).

A evolução nos ensinou que é preciso ser agradável com as pessoas que têm o mesmo sobrenome que nós

Foram reunidas num laboratório 160 pessoas, entre homens e mulheres. Os participantes foram estimulados a desejar um encontro mediante a apresentação de fotografias de três pessoas bonitas, do sexo oposto. Em seguida, deviam escolher a pessoa que consideravam mais bonita, pensando num encontro. Após terem tomado sua decisão, precisavam anotar uma data no computador para marcar o encontro. Os participantes do grupo de controle foram submetidos ao mesmo processo, contudo, sem conotações românticas. A eles foram mostradas fotos de uma rua comum com várias construções, e eles deviam optar pelo local com condições mais agradáveis para fazer um passeio.

Os dois grupos passaram em seguida para outro exercício. A seguinte questão era proposta aos participantes: "Imaginem que vocês têm US$ 5 mil em sua conta bancária e querem aproveitar esse dinheiro. Quanto vocês gastariam em cada um destes itens: um carro, um relógio, um jantar com amigos, um telefone celular, uma viagem pela Europa". Eles podiam destinar mais ou menos dinheiro para cada uma dessas compras.

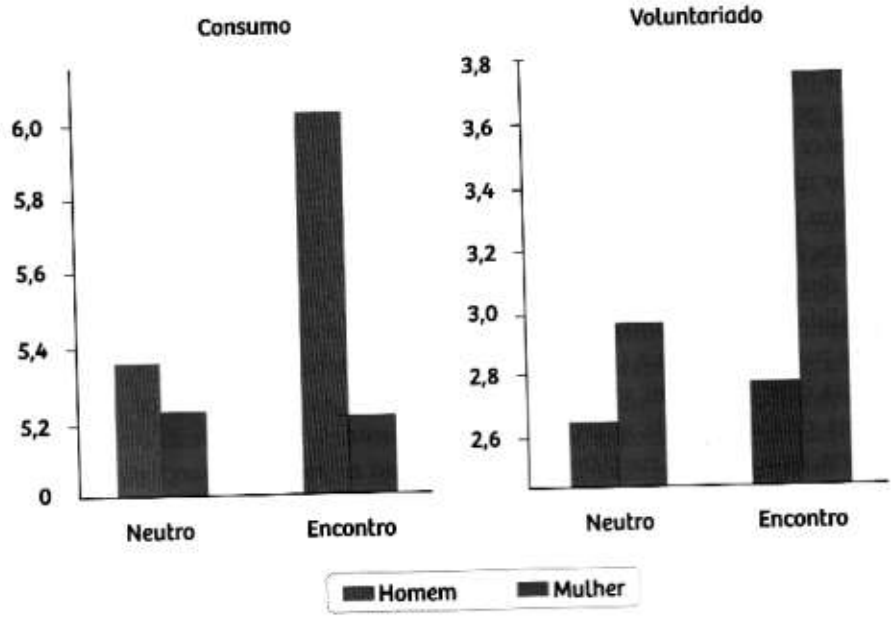
Com o fim de medir a benevolência e a boa vontade em ajudar, os psicólogos propuseram também o seguinte problema: "Imaginem que vocês têm 60 horas de tempo livre por mês. Nessas 60 horas estão incluídos alguns de seus programas noturnos e parte dos finais de semana. Gostaríamos de saber quanto tempo vocês aceitariam dedicar a um trabalho voluntário numa organização de sua escolha?". Os participantes indicaram o número de horas que sacrificariam para esse trabalho e também escolheram o tipo de atividade (ajudar num abrigo de sem-teto, na construção de casas populares, ensinar crianças pobres a ler, ajudar um irmão ou uma irmã, ou cuidar de crianças num hospital).

Os resultados mostraram que os homens em condição de "encontro" gastaram muito mais dinheiro do que os homens do grupo de controle. Em contrapartida, o romantismo não teve nenhum efeito sobre os gastos financeiros das mulheres. Entretanto, na questão relativa ao voluntariado, ocorreu o inverso: as mulheres que iriam encontrar um homem bonito declararam querer dedicar mais horas ao trabalho voluntário que as mulheres do grupo de controle. Por outro lado, o clima romântico não teve nenhum efeito sobre a boa vontade dos homens em ser úteis para os outros.

A experiência mostra que as pessoas não distribuem seus recursos o tempo todo e ao acaso. Há mais mulheres úteis socialmente, assim como homens generosos, principalmente quando isso contar sexualmente.

Os pesquisadores seguiram em frente. Tentaram descobrir se o fato de o comportamento ser notado pelos outros podia aumentar a gene-

Influência do romantismo na motivação dos homens e das mulheres no consumo e no voluntariado



rosidade do doador e o senso de sacrifício das mulheres. Fizeram então uma experiência e... bingo! Entre os participantes em fase de encontro, constataram que os homens eram mais generosos quando o comportamento podia ser observado pelos outros. O mesmo ocorreu com as mulheres. A atitude de oferecer ajuda tinha mais chance de aparecer se fosse notado por outra pessoa.

Finalmente Griskevicius e seus colegas demonstraram, por meio de quatro experiências, que um "objetivo de relacionamento sexual" incitava os homens – se esse comportamento fosse visto – a gastar mais em luxo, como presentes, viagens, joias, mas não com produtos de necessidade básica, como sabonetes, medicamentos ou toalhas! Entre as mulheres, o mesmo objetivo de relacionamento sexual não as levou a consumir mais. Por outro lado, fez com que investissem mais e publicamente nas causas úteis, embora esse comportamento não ocorresse na vida particular.

A motivação para um relacionamento sexual parece então produzir estratégias de "apresentação de si" que podem ser compreendidas por meio da "teoria do sinal custoso". Um indivíduo, homem ou mulher, mostra que tem recursos a oferecer utilizando-os para fazer "sinais custosos". Em geral, as mulheres procuram os traços pró-sociais nos homens, especialmente porque são ligados ao investimento paterno (Brase, 2006). Tais sinais indicam a boa vontade dele de investir em sua prole. Existem muitas pesquisas que mostram que as mulheres valorizam muito os traços masculinos que combinam comportamentos sociais e dominância mediante a capacidade do homem de captar recursos (Kelly e Dunbar, 2001).

No que se refere à bondade das mulheres estudadas, ela não é demonstrada unicamente para fins de relacionamento sexual. De acordo com os autores dos trabalhos, fazer publicidade do próprio altruísmo também poderia servir para que elas atraíssem amizades e aliados. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Blatant benevolence and conspicuous consumption: when romantic motives elicit strategic costly signals**. V. Griskevicius, J. M. Tybur, J. M. Sundie, R. B. Cialdini, G. F. Miller e D. T. Kenrick, em *Journal of Personality and Social Psychology*, 93, págs. 85-102, 2007.

✱ **Cues of parental investment as a factor in attractiveness**. G. L. Brase, em *Evolution and Human Behavior*, 27, págs. 145-157, 2006.

✱ **Who dares wins: heroism *versus* altruism in women's mate choice**. S. Kelly e R. Dunbar, em *Human Nature*, 12, págs. 89-105, 2001.

14*

Por que o suor dos homens modifica a psicologia das mulheres?

Odor exalado por eles é capaz de provocar alterações hormonais nelas

Em 2007, uma pesquisa revelou que, assim como os ratos ou as traças, o ser humano produz um odor que influencia o cérebro do sexo oposto.

Pesquisadores provaram que algumas gotas de um composto químico presente no suor masculino podiam elevar o nível do hormônio cortisol nas mulheres heterossexuais e modificar características fisiológicas e psicológicas. A experiência é importante, pois demonstra que a taxa de certos hormônios que circulam no corpo feminino pode ser modificada, simplesmente fazendo com que cheirem um composto químico presente no suor masculino. O suor parece funcionar como os feromônios, substâncias secretadas por certos animais com funções de atração sexual, demarcação de trilhas ou comunicação entre indivíduos.

Numa experiência, os pesquisadores pediram a 48 mulheres que cheirassem o conteúdo de um frasco contendo androstadienona, um derivado da testosterona presente no suor masculino, ou o conteúdo de um frasco contendo levedo. Durante duas horas, as mulheres forneceram cinco amostras de saliva. Wuart e Sobel avaliaram várias vezes o nível de cortisol presente nas amostras de saliva. As mesmas mulheres passaram também por outros testes.

Constatou-se que as que cheiraram a androstadienona tinham na saliva um nível de cortisol mais elevado do que as que cheiraram o levedo. De fato, 15 minutos depois de cheirar o suor, o nível de cortisol subiu e ficou presente na saliva durante mais de uma hora. Além disso, os pesquisadores notaram nessas mulheres estímulo sexual maior, melhora do humor e aumento da pressão arterial, do ritmo cardíaco e da respiração.

Embora o estudo tenha demonstrado que a androstadienona afeta os hormônios das mulheres, não é improvável que esse elemento do suor masculino também tenha efeito sobre outros hormônios além do cortisol. Assim, os pesquisadores talvez possam entender por que a androstadienona age sobre o estímulo sexual.

O suor tem sido o objeto principal de estudos sobre os feromônios humanos. Alguns trabalhos já mostraram que o suor masculino sob as axilas aumentava a secreção do hormônio luteína, que estimula a ovulação das mulheres. Outros estudos provaram que, quando o suor de uma mulher é aplicado sobre o lábio superior de outra mulher, esta responde sincronizando seu ciclo menstrual com o ciclo da mulher à qual pertence o suor.

Há alguns anos, a indústria cosmética lançou no mercado uma linha de perfumes contendo androstadienona química. Entretanto, ao contrário do que dizem os anúncios publicitários, não há nenhum motivo para pensar que os humanos respondam ao odor da androstadienona de maneira subliminar, instintiva e estereotipada, como fazem muitos mamíferos ou insetos em resposta aos feromônios. Uma mulher não seguirá um desconhecido na rua simplesmente porque ele colocou algumas gotas do tal perfume. Por outro lado, os estudos demonstraram que a androstadienona é realmente um sinal químico masculino que provoca mudanças fi-

siológicas e psicológicas nas mulheres, modificando seus hormônios.

Em que tais descobertas poderiam ser úteis? Pode haver uma aplicação possível desses trabalhos na medicina. De fato, em certas patologias, procura-se aumentar o cortisol mediante a ingestão de comprimidos, o que infelizmente tem efeitos colaterais negativos (aumento de peso, úlcera). Uma mulher poderia, então, reduzir os efeitos colaterais simplesmente cheirando o produto em vez de engoli-lo. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Smelling a single component of male sweat alters levels of cortisol in women**. C. Wyart, W. W. Webster, J. H. Chen, S. R. Wilson, A. Mcclary, R. M. Khan e N. Sobel, em *Journal of Neuroscience*, 27, págs. 1261-1265, 2007.



15✱

Quem é mais solidário: eles ou elas?

As amizades entre mulheres são mais profundas. Entre eles, o interesse é pela vantagem que os amigos podem proporcionar

Há um consenso de que os homens são mais solidários entre si e de que, no meio feminino, reina a rivalidade. Mas experimentos científicos mostram exatamente o contrário. Elas são mais solidárias que eles.

Stephanie Goodwin e Laurie Rudman, professoras na Universidade Rutgers, em New Jersey, nos Estados Unidos, realizaram quatro estudos a fim de medir as atitudes em relação ao sexo oposto. Foi a primeira vez que foram feitas pesquisas sobre o tema sem perguntar diretamente aos participantes suas preferências por um ou outro sexo.

Num primeiro estudo, as pesquisadoras inventaram um estratagema para medir as atitudes de 379 participantes, sem que eles pudessem controlar suas respostas. Goodwin e Rudman começaram pedindo a esses homens e mulheres que relacionassem o mais rapidamente possível algumas palavras pertencentes ao gênero masculino ou feminino. As palavras

podiam ser prazerosas (férias, paraíso etc.) ou desagradáveis (lama, pesar). Os resultados revelaram que as mulheres favoreciam a relação das palavras com o gênero feminino quatro vezes mais do que o faziam os homens. Na média, eles não tiveram nenhuma preferência por um dos dois gêneros. As mulheres feminilizaram quatro vezes mais palavras do que os homens.

Em outro estudo, utilizando o mesmo método, Goodwin e Rudman descobriram que os homens e as mulheres que favoreciam implicitamente suas mães – por exemplo, associando termos mais positivos a elas, em vez dos pais – apresentavam também uma opinião preconcebida em favor das mulheres, o que sugere a influência da mãe sobre a atitude "pró-feminina". Além disso, também foi demonstrado que a amizade entre pessoas do sexo feminino era mais profunda se comparada com a deles.

Ao estudar os resultados de uma pesquisa britânica com 10 mil indivíduos em 1992 e em 2002, Gindo Tampubolon descobriu que a amizade entre mulheres resistia a qualquer obstáculo, mesmo quando havia uma mobilidade geográfica ou social importante. No período de dez anos, as mulheres conservaram mais suas relações que os homens, mantendo mais contato com antigos conhecidos. O mesmo não acontece com os homens, mais inconstantes em suas amizades e mais calculistas quando se trata de saber quem serão seus amigos.

Poderíamos pensar que isso não confirma a ideia de que as mulheres são solidárias, pois elas também poderiam ser amigas de homens. De um modo geral, não é o que acontece, já que o estudo constatou que 75% dos melhores amigos são pessoas do mesmo sexo.

Para o pesquisador, a amizade entre mulheres parece ser fundamentalmente diferente daquela entre homens. De acordo com ele, essa amizade é "muito mais profunda e mais moral". As mulheres são verdadeiramente interessadas pelas amigas e querem saber o que elas fazem, o que acontece com suas famílias e o que sentem. Os homens, por outro lado, estão mais interessados na vantagem que a relação com os amigos pode proporcionar. A amizade é mais baseada no cálculo de interesse. Os homens se perguntam, mais do que as mulheres, o que os amigos podem fazer por eles.

Para os cientistas, se as mulheres têm sentimentos mais positivos em relação a seu grupo (mulheres) do que os homens ao deles, isso talvez ocorra porque os homens estão, em geral, em posição de poder e dominância na família e no trabalho. Eis uma razão pela qual as mulheres seriam mais solidárias. Cuidado, no entanto, com a discriminação sexual que também poderia atingir as mulheres em relação aos homens. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Fluxes and constants in the dynamics of friendships**. G. Tampubolon, em *ESRC Research Methods Programme Working Papers*, 25, University of Manchester, 2007.

✱ **Gender differences in automatic in-group bias: why do women like women more than men like men?** L. A. Rudman e S. A. Goodwin, em *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, págs. 494-509, 2004.



16*

Por que os homens não gostam de ver sua identidade sexual questionada?

Eles ficam mais agressivos quando a virilidade é posta em dúvida; mulheres não se afetam

Ao brigar com o marido que levou três meses para trocar uma lâmpada, uma mulher nunca deve dizer: "Você não é homem nem sabe consertar as coisas!". Ao ouvir isso, ele provavelmente vai se mostrar muito mais machista que de costume, até agressivo. Foi o que Robb Willer, professor da Universidade da Califórnia/Berkeley, nos Estados Unidos, descobriu depois de um estudo. Quando sua masculinidade é questionada, os homens a "supercompensam", ou seja, assumem uma atitude extremamente viril como forma de corrigir essa sensação.

Em sua experiência com 111 voluntários, Willer procurou explicar o que leva as pessoas a assumir certas atitudes como "ser a favor da guerra" ou "ser homofóbico". Ele constatou que, quando deixava os participantes menos seguros de sua masculinidade, eles adotavam posicionamentos mais agressivos, como por exemplo apoiar a guerra no Iraque – que ocorria durante a realização do experimento, em 2005. Nessas situações, também se mostravam mais dispostos a comprar carros grandes e se tornavam mais homofóbicos.

A experiência partiu do princípio de que as pessoas gostam de fazer testes de personalidade. O pesquisador propôs a homens e mulheres uma pseudopesquisa sobre identidade sexual. Depois de realizar o teste, Willer mostrou os resultados aos participantes. Porém, as "vítimas" não sabiam que os resultados foram entregues aleatoriamente. Alguns recebiam uma conclusão que dizia: "Suas respostas indicam que você tem uma identidade mais feminina". Outros: "Suas respostas indicam que você tem uma identidade mais masculina".

Em seguida, os participantes deviam responder a uma série de perguntas sobre seus gostos e atitudes. O pesquisador notou que os homens tinham sido fortemente afetados pelos resultados de sua identidade sexual. Curiosamente, aqueles que tiveram a masculinidade questionada respondiam às perguntas de maneira muito mais agressiva que os demais. Também se diziam muito mais contrários ao casamento de homossexuais do que aqueles que receberam a avaliação de que tinham uma identidade sexual masculina. Os que foram induzidos a questionar sua virilidade mostraram mais interesse por carros e se disseram a favor da continuação da guerra no Iraque.

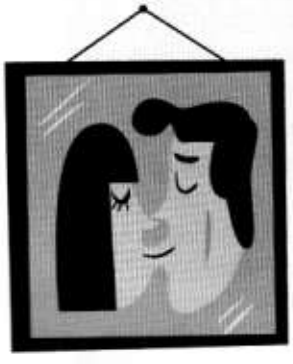
É bem possível que a testosterona induza esse mecanismo. Isso porque nenhum efeito semelhante foi encontrado entre as mulheres participantes do estudo. O fato de fazer com que sua identidade sexual fosse colocada em dúvida não influenciou as atitudes posteriores. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Overdoing gender: a test of the masculine overcompensation thesis**. R. Willer, em *American Sociological Association Meetings*, 2005.

17

Qual o efeito do amor sobre o cérebro deles e delas?



O sentimento é universal e dá origem a fenômenos químicos, psicológicos e comportamentais

De acordo com a psicologia popular, as mulheres são mais românticas, à espera de um príncipe encantado, enquanto os homens estão mais preocupados com as conquistas sexuais. A ciência foi investigar se isso é verdade.

Em 2005, Arthur Aron, da Universidade do Estado de Nova York, selecionou 17 jovens, homens e mulheres, que tinham acabado de se apaixonar. Os psicólogos pediram-lhes que olhassem alternadamente para uma foto da pessoa amada e para uma de outra pessoa. Nesse intervalo de tempo, observaram o cérebro dos participantes por meio de ressonância magnética com o fim de determinar os circuitos de neurônios ativados durante a sensação de "amor romântico".

Os pesquisadores perceberam que a foto da pessoa amada ativava partes do cérebro que não funcionavam quando se tratava da outra foto. Mas observaram principalmente que, dependendo do sexo do participante, o cérebro não se expressava da mesma maneira.

Quando as mulheres pensavam na pessoa amada, as zonas do cérebro ativadas eram as ligadas à recompensa, às emoções e à atenção. Em contrapartida, nos homens notava-se aumento da atividade nas regiões voltadas aos setores visuais e ao impulso sexual.

Parece então que existe uma diferença na "fiação" do cérebro masculino e do feminino no que se refere ao amor romântico. Para os homens, o visual e o sexual apresentam-se muito conectados. Não se pode dizer, por isso, que eles sejam menos românticos. Mas, ao compilar os resultados da pesquisa com outros estudos revelando que eles têm uma inclinação maior por relações de curta duração e são mais impacientes para realizar o ato sexual, se poderia chegar a essa conclusão.

Além das diferenças, os pesquisadores descobriram que, para ambos os sexos, o amor estava ligado às vias de transmissão da dopamina, sistema de recompensa do cérebro. Quando a dopamina se eleva nesse circuito, a atenção é focalizada no objeto que ocasiona a recompensa (prazer), aumentando a motivação para obtê-la. A dopamina vai gerar também sentimentos de exaltação e de êxtase. Tudo isso pode ser encontrado no sentimento amoroso: uma atenção – para não dizer uma fixação –, com pensamentos obsessivos sobre o parceiro, a tal ponto que todo o resto passa para o segundo plano (trabalho, família etc.), e também uma grande motivação para ver a pessoa em questão. Ao contrário de outros afetos, o amor passional não age sobre o sistema emocional, mas sobre o sistema de motivação orientado para a busca de um acontecimento agradável. Provavelmente, obter uma relação com a pessoa por quem se está apaixonado. O amor seria então mais uma motivação ligada ao sistema de recompensa do que emoção pura.

Mas o que é o amor, e para que serve? O amor intenso, também chamado amor romântico, ou paixão, é um fenômeno universal, presente em todos os grupos humanos. Dessa forma, em um estudo abrangendo funcionários de 166 empresas, Jankowiak e Fischer (1992) chegaram à conclusão de que o amor romântico acontecia em 147 delas. Quanto às 19 restantes, se os antropólogos não o encontraram, foi simplesmente porque não fizeram as perguntas certas.

O amor é um programa genético universal que dá origem a fenômenos químicos (dopamina no circuito de recompensa), psicológicos (exaltação, sentimento de privação) e comportamentais (telefonar para o/a amado/a a cada duas horas, dar presentes, fazer amor etc.).

A finalidade do amor pode ser explicada por uma razão darwiniana. O amor existe para permitir que homens e mulheres permaneçam juntos o tempo suficiente para cumprir funções parentais. Contrariamente aos outros mamíferos, os jovens humanos permanecem vulneráveis durante muito tempo. O desenvolvimento de sua autonomia e inteligência exige muitos anos. O amor entre os pais permitiria, assim, dar segurança ao casal durante essa fase em que o filho é muito vulnerável. O fato de as mulheres serem sexualmente disponíveis durante o ano todo reforça esse amor e a afeição entre os cônjuges.

A química do cérebro produz um tipo de vício entre os dois parceiros, agindo sobre a dopamina presente no circuito de recompensa. Se a dopamina aumenta o foco da atenção, para não dizer a perturbação do parceiro, é para facilitar a "formação de casais".

Porém, isso só dura algum tempo. De fato, aos poucos a química do cérebro volta ao funcionamento habitual. O vício pelo outro desaparece progressivamente. O amor romântico tem um tempo limitado e só dura cerca de três anos. As pesquisas mostram que os casais farão menos sexo depois desse tempo. Isso porque o amor gera uma frequência de relações sexuais importante. Portanto, se durante o tempo que durou a paixão não foram gerados filhos, é provável que isso nunca aconteça. Pode significar que o outro não é fértil e que será preciso procurar novo parceiro. Novamente, trata-se de uma questão de adaptação da espécie.

Em segundo lugar, o período de três anos, ou seja, por volta dos dois anos do filho (incluindo a gravidez), corresponde a certa autonomia da criança, quando ela se torna capaz de andar, pegar objetos e alimento e se proteger de um parasita ou um inseto.

Se a paixão não dura para sempre, existem outros fenômenos químicos que podem se instalar reforçando o afeto entre um casal. Passada a fase do vício, da dependência, isto é, da paixão, quando os parceiros se beijam, sorriem um para o outro e fazem amor, há produção de oxitocina, que gera uma sensação de bem-estar e apazigua o corpo (o coração bate mais devagar, a pressão abaixa e o ritmo respiratório diminui). ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Reward, motivation, and emotion systems associated with early-stage intense romantic love**. A. Aron, H. Fisher, D. J. Mashek, G. Strong, H. Li e L. L. Brown, em *Journal of Neurophysiology*, 94, págs. 327-337, 2005.

✱ **Romantic love: a cross-cultural perspective**. W. Jankowiac e E. Fisher, em *Ethnology*, 31, págs. 149-155, 1992.

18

Por que nunca se sabe quando uma mulher está ovulando?

Na maioria dos mamíferos, o cio está associado a sinais externos visíveis



Por que a ovulação das mulheres não é perceptível? Seria muito mais simples para elas se tivessem um indicador confiável e visível da ovulação. Saberiam assim, por exemplo, o momento certo para uma relação sexual se quisessem ter um filho.

Na maioria dos mamíferos, o cio (período de ovulação) está associado a sinais externos visíveis, físicos (por exemplo, vermelhidão da vulva) e comportamentais (por exemplo, interesse aumentado pelo sexo). Basta observar uma gata no cio para saber do que se trata! Mas no ser humano, e de maneira geral nos primatas, a ovulação é dissimulada. O homem nunca sabe exatamente o momento em que uma mulher pode ser fecundada. Essa dificuldade masculina é reforçada pelo fato de a mulher se mostrar atrativa e receptiva sexualmente durante todo o seu ciclo menstrual. O que, do ponto de vista da evolução, deve ter um significado.

Para explicar esse fenômeno, os pesquisadores tiveram muita imaginação para propor várias teorias, que ora se opõem, ora se completam.

"Papai está em casa" foi o nome dado à hipótese formulada por Alexander e Noonan (1979), que têm uma teoria original sobre o fato de a ovulação humana ocorrer de forma oculta. Para eles, essa seria uma tática elaborada pelas mulheres para desviar os homens das relações sexuais extraconjugais, o que as faria correr o risco de perder para outra os recursos trazidos pelo homem. Isso porque, se o homem quiser se assegurar da paternidade de sua prole e expulsar os concorrentes, deverá ficar perto de sua mulher quando ela estiver mais fértil, ou seja, durante o período de ovulação. Como essa fase não é perceptível, ele deverá ficar com sua parceira a maior parte do tempo. Além disso, para confundir os homens, as mulheres são sexualmente receptivas o ano todo.

Para alguns, o fato de a ovulação ocorrer de forma oculta teria a finalidade de prevenir o infanticídio (Sillen-Tullberg e Møller, 1993). Uma característica comum a muitas espécies animais,

como os chimpanzés ou leões, é o assassinato dos filhotes por um macho que venceu o pai e toma posse de suas fêmeas. Dessa maneira, a mãe logo se encontrará no cio e o macho poderá fecundá-la com seus próprios genes. Do ponto de vista da fêmea, isso evidentemente tem custos (tempo e recursos investidos para nada, novos riscos para essa nova gestação e para o parto etc.). Efetivamente, de acordo com a zoologista Sarah Hardy, o fato de a ovulação não ser percebida e de a mulher ser sexualmente receptiva o ano todo teria lhe permitido manter relação sexual com vários homens, sem que nenhum deles tivesse certeza da paternidade. Como os homens tinham dúvidas a esse respeito, diminuía o desejo de infanticídio. Sem esquecer que o fato de ter relações sexuais com vários machos (como acontece entre os bonobos e os chimpanzés) leva a uma competição entre os diferentes espermas e aumenta a probabilidade de a fêmea ser fecundada pelo "melhor" macho. Essa teoria também explica por que as mulheres têm seios de tamanho constante, o que não é o caso em outras espécies de primatas, nas quais os seios se desenvolvem somente quando estão cheios de leite. Como o peito da mulher tem pouca variação de tamanho, é difícil para um homem avaliar quando ela deixou de amamentar e está novamente fértil.

Finalmente, essas duas hipóteses são complementares: a ovulação oculta teria permitido que as mulheres tivessem uma descendência maior evitando o infanticídio e se beneficiando dos recursos e da proteção do homem permanentemente a seu lado. É assim que as relações sociais se organizam, com uma única finalidade: reproduzir-se.

Isso posto, eventualmente os homens podem perceber o período da ovulação. Uma experiência interessante foi realizada por pesquisadores de psicologia da universidade do Novo México, nos Estados Unidos (Miller, Tybur e Jordan, 2007).

Pediram a 18 dançarinas de *lapdance* (um tipo de dança erótica) que preenchessem um questionário na internet durante 60 dias. O documento continha informações das participantes (idade, personalidade, experiência e atitudes no trabalho, uso ou não de anticoncepcionais etc.) e itens a ser preenchidos todos os dias sobre humor, número de horas trabalhadas, quantia de dinheiro ganha, período do ciclo menstrual etc.

Ao analisar os resultados, os pesquisadores constataram uma relação entre o dinheiro ganho e a fase do ciclo menstrual. Em intervalos de cinco horas e durante o período de menstruação, as dançarinas ganhavam gorjetas, em média, de US$ 185; na fase lútea, ou seja, durante a segunda fase do ciclo menstrual, recebiam US$ 260; durante a ovulação, US$ 335. O que corresponde respectivamente a US$ 35, US$ 50 e US$ 70 por hora.

Em uma relação de intimidade, o homem percebe indicadores verbais e corporais sobre o status de fertilidade da mulher

O resultado não foi o mesmo encontrado nas dançarinas que tomavam pílula anticoncepcional, que impede a ovulação. Em contrapartida, todas as mulheres ganharam menos dinheiro durante o período menstrual, quer tomassem pílula ou não.

Quando mulheres e homens se comportam um com o outro de maneira suficientemente íntima, como acontece numa apresentação de *lapdance*, o homem percebe indicadores verbais e corporais que o informam do status de fertilidade da dançarina. Assim sendo, mesmo que a ovulação seja oculta, o homem é um especialista em percebê-la. Singh e Bronstad (2001) foram os primeiros a observar isso.

Em seu estudo, os pesquisadores pediram a mulheres com ciclo menstrual regular e que

não utilizavam anticoncepcionais hormonais que usassem uma camiseta durante três noites seguidas no final da ovulação e em outra fase do ciclo. Os homens, a quem foi pedido que cheirassem as camisetas, acharam mais atraentes e agradáveis os odores durante a fase de ovulação. Essa diferença se manteve mesmo depois de os pesquisadores terem guardado as camisetas em caixas mantidas em baixa temperatura durante uma semana.

Os resultados sugerem que a ovulação não pode ser dissimulada e que, graças aos odores, os homens podem utilizar essa desculpa para selecionar sua "parceira". ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Concealment of ovulation, parental care and human social evolution.** R. Alexander e K. Noonan, em *Evolutionary biology and human social behaviour: an anthropological perspective*, N. I. A. Chagnon e W. Irons. Duxbury, 1979.

✱ **Female body odour is a potential cue to ovulation.** D. Singh e P. M. Bronstad, em *Proceedings of the Royal Society of London. Series B. Biological sciences*, 268, págs. 797-801, 2001.

✱ **Ovulatory cycle effects on tip earnings by lap dancers: economic evidence for human estrus?** G. Miller, J. M. Tybur e B. D. Jordan, em *Evolution and Human Behavior*, 28, págs. 375-381, 2007.

✱ **Sex differences in sexual fantasy: an evolutionary approach.** B. J. Ellis e D. Symons, em *The Journal of Sex Research*, 27, págs. 527-555, 1990.

✱ **The relationship between concealed ovulation and mating systems in anthropoid primates: a phylogenetic analysis.** B. Sillen-Tullberg, A. Møller *American Naturalist*, 141, págs. 1-25, 1993.

19✱

Por que as mulheres assumem mais tarefas domésticas?

Quando os dois cônjuges trabalham, elas dedicam duas vezes mais tempo cuidando da casa que os homens

É certo que, ao perguntarmos "Num casal em que ambos trabalham, quem faz a faxina, lava a roupa e cozinha?", você responderá: "A mulher". E com razão, pois nos casais assalariados (para falar apenas desses) existe uma grande desigualdade na divisão das tarefas domésticas. Diferentes estudos mostram que, quando os dois cônjuges trabalham, as mulheres dedicam em média duas vezes mais tempo às tarefas domésticas e familiares do que os homens. Segundo uma pesquisa francesa sobre o uso do tempo (Brousse, 1999), as mulheres passam, em média, três horas e meia por dia em afazeres domésticos, e os homens, duas horas.

No casal, cada um se especializa nas tarefas mais rentáveis (Becker, 1985). Poderíamos imaginar que, como as mulheres geralmente têm salários menores que os homens, vale mais a pena para o casal que elas se especializem nas tarefas domésticas e os maridos dediquem seu

tempo ao trabalho remunerado. Isso tudo, é claro, no plano puramente econômico. Também vale lembrar que as mulheres que trabalham fora gastam menos tempo em tarefas domésticas do que as que não trabalham (3h55 e 6h45, respectivamente).

No Brasil, as mulheres também são maioria na realização das atividades domésticas. Segundo estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 109,2 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade em todo o Brasil desenvolvem algum tipo de afazeres domésticos. Desse total, 71,5 milhões são mulheres, ou 65,4%. Quanto ao total de horas semanais dispensadas a essas atividades, as mulheres marcaram 25,3 horas e os homens, 9,9.

Segundo pesquisadores australianos e americanos, a contribuição dos cônjuges na renda familiar influencia a divisão do trabalho doméstico: na medida em que as mulheres ganham mais, trabalham menos em casa (Bittman, England, Sayer, Folbe e Matheson, 2003). Porém, isso só é verdade dentro de certo limite, pois na população das mulheres que ganham mais que os maridos (é o caso de 24% dos casais) encontra-se novamente uma disparidade na repartição dos afazeres da casa, sempre com desvantagem para a mulher: os homens só realizam 37% das tarefas domésticas. Nos casais em que o marido ganha mais que a esposa, o índice é de 32%. O que determina tal disparidade não é, portanto, a influência do poder econômico, mas certamente o poder das normas sociais. Uma forma de tradição na divisão das tarefas. E mesmo quando o homem está desempregado, seu tempo de trabalho doméstico é de apenas 1h52, e quase 7 horas para uma mulher na mesma situação.

Em termos de atividades domésticas, homens e mulheres diferem: os maridos são mais especializados em consertos e jardinagem (únicas atividades em que eles ultrapassam as mulheres no tempo gasto). O alto índice de atividades, entretanto, está ligado ao que Brousse (1999) chama de "núcleo pesado", as tarefas ligadas a "cozinha-louça-faxina-roupa", praticadas diariamente pelas mulheres – muito mais que os consertos e a jardinagem pelos homens.

As mulheres que têm um diploma de ensino superior negociam melhor que as outras a colaboração do cônjuge nas tarefas domésticas. Quando uma mulher tem um nível de estudo superior a dois anos de faculdade, os homens aumentam sua participação em 12% nas atividades ligadas ao lar. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Dans les couples de salariés, la répartition du travail domestique reste inégale**. S. Ponthieux e A. Schreiber, em *Données sociales – la société française*, INSEE, págs. 43-51, 2006.

✱ **Human capital, effort, and the sexual division of labor**. G. S. Becker, em *Journal of Labor Economics*, 3, 1985.

✱ **La répartition du travail domestique entre conjoints reste très largement spécialisée et inégale**. C. Brousse, em *France Portrait Social*, ed. 1999-2000, INSEE, págs. 135-151, 1999.

✱ **When does gender trump money? Bargaining and time in household work**. M. Bittman, P. England, L. Sayer, N. Folbe e G. Matheson, em *American Journal of Sociology*, 109, págs. 186-214, 2003.





Sexualidade

O assunto agora é sexo. O ponto em que, não se pode negar, homens e mulheres são mais diferentes. Mas será que tanto assim? Vale lembrar que essa é a área em que componentes culturais e valores das sociedades falam mais alto, ditando diversos comportamentos tanto para eles como para elas. O resto, a ciência explica.

20

Quem fica excitado mais rápido, o homem ou a mulher?

Testes foram feitos durante exibição de filmes pornográficos, observando mudanças de temperatura no corpo

Quem nunca ouviu falar que, em matéria de sexo, as mulheres demoram mais para ficar excitadas que os homens? Pois isso é falso. É o que revelaram os trabalhos realizados recentemente por pesquisadores da Universidade MacGill, especializados em terapia de casal.

Esses psicólogos utilizaram uma câmera de termografia (infravermelha) que detecta a radiação emitida pela temperatura dos objetos e permite medir as variações de 0,001 grau Celsius em alguns milímetros quadrados.

Essa câmera ficou voltada para as partes genitais de 60 voluntários da experiência (homens e mulheres) enquanto assistiam a diferentes trechos de filmes projetados em uma sala do laboratório. Havia um de terror, uma comédia (com o personagem Mr. Bean) e um filme pornográfico – previamente testado e selecionado por ter suscitado o desejo tanto de homens como de mulheres. Enquanto os voluntários assistiam aos filmes, a equipe de pesquisadores observava, com a ajuda de sua câmera, discretamente e a distância, as mudanças de temperatura do corpo.

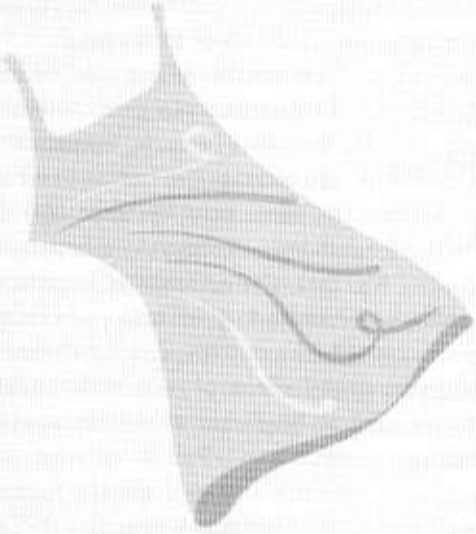
Os resultados mostraram uma diferença de temperatura das zonas genitais em função dos diferentes filmes. Para o conjunto dos participantes, ela atingiu 34°C durante o filme pornô e apenas 32°C na comédia. Em relação às diferenças entre os sexos, constatou-se que a temperatura dos homens e das mulheres começou a subir em 30 segundos. Os homens atingiram a excitação máxima em 664,6 segundos (aproximadamente dez minutos), e as mulheres em 743 segundos – o que é uma diferença estatisticamente insignificante. A conclusão foi que as mulheres despertam sexualmente tão rápido quanto os homens.

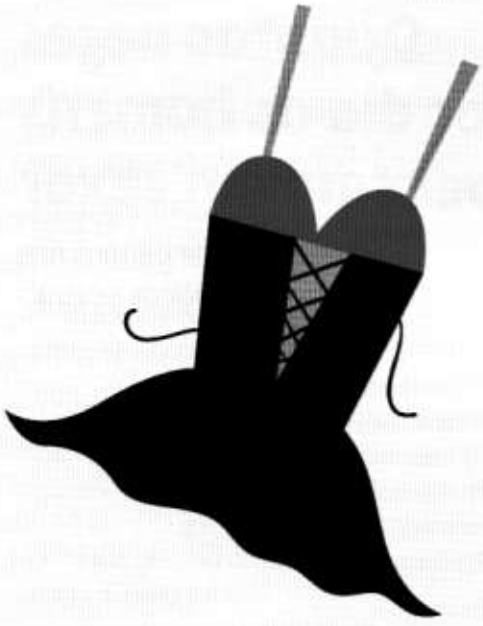
Uma pergunta que os psicólogos ainda se fazem é a seguinte: por que a maioria das pessoas se excita vendo um filme pornográfico? Eis

alguns elementos de resposta. Primeiro, é preciso compreender que a pornografia e, de modo geral, o cinema enganam nosso corpo fazendo-o reagir instantaneamente como se as imagens fossem reais. É a magia do cinema. É a razão pela qual choramos diante de uma cena triste quando sabemos perfeitamente que as pessoas são atores.

Para os pesquisadores, a excitação dos espectadores diante de cenas em que outras pessoas estão tendo relações sexuais poderia ter um interesse "evolucionista". A atividade sexual humana acontece em âmbito privado, e as ocasiões de relações com estranhos são geralmente raras. A excitação do espectador masculino poderá ser vantajosa e permitir ao *voyeur* ficar pronto para suceder o outro, o ativo, aproveitando o fato de a mulher estar ainda disponível. Há uma grande competição entre os espermas. Para as mulheres, a explicação dos zoologistas é um pouco diferente: a visão de um órgão sexual masculino em ereção está normalmente relacionada a uma ocasião para engravidar. Por esse motivo o corpo das mulheres será ativado ao ver o material pornográfico.

A experiência de Kukkonen e de seus colegas não prova que as mulheres gostem de pornografia, mas que seus corpos reagem sexualmente diante de cenas heterossexuais. Aliás, para os pesquisadores, as mulheres são muito menos consumidoras de pornografia em segredo que os homens. É também o que confirma um estudo em que 25% dos homens dizem ter frequentado um site pornográfico na internet nos últimos 30 dias, enquanto as mulheres não passam de 4% (Buzzell, 2005). ✱

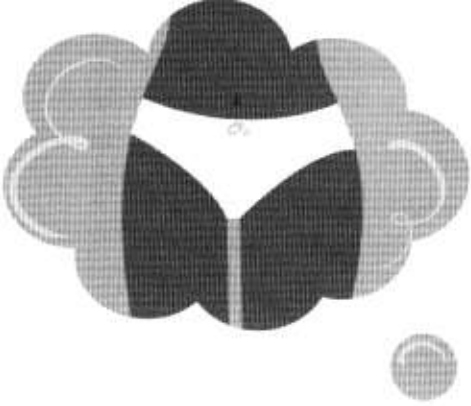




PARA CONHECER MAIS

✱ **Demographic characteristics of persons using pornography in three technological contexts**. T. Buzzell, em *Sexuality and Culture*, 9, págs. 28-48, 2005.

✱ **Thermography as a physiological measure of sexual arousal in both men and women**. T. M. Kukkonen, Y. M. Binik, R. Amsel e S. Carrier, em *Journal of Sexual Medicine*, 4, págs. 93-105, 2007



21

Quantas vezes por dia os homens pensam em sexo?

Diferenças de gênero nas fantasias e práticas sexuais

Não é possível responder diretamente a essa pergunta, mas o que se sabe é que durante um estudo, quando interrogados sobre essa questão, 54% dos homens declararam que pensavam nisso várias vezes por dia. Quanto às mulheres, eram apenas 19%. Ou seja, o triplo (Laumann, Gagnon, Michael, Michaels, 1994).

E no que se refere às fantasias, quais seriam elas? Em 1990, Ellis e Symons pediram a 307 estudantes que respondessem a um questionário sobre suas fantasias sexuais e o que os excitava. Constataram o que se segue:

– Os homens são muito mais suscetíveis a ter fantasias sexuais e ficar excitados ao menos uma vez por dia. As fantasias masculinas colocam em cena várias parceiras, e em particular aquelas com quem eles não desejariam ter um compromisso de longo prazo. As fantasias das mulheres implicam em geral um só parceiro com quem elas estão atualmente ou com quem elas mantiveram uma história de amor e/ou sexual;

– Quando sonham com essas fantasias, as imagens mentais dos homens são constituídas de seios, nádegas e órgãos sexuais, enquanto as das mulheres são dominadas por características pessoais (físicas e comportamentais) dos parceiros e também do contexto emocional do encontro. Nas fantasias masculinas, o contexto é rapidamente deixado para trás para chegar logo ao ato sexual explícito, enquanto para as mulheres o sonho erótico se constrói lentamente e nem sempre implica uma atividade sexual explícita e genital.

Outro estudo investigou quanto homens e mulheres se masturbam. A pesquisa de Laumann revelou que 85% dos homens casados dizem ter se masturbado no ano que passou, para apenas 45% das mulheres.

No que diz respeito ao orgasmo, ele é mais frequente entre eles que entre elas: 75% dos homens declararam ter sempre, enquanto apenas 29% delas. Outro estudo (Janus e Janus, 1993) mostrou que, contrariamente às ideias preconcebidas, apenas 10% dos homens preferem go-

zar depois do sexo oral. Em compensação, esse índice foi de 18% entre as mulheres.

Entre outubro de 2005 e março de 2006, foi realizada uma pesquisa junto a 12.364 franceses com idades entre 18 e 69 anos com o tema sexualidade (Bajos, Bóson, Beltzer, 2005). Nos resultados desse estudo é interessante notar que, quando se fala em sexualidade, para as mulheres ela está relacionada a afeto, aos sentimentos e ao casal, enquanto para os homens a sexualidade "é mecânica". Eles a definem sobretudo a partir de características fisiológicas.

O levantamento revelou que não existe diferença entre as meninas e os meninos em relação à idade de sua primeira relação sexual. As médias de idade foram 17,6 anos para elas e 17,2 para eles. As mulheres afirmam ter tido 4,4 companheiros na vida, os homens, 10. Mas os pesquisadores constataram que as mulheres têm uma tendência a diminuir esse número. Quando perguntaram: "Quem teve mais parceiros sexuais na vida?", 35,4% dos homens responderam "eu", e apenas 11% das mulheres.

O experimento questionou também quantas relações sexuais as pessoas têm por mês. Em média, 8,7. A resposta foi idêntica para homens e mulheres. Em contrapartida, o que se observou como mudança em relação aos estudos anteriores é que as mulheres com mais de 50 anos têm mais relações sexuais que antes, particularmente em 1970.

Se analisarmos esses números e essa média de 8,7, observaremos que o número de relações sexuais varia segundo a idade. Para quem tem entre 18 e 30 anos, o número de relações sexuais por ano é de 112 vezes, em média – ou seja, cerca de uma vez a cada três dias. Entre os que têm entre 30 e 39 anos, essa média cai para 86 vezes. Entre 40 e 49 anos, 69 relações anuais, o que significa uma vez por semana (Piccinino e Mosher, 1998).

Quanto à homossexualidade, hoje ela é mais bem aceita que antigamente (salvo entre os homens com mais de 50 anos). A maioria dos franceses estima que a "homossexualidade é uma sexualidade como outra qualquer". Quanto a praticá-la, entre as pessoas de 18 a 69 anos, 6% das mulheres e 7,5% dos homens que moram na região parisiense declararam ter tido relações homossexuais, contra 3,2% e 2,9% para aqueles que moram em municípios rurais. No decorrer dos últimos 12 meses, 1% das mulheres e 1,6% dos homens declararam ter tido relações com uma pessoa do mesmo sexo.

A pesquisa levantou até o índice de uso da internet para marcar encontros: 9,6% das mulheres e 13,1% dos homens (de 18 a 69 anos) disseram que sim; 6% das mulheres e 10% dos homens com idades de 20 a 24 anos já tiveram relações sexuais com outros internautas usando esses sites.

O levantamento revelou que não existe diferença entre as meninas e os meninos em relação à idade de sua primeira relação sexual

Além disso, 5% dos homens de 20 a 34 anos disseram ter procurado uma prostituta ao menos uma vez nos últimos cinco anos. E 7,4% das mulheres (sobretudo as mais jovens e as mais velhas) tiveram dificuldades para ter um orgasmo. Esse número aumenta muito depois dos 50 anos. O que pode parecer surpreendente é que essas pessoas disseram que isso não impediu sua vida sexual.

Os jovens usam preservativo na primeira relação sexual? Noventa por cento dos homens e mulheres de 18 a 24 anos responderam que sim. O uso desaparece quando a relação dura mais de um ano. Os jovens sem diploma e as pessoas que têm vários parceiros usam menos que os outros. Entretanto, cerca de 20% das

mulheres e dos homens que tiveram três companheiros ou mais não usaram preservativos nos últimos 12 meses. O que leva os pesquisadores a pensar que os esforços de prevenção devem continuar.

Quanto à preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis, a pesquisa revelou que 50% das mulheres entrevistadas e 45% dos homens já fizeram um teste de Aids, e quase 11% o fizeram no ano anterior à realização da pesquisa.

Entre os jovens ouvidos durante o levantamento, de 18 a 24 anos, 3,6% das mulheres e 2,4% dos homens já tiveram resultados positivos para a Chlamydia trachomatis, que provoca infecções genitais.

Para terminar, o estudo revelou que a sexualidade feminina está sempre baseada em uma afetividade maior que a masculina e que ela se define sobretudo em relação ao casal.

Quanto aos homens, observa-se uma maior diversidade de parceiros e uma sexualidade mais física e/ou mecânica. Essas maneiras de viver a sexualidade provocam diferenças nos comportamentos, particularmente em relação ao preservativo, que é menos utilizado pelas mulheres que pelos homens. ✿

22✿ Quem fala a verdade sobre o número de parceiros sexuais?

Os homens declaram um número, as mulheres, outro. Pesquisadores foram buscar a origem dessa disparidade

Quando lemos as pesquisas, observamos que os homens afirmam ter tido relações sexuais mais cedo e em maior número que as mulheres. Essa diferença é sempre surpreendente e leva irremediavelmente à seguinte pergunta: "Com quem os homens têm tantas relações sexuais?". De fato, é difícil saber se são os homens que mentem ou as mulheres... Mas contamos com a engenhosidade dos pesquisadores para descobrir a origem dessa diferença declarada.

Um experimento reuniu 201 solteiros, estudantes, heterossexuais (96 homens e 105 mulheres) com idade entre 18 e 25 anos. Eles responderam a um questionário sobre seus hábitos sexuais e, especialmente, a idade da primeira relação e o número de parceiros que tiveram. Os pesquisadores submeteram a metade dos estudantes a um pseudodetector de mentiras.

Ou seja: os estudantes responderam ao questionário conectados a eletrodos nos braços e pescoço. Disseram-lhes que o detector era muito sensível e podia detectar uma mentira mesmo nas respostas escritas. Os participantes ficaram sozinhos com a máquina em uma sala a fim de responder o questionário. Em outra situação, convenceram os estudantes de que o pesquisador que estava na frente da sala, de porta aberta, poderia ver suas respostas. Havia então uma situação isolada em que os estudantes dificilmente podiam esconder a verdade e

PARA CONHECER MAIS

✯ **Contexte de la sexualité en France**. N. Bajos, M. Bóson e N. Beltzer. Pesquisa realizada pela Agência Nacional de Pesquisas sobre Aids e Hepatites Virais, 2005.

✯ **Sex differences in sexual fantasy: an evolutionary approach**. B. J. Ellis e D. Symons, em *The Journal of Sex Research*, 27, págs. 527-555, 1990.

✯ **The Janus report on sexual behavior**. S. e C. Janus. John Wiley and Sons, 1993.

✯ **The social organization of sexuality: sexual practices in the United States**. E. Laumann, J. H. Gagnon, R. T. Michael e S. Michaels. University of Chicago Press, 1994.

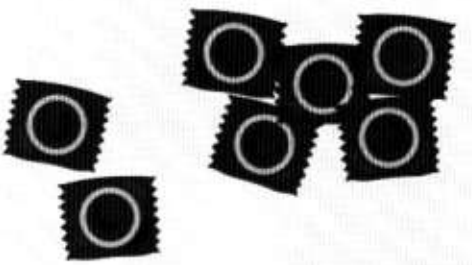
✯ **Trends in contraceptive method use in the United States: 1982-1995**. L. J. Piccinino e W. D. Mosher, em *Family Planning Perspectives*, 30, págs. 4-10, 1998.

outra com uma visibilidade social, na qual os estudantes podiam mentir.

As mulheres que achavam que o que escreviam poderia ser visto por outras pessoas tenderam a dar as respostas mais socialmente aceitáveis em comparação às que acreditavam estar ligadas a um detector de mentiras. Assim, as que pensavam que suas respostas poderiam ser lidas pelo pesquisador disseram ter tido em média 2,6 parceiros sexuais. Em contrapartida, as que imaginavam estar ligadas ao detector e, portanto, não ousaram mentir declararam ter tido uma média de 4,4 parceiros sexuais. Quanto aos homens, as diferenças não foram significativas.

Por que as mulheres nem sempre respondem honestamente sobre o plano sexual? Segundo os psicólogos, elas se adaptam ao que é socialmente esperado no plano do comportamento sexual. Desse modo, elas são menos honestas nas respostas e tendem a dizer o que é socialmente aceito e habitualmente esperado de uma mulher, ou seja, para a maioria dos povos elas não devem ter tantas aventuras.

A maioria dos grupos sociais espera um modo de comportamento sexual diferente da parte dos homens e das mulheres, razão pela qual elas às vezes são levadas a mentir. Elas sentem mais a pressão que as conduz a aderir aos papéis sexuais e aos códigos culturais, especialmente aqueles que desejariam que as mulheres não fossem orientadas demais para a sexualidade, nem provocantes demais. ✯



PARA CONHECER MAIS

✯ **Truth and consequences: using the bogus pipeline to examine sex differences in self-reported sexuality**. M. G. Alexander e T. D. Fisher, em *The Journal of Sex Research*, 40, págs. 27-35, 2003.

23*

Elas têm uma tendência maior ao bissexualismo?

A relação entre manifestação e orientação sexual difere fundamentalmente entre as mulheres e os homens

Para saber sobre isso, a equipe de Meredith L. Chivers, da Universidade de Queen, no Canadá, convidou mais de 100 pessoas para participar de uma experiência em laboratório.

Tratava-se de mulheres e de homens, homossexuais, heterossexuais e transexuais. Os psicólogos avaliaram a orientação sexual de cada um por meio de um questionário. Depois, mostraram aos participantes pequenos trechos de vídeos de dois minutos com cenas de atividades sexuais heterossexuais (penetração vaginal, cunilíngua), homossexuais masculinos (penetração anal, felação) e homossexuais femininos (penetração com vibrador, cunilíngua). Cada participante deveria ver todos esses filmes.

O grau de excitação dos homens foi registrado por intermédio de um anel que, passado em volta do pênis dos participantes, permitia medir as variações e os níveis de circunferência devidos à dilatação do pênis (pletismografia peniana). Quanto às mulheres e aos transexuais, cuja vagina é uma cavidade no períneo feita cirurgicamente, avaliou-se sua manifestação sexual utilizando a pletismografia vaginal, que consiste na colocação de uma sonda que mede o afluxo de sangue, precisamente o nível de obstrução sanguínea da mucosa vaginal, o que indica o nível de excitação sexual.

Após ter avaliado os efeitos, os pesquisadores constataram que os homens haviam respondido de acordo com suas orientações sexuais, o que significa que a dilatação do pênis havia sido maior entre os homens gays quando assistiam a um filme homossexual que para os outros tipos de filmes. A mesma coisa ocorreu para os homens heterossexuais, que preferiram ver o filme hétero. Esse resultado não foi uma surpresa.

Quanto aos transexuais que tinham dito preferir os homens, observou-se mais afluxo sanguíneo vaginal durante os filmes gays. Entre os que haviam afirmado preferir as mulheres, foi registrado o padrão inverso. Em contrapartida, entre as mulheres, homossexuais ou heterossexuais, verificou-se uma orientação mais bissexual. Quer dizer que, embora digam preferir relações com os homens, elas ficaram tão estimuladas sexualmente vendo os filmes com mulheres se relacionando como vendo a excitação dos homens.

Esses resultados sugerem que as mulheres têm um modelo de manifestação não específico às excitações sexuais. Isso não implica que a orientação sexual das mulheres seja, em si, bissexual. Segundo levantamentos, as mulheres não têm mais atividades homossexuais que os homens (Laumann, Gagnon, Michael e Michaels, 1994). Outro estudo sustenta que a grande maioria das mulheres sente mais atração pelos homens que pelas mulheres (Bailei, Dunne e Martin, 2000). O fato de uma mulher ficar excitada ao ver um filme homossexual feminino não coloca portanto em dúvida sua identidade sexual, já que a maioria das mulheres heterossexuais sente essa manifestação. O mesmo não ocorre com os homens.

Um homem heterossexual que se excita ao ver filmes homoeróticos masculinos poderia, segundo os pesquisadores, reconsiderar sua identidade sexual. A relação entre manifestação e orientação sexual difere fundamentalmente

entre as mulheres e os homens. Segundo os pesquisadores, a manifestação sexual genital tem um papel muito menor no desenvolvimento da orientação sexual das mulheres que dos homens. Essas diferenças não devem ser atribuídas ao fato de se ter uma vagina ou um pênis, ainda que os transexuais que preferem homens não mostrem o mesmo padrão que as mulheres, ou seja, eles se comportam como homens, gays ou héteros.

Apesar de que a maioria das mulheres pareça capaz de ter uma manifestação sexual com os dois sexos, por que escolhem um e não o outro? Segundo os pesquisadores, provavelmente por razões diferentes da manifestação sexual. A sexualidade feminina é muito maleável e pode ser motivada por fatores externos, como o desejo de iniciar ou manter uma relação romântica, e por fatores intrínsecos, como a excitação sexual genital pura. Aliás, as fantasias sexuais dos homens são muito mais explícitas que as das mulheres, que são baseadas nas emoções e no romantismo (Zurbriggen e Yost, 2004).

A flexibilidade da manifestação sexual das mulheres demonstra que o cérebro das mulheres e o dos homens são extremamente diferentes. Aliás, os resultados dos transexuais provam que a diferença observada está mais relacionada ao sexo que ao cérebro.

Finalmente, sem afirmar que as mulheres têm uma sexualidade mais bissexual, podemos ao menos dizer que sua manifestação sexual é mais "aberta", menos específica que a dos homens. ✱

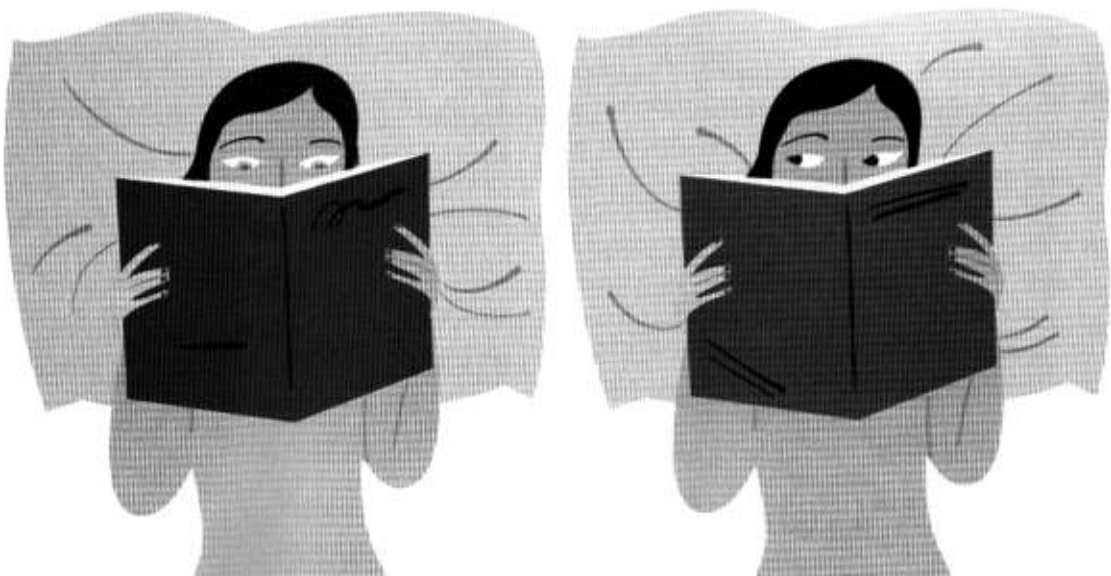
PARA CONHECER MAIS

✱ **A sex difference in the specificity of sexual arousal**. M. L. Chivers, G. Rieger, E. Latty e J. M. Bailey, em *Psychological Science*, 15, págs. 736-744, 2004.

✱ **Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample**. J. M. Bailey, M. P. Dunne e N. G. Martin, em *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, págs. 524-536, 2000.

✱ **Power, desire, and pleasure in sexual fantasies**. E. L. Zurbriggen e M. R. Yost, em *Journal of Sex Research*, 41, págs. 288-300, 2004.

✱ **The social organization of sexuality: sexual practices in the United States**. E. Laumann, J. H. Gagnon, R. T. Michael e S. Michaels. University of Chicago Press, 1994.



24

Sexo faz bem para a saúde?

Diversos estudos apontam que sim, mas não se pode exagerar no excesso de vitalidade, principalmente se a relação for extraconjugal



Um estudo realizado na Alemanha revelou uma estatística interessante: do total de homens que morrem durante uma relação sexual, é mais frequente o óbito quando estão na cama da amantes e não nos braços da esposa.

A pesquisa do Centro de Medicina Legal da Universidade de Frankfurt (Parzeller, Raschka e Bratzke, 1999, 2001) foi realizada tendo como base 30 mil autópsias no decorrer dos últimos 30 anos. Os pesquisadores se interessaram apenas pelas mortes cuja causa fosse uma parada cardíaca no momento de uma relação sexual. Foram 56 homens mortos nessas condições, com idade média de 59 anos.

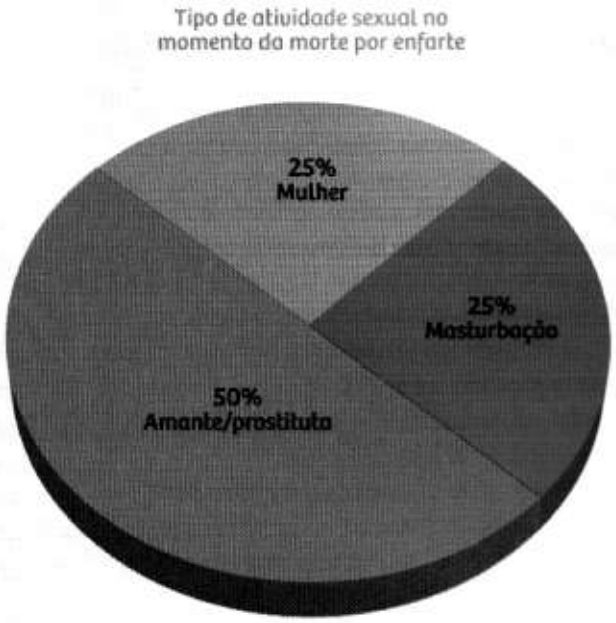
Cruzando os dados, os médicos observaram que a metade desses homens morreu de parada cardíaca enquanto fazia sexo com uma amante ou com uma prostituta. Apenas um quarto deles faleceu no leito conjugal, com a própria mulher. Para o último quarto, tratou-se de um enfarte durante uma masturbação solitária.

Os pesquisadores ainda não encontraram todas as explicações para esse fenômeno, mas sugerem que os homens mostram mais vivacidade em relações extraconjugais. As mulheres envolvidas nessas relações fora do casamento tinham em média 20 anos a menos que eles e eram 13 anos mais jovens que as companheiras legítimas.

A maioria dos homens morreu entre 50 e 69 anos. Entre 20 e 30, é raro o registro de óbitos durante a relação sexual. Entre 40 e 49 anos, o enfarte já é mais comum. A frequência cardíaca atinge 180 batimentos por minuto e a respiratória, 40, e a pressão chega a 20.

No entanto, é preciso relativizar. O risco de morrer de uma crise cardíaca ao fazer sexo é de 2 em 1 milhão para um homem, e 12 vezes menos para uma mulher.

O sexo após os 50 anos não é perigoso nem faz mal à saúde. Ele contribui para a boa qualidade da relação do casal e até melhora a qua-



lidade de vida e a saúde, como demonstram os trabalhos de George Davey Smith e de Stephen Frankel, professores de epidemiologia e de medicina de saúde pública. De 1979 a 1983, 918 homens com idade entre 45 e 59 anos foram recrutados para esse estudo, que analisou a relação entre a frequência do orgasmo e a mortalidade. Os participantes fizeram um exame de saúde incluindo histórico médico, pressão arterial, eletrocardiograma e análises de sangue. Foram interrogados também sobre a frequência orgástica.

No final, descobriu-se que existia uma forte relação entre a periodicidade do orgasmo e o risco de morte. Há 50% menos mortes entre os que declararam ter dois ou mais orgasmos por semana em comparação aos que têm a média de um por mês.

Uma pesquisa sueca sobre longevidade e relações sexuais demonstrou a mesma coisa. Dos cerca de 40 mulheres e homens de 70 anos acompanhados durante cinco anos, a mortalidade foi bem menor entre os homens que mantiveram relações sexuais com idade avançada. Não se observou nenhuma associação entre as relações sexuais e a longevidade entre as mulheres (Persson, 1981).

A ciência não tem mais dúvidas sobre o efeito da atividade sexual sobre o bem-estar geral e a saúde. Vários estudos comprovam as diferentes virtudes do sexo: ele melhora o sono (Ellison, 2000); tem um efeito sobre a "juventude aparente" (Weeks e James, 1998); diminui o risco de endometrite (Meaddough, Olive, Gallup, Perlin e Kliman, 2002); aumenta a fertilidade (Sayle, Savitz, Thorp, Hertz-Picciotto e Wilcox, 2001; Levin, 2002); regula o ciclo menstrual (Cutler, 1991) e alivia as cólicas menstruais (Ellison, 2000). As mulheres e os homens sempre disseram que a atividade sexual alivia suas dores crônicas (Komisaruk e Wipple, 1995; Ellison, 2000) e aumenta a satisfação geral na vida (Weeks, 2002); também reduz o risco de suicídio (Catania e White, 1982) e o estresse (Charnetski e Brennan, 2001) e aumenta a autoestima (Hurlbert e Whittaker, 1991). ✱

PARA CONHECER MAIS

☆ **Feeling good is good for you: how pleasure can boost your immune system and lengthen your life.** C. J. Charnetski e F. X. Brennan. Rodale Press, 2001.

☆ **Five-year mortality in a 70-year-old urban population in relation to psychiatric diagnosis, personality, sexuality and early parental death**. G. Persson, em *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 64, págs. 244-253, 1981.

☆ **Love cycles: the science of intimacy**. W. B. Cutler. Villard Books, 1991.

☆ **Secrets of the superyoung**. D. Weeks e J. James. Berkeley Books, 1998.

☆ **Sex and death: are they related? Findings from the Caerphilly cohort study**. G. D. Smith, S. Frankel e J. Yarnell, em *BMJ*, 315, págs. 1641-1644, 1997.

☆ **Sexual activity during late pregnancy and risk of preterm delivery**. A. E. Sayle, D. A. Savitz, J. M. Thorp, I. Hertz-Picciotto e A. J. Wilcox, em *Obstetrics and Gynecology*, 97, págs. 283-289. 2001.

☆ **Sexual activity, orgasm and tampon use are associated with a decreased risk for endometriosis**. E. L. Meaddough, D. L. Olive, P. Gallup, M. Perlin e H. J. Kliman, em *Gynecologic and Obstetric Investigation*, 53, págs. 163-169, 2002.

☆ **Sexuality in an aged sample: cognitive determinants of masturbation**. J. A. Catania e C. B. White, em *Archives of Sexual Behavior*, 11, págs. 237-245, 1982.

☆ **Sudden cardiovascular death during sexual intercourse – Results of a legal medicine autopsy study**. M. Parzeller, C. Raschka e H. Bratzke, em *Zeitschrift für Kardiologie*, 88, págs. 44-48, 1999.

☆ **Sudden cardiovascular death in correlation with sexual activity-results of a medicolegal post mortem study from 1972-1998**. M. Parzeller, C. Raschka e H. Bratzke, em *European Heart Journal*, 22, págs. 610-611, 2001.

☆ **The physiology of sexual arousal in the human female: a recreational and progreational synthesis**. R. J. Levin, em *Archives of Sexual Behavior*, 31, págs. 405-11, 2002.

☆ **The role of masturbation in marital and sexual satisfaction: a comparative study of female masturbators and nonmasturbators**. D. F. Hurlbert e K. E. Whittaker, em *Journal of Sex Education and Therapy*, 17, págs. 272-282, 1991.

☆ **The suppression of pain by genital stimulation in females**. B. R. Komisaruk e B. Whipple, em *Annual Review of Sex Research*, págs. 151-186, 1995.

☆ **Women's sexualities**. C. R. Ellison. New Harbinger Publications, 2000.



25

Os homens têm um bom motivo para se masturbar?

A frequência ejaculatória diminui o risco de câncer de próstata

Dizem muitas coisas sobre a masturbação: que ela deixa a pessoa surda, cansada, ou ainda que faz crescer pelos na palma das mãos. Entretanto, uma pesquisa recente anunciou notícias melhores, pelo menos para os homens: a ejaculação frequente protege dos riscos de câncer de próstata.

Uma equipe de pesquisadores australianos especializada em câncer da próstata, dirigida por Graham Giles, pediu a 1.019 homens que tinham câncer de próstata que respondessem a um questionário detalhando seus hábitos sexuais. Os resultados foram comparados com as respostas de 1.259 homens saudáveis da mesma idade. A equipe concluiu que quanto mais o homem ejaculou ao se masturbar, entre os 20 e os 50 anos, menos desenvolveu o câncer de próstata. O efeito protetor aumenta com a frequência de ejaculações e é maior quando o homem tem cerca de 20 anos. Ou seja, aqueles que ejacularam mais de cinco vezes por semana quando tinham 20 anos reduziram o risco de desenvolver um câncer de próstata em 30%. Resultado: os meninos não só devem se masturbar frequentemente como devem começar cedo.

O que surpreende nesse estudo é a constatação de que a ejaculação oriunda das relações sexuais não dá a mesma proteção que às devidas à masturbação. Segundo as análises, não existem correlações entre o número de relações sexuais e o risco de câncer de próstata. Esses resultados contradizem os de trabalhos precedentes, que sugeriam que um número elevado de parceiros sexuais ou uma frequência importante de atividade sexual aumentariam em 40% o risco de câncer de próstata.

Então, por que tal discrepância entre esses dois estudos? A diferença principal é que os estudos precedentes levavam em conta a atividade sexual unicamente através das relações sexuais, e não a masturbação. As relações com outra pessoa aumentam a probabilidade de infecção e, segundo os pesquisadores, podem também intensificar o risco de câncer de próstata. Além disso, é preciso que essas relações sejam muito abundantes e automaticamente concluídas com a ejaculação para provocar a mesma proteção que a masturbação.

Outra questão é por que ejacular frequentemente reduziria o risco de câncer. A explicação encontrada é que a ejaculação impediria os carcinógenos de se acumular na glande. A próstata, como as vesículas seminais, secretam a parte fluida do esperma, que é rico em substâncias como potássio, zinco, frutose e ácido cítrico. Produzir esse fluido implica concentrar esses componentes 600 vezes mais do que no sangue. Assim, é provável que a estagnação deles possa ser um fator de câncer.

Giles chamou isso de "hipótese prostática de estagnação". Quanto mais o homem emite esperma, menor a paralisação desses elementos que correm o risco de amadurecer e danificar as células da próstata. Outra teoria é que a drenagem frequente do fluido prostático bloquearia as formações das microcalcificações associadas ao câncer de próstata (Leitzmann, Platz, Stampfer, Willet e Giovannucci, 2004).

Esses resultados poderiam ser comparados com o câncer de mama. Estudos recentes mostraram que a amamentação reduz o índice de câncer de mama. Poderíamos então especular que aqui também os carcinógenos seriam evacuados graças à amamentação.

Um segundo estudo, americano, confirma o primeiro. Foram acompanhados 30 mil homens durante oito anos. Os resultados mostraram que aqueles que haviam ejaculado em média 21 vezes por mês reduziram os riscos de câncer em um terço em relação ao grupo de referência (composto por homens que ejaculavam em média quatro a sete vezes por mês). Um aumento de três ejaculações por semana leva, portanto, a uma diminuição de 15% do risco de câncer de próstata. Para começar a ter o benefício da proteção é preciso 12 ejaculações por mês, uma média de uma a cada dois dias.

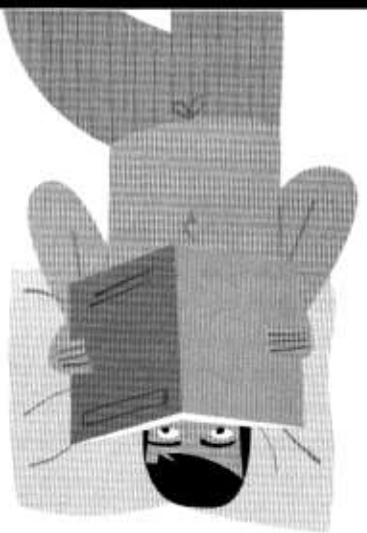
Entretanto, os estudos mostram que o benefício trazido pela ejaculação não é tão importante em relação à forma mais perigosa da doença, na qual ocorre metástase. Ela se verifica melhor em relação aos cânceres "confinados" ou de crescimento lento. ✱

26 Por que os espermatozoides apostam corrida?

O medo de ver o próprio esperma suplantado pelo de um outro leva os homens a comportamentos surpreendentes

Existe uma competição sexual entre indivíduos de uma mesma espécie. O homem está sempre procurando aumentar seu sucesso reprodutivo. Por isso, eles concorrem para tentar aumentar as chances de seduzir suas companheiras. Essa competição pode ter várias facetas. Hoje é raro o combate físico. No entanto, quando há um homicídio, constata-se que os motivos são ora o ciúme, ora a competição pelo status (Wilson e Dali, 1997). O homem do século XXI busca o prestígio pessoal não mais pelo número de cabeças cortadas dos adversários, mas principalmente graças aos diplomas, aos diferentes talentos e à acumulação de dinheiro, que permitem obter esses famosos recursos.

Como a mulher pode ser fecundada apenas alguns dias por ciclo, ela pode, se tiver relações sexuais com dois homens diferentes durante esse período, manter dentro dela o esperma dos dois. Cerca de 20% das mulheres britânicas interrogadas por uma pesquisa declararam que poderiam ter sido duplamente fecundadas durante as 50 primeiras relações sexuais de sua vida (Baker e Bellis, 1995). Durante essa "janela", ocorre uma competição entre os espermas (Shackelford, Pound e Goetz, 2005). Encontramos uma adaptação da quantidade e da qualidade de esperma antes da ejaculação que dependerá do risco de competição entre espermas adversários.



PARA CONHECER MAIS

Ejaculation frequency and subsequent risk of prostate cancer. M. F. Leitzmann, E. A. Platz, M. J. Stampfer, W. C. Willett e E. Giovannucci, em *The Journal of the American Medical Association*, 291, págs. 1578-1586, 2004.

Sexual factors and prostate cancer. G. G. Giles, G. Severi, D. R. English, M. R. E. Mccredie, R. Borland e P. Boyle, em *British Journal of Urology International*, 92, pág. 211, 2003.

Baker e Bellis (1989) constataram isso ao examinar as ejaculações de 35 homens separados de suas parceiras. Ao analisar o esperma recolhido após a relação, observaram que, quanto mais espaçadas as relações, maior número de espermatozoides é expelido pelo homem.

Quando analisaram as ejaculações ligadas à masturbação e não à copulação, não observaram esse efeito, o que tende a confirmar a hipótese da competição entre os espermas.

Os homens que haviam se separado de suas companheiras ejacularam quase duas vezes mais espermatozoides que os homens que permaneceram com as suas. Os pesquisadores também constataram que os separados ejacularam muito mais "esperma bloqueador", um fluido estéril que tem por finalidade atrapalhar a progressão dos espermatozoides de um potencial rival masculino. Os pesquisadores chamaram essa semente de "esperma camicase".

A competição entre os homens começa muito cedo. O risco de ver o próprio esperma suplantado pelo de um outro leva a comportamentos surpreendentes. O primeiro se refere ao próprio formato do pênis, que teria evoluído para retirar o esperma de seus adversários. Gallup, professor da Universidade de Nova York, tem uma teoria muito interessante sobre o assunto. Ele demonstrou que a forma do pênis (glande proeminente) e o movimento de entra e sai efetuado pelo homem na hora da relação sexual serviriam para retirar o esperma eventualmente depositado por outros antes dele nos órgãos genitais de sua parceira. É a teoria do pênis-colher (Gallup, Burch, Zappieri, Parvez, Stockwell e Davis, 2003).

Com uma equipe de estudantes, eles testaram sua hipótese de maneira artificial utilizando falos de látex, uma vagina artificial e uma mistura de amido constituído de fécula de milho e água. Notaram que, quando 75% do falo é introduzido na vagina, a protuberância da glande ("crista") permite deslocar 40% dos fluidos viscosos para as bordas externas da vagina. Quando vai até o fundo, é capaz de retirar mais de 90% da fécula de milho. Em compensação, um homem com uma glande sem crista só consegue retirar 35%.

Gallup obteve dados compatíveis com sua hipótese, embora artificiais, mas constatou também que, em condições de suspeita de infidelidade das mulheres, os namorados ou maridos modificaram seu comportamento sexual de modo a limpar a vagina de um eventual esperma estranho.

Ao realizar uma pesquisa anônima com 600 estudantes, Gallup e seus colegas (2003) constataram que os rapazes mudavam a forma de utilizar o pênis de acordo com as modalidades compatíveis com a hipótese de limpeza. Assim, depois das informações sobre a infidelidade de sua mulher ou ainda após terminar o relacionamento com a parceira (contextos nos quais a probabilidade de esperma rival presente no aparelho genital é relativamente mais elevado), os homens e as mulheres declararam que o parceiro masculino introduziu o pênis mais profundamente e de maneira mais rápida durante a relação.

Quanto às mulheres infiéis, elas esperam em geral ao menos 48 horas antes de ter novamente relações sexuais com seus parceiros habituais (Gallup, Burch e Mitchell, 2006). ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Human sperm competition**. R. R.Baker e M. A.Bellis. Chapman and Hall, 1995).

✱ **Kamikaze sperm in mammals?**. R. R. Baker e M. A Bellis, em *Animal Behaviour*, 36, págs. 936-939, 1988.

✱ **Life expectancy, economic inequality, homicide, and reproductive timing in Chicago neighbourhoods**. M. Wilson e M. Daly, em *British Medical Journal*, 314, págs. 1271-1274, 1997.

✱ **Number of sperm in human ejaculates varies in accordance with sperm competition theory**. R. R. Baker e M. A. Bellis, em *Animal Behaviour*, 37, págs. 867-869, 1989.

✱ **Psychological and physiological adaptations to sperm competition in humans**. T. K. Shackelford, N. Pound e A. T. Goetz, em *Review of General Psychology*, 9, págs. 228-248, 2005.

✱ **Semen displacement as a sperm competition strategy multiple mating, self-semen displacement, and timing of in-pair copulations**. G. G. Gallup, R. L. Burch e T. J. B. Mitchell, em *Human Nature*, 17, págs. 253-264, 2006.

✱ **The human penis as a semen displacement device**. G. G. Gallup, R. L. Burch, M. L. Zappieri, R. A. Parvez, M. L. Stockwell e J. A. Davis, em *Evolution and Human Behavior*, 24, págs. 277-289, 2003.



27

Eles sempre preferem as relações breves e elas, o casamento?

Razões evolutivas explicariam por que diferentes sociedades registram o mesmo padrão

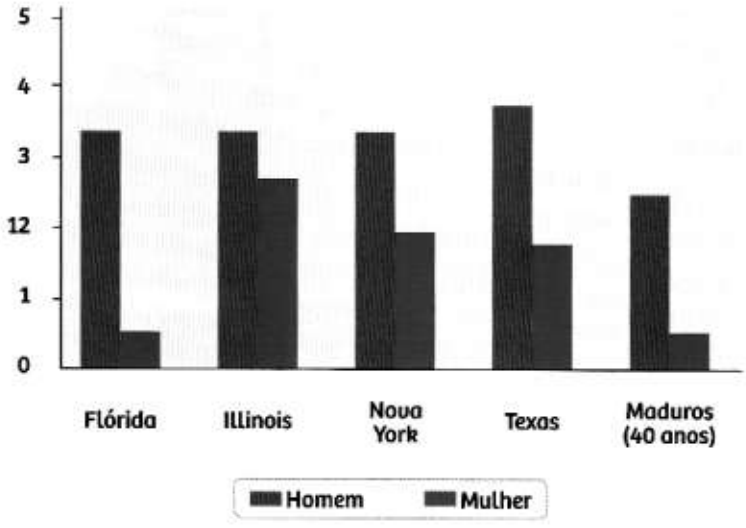
Dizem muitas vezes que, contrariamente às mulheres, os homens na maior parte do tempo buscam apenas sexo e evitam comprometer-se com uma relação de longo prazo. Já as mulheres sonhariam com mais frequência que os homens com um pedido de casamento.

A ciência comprova o dito popular. Essa verdade foi evidente em todas as pesquisas que se voltaram para a questão. Elas demonstraram que os homens estão mais interessados que elas em uma relação breve, o que expressa o desejo masculino orientado mais para o sexo. As mulheres procuram relações românticas baseadas em uma troca emocional profunda, como vemos nas relações matrimoniais, ou seja, compromissos de longo prazo (Buss e Schmitt, 1993).

Ao analisar 177 estudos sobre o modo de relação homens/mulheres, Oliver e Hyde chegaram à conclusão, em 1993, de que os homens buscam mais oportunidades sexuais e relacionamentos passageiros que elas.

Em um estudo realizado nos Estados Unidos, perguntaram para mais de mil estudantes de ambos os sexos e de diferentes estados

Média do desejo de relações de curto prazo para os mulheres e os homens segundo lugar e idade



se eles estavam, na época, buscando parceiros para relacionamentos passageiros. As pessoas deviam responder numa escala graduada de 1 ("Atualmente não procuro ninguém) a 7 ("Atualmente procuro intensamente"). Como o comportamento dos jovens pode ser diferente dos de pessoas mais velhas, os pesquisadores pediram a pessoas de 40 anos que também respondessem ao mesmo questionário.

Os resultados mostraram que sim, eles preferem os relacionamentos passageiros. Entre as pessoas mais maduras, esse nível é menor, mas ainda se constata uma distância grande entre homens e mulheres no plano da qualidade da relação buscada (*ver gráfico*).

Os homens têm mais aventuras que as mulheres (Weiderman, 1997). Eles dizem ter duas vezes mais relações extraconjugais que elas (Johnson, Gagnon, Michael e Michaels, 1994). Observamos também essa diferença entre homossexuais: os homens gays têm de quatro a seis vezes mais parceiros que as lésbicas. A relação extraconjugal também é mais frequente entre eles. Para as lésbicas, isso é um evento isolado (Blumstein e Schwartz, 1983).

Outra conclusão do estudo é que os homens procuram mais vezes prostitutas que as mulheres – independentemente de ser garoto ou garota de programa (Burley e Symanski, 1981; Symons 1979). Isso em tese satisfaria a necessidade de variedade sexual dos homens (Bess e Janus, 1976).

Outra pergunta feita foi quem, entre o homem e a mulher, em uma relação nova, revela primeiro ao outro que quer ter uma relação sexual. A resposta é o homem. Eles precisam de menos tempo que elas para consentir em realizar o ato sexual (Schmitt e outros, 2001).

A fim de estudar esse comportamento masculino, Clark e Hatfield (1989), dois pesquisadores americanos, realizaram um estudo "arriscado" com estudantes da universidade. Pediram a um deles (mulher, depois homem) que abordasse um estudante do sexo oposto dizendo-lhe: "Faz vários dias que eu o observo no campus e queria lhe dizer que acho você muito atraente". O(a) estudante devia em seguida fazer três perguntas à pessoa abordada: "Você aceita sair comigo esta noite?. Ou: "Você aceita vir ao meu apartamento esta noite?" ou,

mais diretamente: "Você quer dormir comigo esta noite?".

Clark e Hatfield constataram que os homens e as mulheres respondiam de modo muito diferente a essas perguntas. Os homens aceitavam um pouco mais que as mulheres os encontros com um desconhecido (56% contra 50%). Em compensação, a diferença foi nitidamente maior quando se tratava de aceitar ir ao apartamento do desconhecido (69% deles e só 6% delas), ou, ainda, de ter uma relação sexual com o desconhecido (75% dos homens e 0% das mulheres).

Outro estudo comprovou a preferência masculina por ter mais parceiras sexuais que as mulheres. Em 2003, David P. Schimitt fez um amplo levantamento interrogando 16 mil pessoas de ambos os sexos, de 50 países. Perguntou idealmente quantos parceiros sexuais cada um gostaria de ter tido (no mês passado, nos seis últimos meses, no último ano e em 30 anos). Os resultados diferiram brutalmente entre homens e mulheres. No mês passado, os homens queriam ter tido em média duas parceiras, e as mulheres, 0,8. Em 30 anos, eles desejavam ter tido em média 6,6 parceiras e as mulheres, 2,5.

Por que essa norma na maioria das sociedades? Mesmo nas culturas ditas igualitárias, os homens e as mulheres buscam, nesse ponto, objetivos bastante diferentes. Para alguns, seria um aprendizado: observando nossos "pares" aprenderíamos a funcionar como eles (Bandura, 1977). Para outros, as razões poderiam estar relacionadas à evolução: se os homens ainda procuram relações passageiras, é que em um passado longínquo, eles obtiveram mais benefícios, em termos de reprodução, agindo dessa forma. Isso porque, para um homem, apenas dar seu esperma é o nível mínimo de investimento parental. Até porque outra pesquisa comprovou que, de fato, os homens se dedicam muito menos que as mulheres na educação dos filhos – em todas as culturas (Low, 1989).

Para uma mulher, uma relação sexual é muito comprometedora, pois pode levar a uma gravidez, o que teria um custo físico evidente. Além dos riscos relacionados ao parto, será preciso depois amamentar o bebê, e depois um investimento materno que continuará por vários anos. Entre as mulheres, ter muitas relações em um período de tempo muito curto pode representar outros tipos de custos importantes, como adquirir uma "má" reputação social que pode influenciar a oportunidade de encontrar um companheiro para longo prazo. Se essa relação for extraconjugal, ela poderá sofrer a rejeição de seu companheiro legítimo, correndo risco de sofrer uma reação violenta e perder os recursos e a proteção do marido. Além disso, há os riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis, maiores no sentido homem-mulher que no inverso. Isso pelas seguintes razões: a superfície de mucosa exposta (colo e vagina) é maior que no homem, e o esperma fica estagnado várias horas na vagina. Além disso, a concentração viral é muito mais elevada no esperma que nas secreções vaginais. Enquanto contávamos uma mulher atingida pelo HIV para cinco homens no início dos anos 1990, em 2001 havia uma mulher para 2,8 homens (*Bulletin épidémiologique hebdomadaire*, de 27 a 2 de julho de 2002). E esse número continua a crescer: em 2003, de 13.260 testes positivos depois de relações heterossexuais, 5.133 eram homens e 8.127, mulheres. Para finalizar, o tratamento contra o vírus é bem menos tolerado entre as mulheres, e constata-se que de 20% a 40% das soropositivas

Para uma mulher, uma relação sexual é comprometedora, pois pode levar a uma gravidez, o que teria um custo físico evidente

têm lesões de colo do útero que podem evoluir para um câncer – lesões observadas em apenas 3% das mulheres soronegativas.

Podemos então compreender por que as mulheres costumam ser mais cuidadosas antes de ter uma relação sexual e correr esses diferentes riscos. Entre todos os mamíferos, os machos tendem a ser mais orientados para relações passageiras que as fêmeas (Trivers, 1985). Também no reino animal, entre os machos os custos associados são pequenos, o que não é o caso das fêmeas. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **American couples**. P. Blumstein e P. Schwartz. William Morrow, 1983.

✱ **Are men really more "oriented" toward short-term mating than women? A critical review of theory and research**. D. P. Schmitt, T. K. Shackelford e D. M. Buss, em *Psychology, Evolution and Gender*, 3, págs. 211-239, 2001.

✱ **Cross-cultural patterns in the training of children: An evolutionary perspective**. B. S. Low, em *Journal of Comparative Psychology*, 103, págs. 311-319, 1989.

✱ **Extramarital sex: prevalence and correlates in a national survey**. M. W. Weiderman, em *Journal of Sex Research*, 34, págs. 167-174, 1997.

✱ **Gender differences in receptivity to sexual offers**. R. D. Clark e E. Hateld, em *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 2, págs. 39-55, 1989.

✱ **Gender differences in sexuality: a metaanalysis**. M. B. Oliver e J. S. Hyde, em *Psychological Bulletin*, 114, págs. 29-51, 1993.

✱ **HIV/AIDS surveillance report: HIV infection and Aids in the United States**. Centres for Disease Control and Prevention, 2003.

✱ **Prostitution**. B. E. Bess e S. S. Janus, em *The Sexual Experience*, B. J. Sadock e outros (ed.), Williams and Wilkins, 1976.

✱ **Sexual lifestyles and HIV risk**. A. M. Johnson, J. Wadsworth, K. Wellings, S. Bradshaw e J. Field, em *Nature*, 360, págs. 410-412, 1992.

✱ **Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating**. D. M. Buss e D. P. Schmitt, em *Psychological Review*, 100, págs. 204-232, 1993.

✱ **Social evolution**. R. L. Trivers. Benjamin/Cummings, 1985.

✱ **Social learning theory**. A. Bandura. Prentice Hall, 1977.

✱ **The desire for sexual variety as a key to understanding basic human mating strategies**. D. P. Schmitt, T. K. Shackelford, J. Duntley, W. Tooke e D. M. Buss, em *Personal Relationships*, 8, págs. 425-455, 2001.

✱ **The evolution of human sexuality**. D. Symons. Oxford University Press, 1979.

✱ **The social organization of sexuality**. E. O. Laumman, J. H. Gagnon, R. T. Michael e S. Michaels. University of Chicago Press, 1994.

✱ **Universal sex differences in the desire for sexual variety: tests from 52 nations, 6 continents, and 13 islands**. D. P. Schimitt, em *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, págs. 85-104, 2003.

✱ **Women without: an evolutionary and cross-cultural perspective on prostitution**. N. Burley e R. Symanski, em *The immoral landscape: female prostitution in Western societies*. R. Symanski. Butterworth, págs. 239-274, 1981.

28

Os homens ficam mais excitados que as mulheres diante de imagens pornográficas?

Cérebro masculino trata as informações visuais diferentemente do feminino. Macacos têm o mesmo comportamento

Diz-se muitas vezes que os homens têm uma sexualidade mais "visual" que as mulheres. Ou seja, eles teriam mais prazer em assistir a um strip-tease ou a filmes pornôs que as mulheres. A fim de verificar essa hipótese, pesquisadores se perguntaram como reagiria o cérebro dos homens e das mulheres diante das imagens sexuais, e se existiriam diferenças entre eles (Hamann, Herman, Nolan e Wallen, 2004).

No estudo, 14 participantes masculinos e 14 femininos deveriam olhar vários tipos de imagens sexuais durante 30 minutos. Os participantes tinham de dizer o quanto haviam achado as fotos atraentes. Acompanharam também a atividade cerebral dessas pessoas através de ressonância magnética.

Mesmo quando os homens e as mulheres declararam ter apreciado do mesmo modo as imagens, os resultados mostraram níveis de ativação sensivelmente mais elevados na amígdala cerebral dos homens que na das mulheres. Essa estrutura cerebral provoca e controla as emoções e a motivação.

Essa nova pesquisa revelou que os homens ficaram mais excitados com estímulos sexuais visuais, mostrando que o cérebro masculino trata as informações visuais diferentemente do feminino. Segundo os pesquisadores e a teoria da evolução, o cérebro dos homens se desenvolveu desse modo pois teria tido uma vantagem nisso: reconhecer rapidamente a receptividade de uma mulher (fêmea) graças a informações visuais e de modo a maximizar as ocasiões de copulação, aumentando assim as chances de transmitir seus genes.

Além disso, uma experiência realizada com macacos estabeleceu que o homem não é o único primata que mostra interesse pelas imagens sexuais. Quatro macacos machos adultos foram colocados diante de computadores (Deaner, Khera, Platt, 2005). Eles podiam clicar nas pequenas fotos para aumentá-las. O fato de clicar nas imagens permitia aos macacos ganhar mais ou menos suco de maçã, dependendo das imagens. Sabe-se que os macacos adoram esse suco. Os macacos compreenderam e aprenderam rapidamente quais fotos lhes permitiam receber o suco.

Os pesquisadores ficaram surpresos ao constatar que os macacos clicavam frequentemente em certas imagens, embora estas lhes dessem pouco suco de maçã. Tratava-se de fotos mostrando nádegas de macacos fêmeas. Eram as imagens que os macacos preferiam olhar, mesmo correndo o risco de não ganhar a recompensa.

Podemos nos perguntar até que ponto encontramos essa mesma dependência no homem. Se, diante das fotos de caráter sexual, as estruturas cerebrais responsáveis pelas emoções e motivações são mais ativadas nos homens que nas mulheres, é provável que eles sejam mais "espreitadores" que elas. Ou seja, estão sempre

à espera para ver um pedaço de coxa ou uma nádega, e isso os excitará bem mais do que aconteceria com elas. Assim, embora isso não tenha sido diretamente avaliado nos estudos citados, podemos deduzir que os homens assistem a mais filmes pornográficos que as mulheres.

Para reforçar isso, outra pesquisa constatou que 25% dos homens dizem ter frequentado um site pornográfico na internet nos últimos 30 dias enquanto as mulheres não passaram de 4% (Buzzell, 2005). ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Demographic characteristics of persons using pornography in three technological contexts**. T. Buzzell, em *Sexuality and Culture*, 9, págs. 28-48, 2005.

✱ **Men and women differ in amygdala response to visual sexual stimuli**. S. Hamann, R. A. Herman, C. L. Nolan e K. Wallen, em *Nature Neuroscience*, 7, págs. 411-6, 2004.

✱ **Monkeys pay per view: adaptative valuation of social images by rhesus macaques**. R. O. Deaner, A. V. Khera e M. L. Platt, em *Current Biology*, 15, pág. 27, 2005.



29 ✱

As mulheres que fazem amor com um homem bonito têm mais chances de atingir o orgasmo?

Explicação é evolutiva: beleza física é vista como indício de melhor qualidade genética

Vocês sabiam que as mulheres que fazem sexo com um homem bonito têm mais chances de atingir o orgasmo do que se o parceiro tiver um físico menos atraente? É o que demonstraram os pesquisadores da Universidade da Flórida em 2000 (Shackelford, Shackelford, LeBlanc, Bleske, Euler e Hoier).

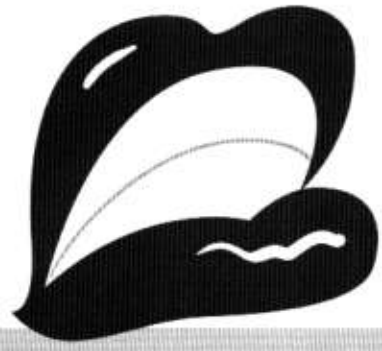
O estudo foi realizado com 388 mulheres na Alemanha e nos Estados Unidos, com idade entre 17 e 62 anos. Elas tiveram de responder a um questionário sobre suas relações. Perguntaram-lhes se tinham tido um orgasmo na última relação sexual. E também sobre a "atratividade" do companheiro, ou seja, se ele era bonito e atraente sexualmente. As mulheres deviam responder segundo uma escala de 9 pontos, indo do "nem um pouco" a "extremamente".

Ao analisar os resultados, os pesquisadores observaram que, quanto mais o homem era considerado atraente e bonito, mais as mulhe-

res afirmavam ter tido orgasmos na relação. Isso também foi demonstrado por outro trabalho, no qual se constatou que as mulheres com companheiros fisicamente sedutores declararam ter tido, na proporção, mais orgasmos nas relações sexuais que aquelas mulheres cujo companheiro era menos atraente (Thornhill, Gangestad e Comer, 1995). Nesse trabalho, os pesquisadores haviam usado a simetria do rosto como critério de beleza.

Esses resultados podem parecer lógicos, ainda que possamos questionar a natureza exata do mecanismo. Não necessariamente os homens bonitos seriam melhores amantes. Segundo os pesquisadores, esse mecanismo buscaria sua explicação no passado longínquo das mulheres e seria adaptativo. Se elas têm mais orgasmos com homens bonitos, seria para melhor reter o esperma dos homens com os melhores genes. Isso porque as contrações vaginais provocadas pelo orgasmo feminino permitem conservar melhor o esperma dos melhores genitores.

Foi demonstrado que os homens com rosto menos simétrico têm menos parceiras sexuais, têm QI menor, entram mais em depressão, são mais ansiosos e desenvolvem mais doenças, como gripes, insônia ou dores de cabeça (Shackelford e Larsen, 1997; Manning, Koukourakis e Brodie, 1997). Assim, no estudo de Thornhill e seus colegas, a simetria do rosto indica um genoma de qualidade, prova de que o crescimento foi feito de modo harmonioso e o desenvolvimento foi estável. Em uma grande variedade de espécies, incluindo aí os seres humanos, a simetria é preferida à assimetria, certamente porque se trata de um sinal de qualidade genética e de desenvolvimento. Os pesquisadores também demonstraram que os homens e as mulheres das regiões do mundo mais expostas aos parasitas são mais sensíveis à beleza que os habitantes das regiões menos infestadas, certamente porque a beleza reflete a capacidade de o organismo resistir às infecções (Gangestad e Bus, 1993; Thornhill e Gangestad, 1993). ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Facial asymmetry as an indicator of psychological, emotional, and physiological distress**. T. K. Shackelford e R. J. Larsen, em *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, págs. 456-466, 1997.

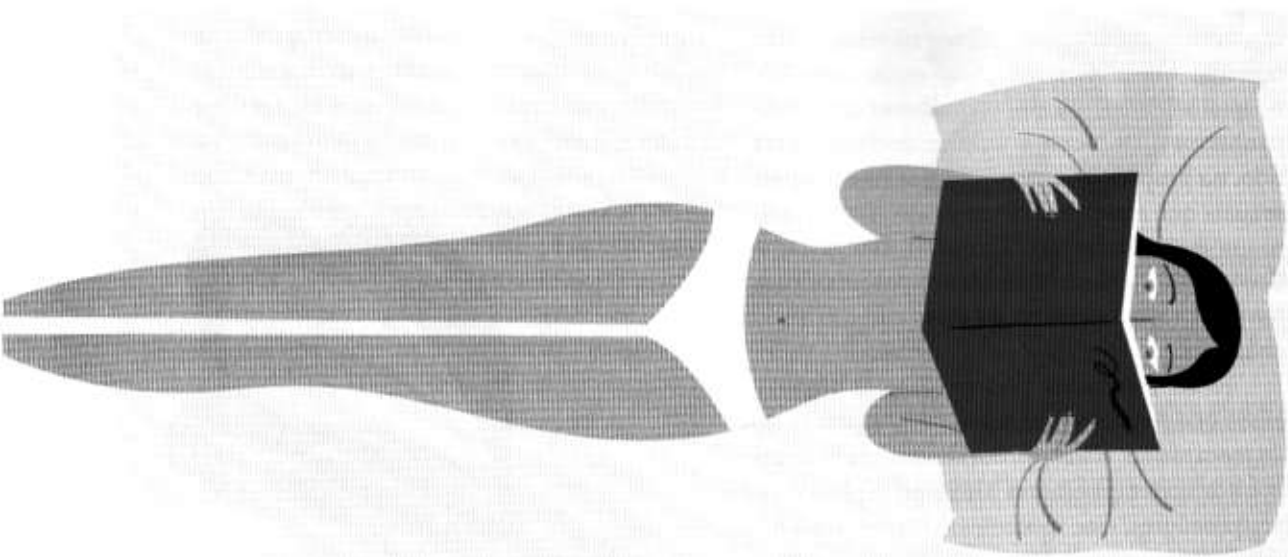
✱ **Female coital orgasm and male attractiveness**. T. K. Shackelford, V. A. W. Shakelford, G. L. Leblanc, A. L. Bleske, H. A. Euler e S. Hoier, em *Human Nature*, 11, págs. 299-306, 2000.

✱ **Fluctuating asymmetry, metabolic rate and sexual selection in human males**. J. T. Manning, K. Koukourakis e D. A. Brodie, em *Evolution and Human Behavior*, 18, págs. 15-21, 1997.

✱ **Human facial beauty: averageness, symmetry and parasite resistance**. R. Thornhill e S. W. Gangestad, em *Human Nature*, 4, págs. 237-269, 1993.

✱ **Human female orgasm and mate fluctuating asymmetry**. R. Thornhill, S. W. Gangestad e R. Comer, em *Animal Behaviour*, 50, págs. 1601-1615, 1995.

✱ **Pathogen prevalence and human mate preferences**. S. W. Gangestad e D. M. Buss, em *Ethology and Sociobiology*, 14, págs. 89-96, 1993.



30*

O que os homens olham primeiro nas mulheres?

O cérebro masculino e o feminino reagem de modo diferente diante de estímulos sexuais

Se fizermos essa pergunta a um homem, ele provavelmente vai responder "os olhos", enquanto, na realidade, vai olhar discretamente para o traseiro de uma mulher. Certo? Inversamente, as mulheres vão olhar primeiro o rosto ou as mãos dos homens. Para ver se o estereótipo se confirma, foram feitos dois estudos sobre o assunto.

O primeiro, realizado por Franzoi e Herzog em 1987, nos informa que o que "interessa" mais os homens é primeiro os seios (28%), em seguida as nádegas (24%), depois as partes genitais (21%) e enfim as pernas (18%). A pressão pela reprodução é tanta entre os homens que são as características sexuais que despertarão mais interesse.

Quanto às mulheres, se elas dizem dar importância às pernas, aos olhos, à boa saúde e aos odores dos homens, as partes que elas acham mais estimulantes sexualmente são em primeiro lugar o dorso/peito (51%), o pênis (23%), as pernas (17%) e as nádegas (9%). O peito deve ser peludo (92% de preferência em relação a um peito sem pelos (8%) e o pênis deve ser circuncidado: 89% contra 11% de preferência (Wildman, Wildman II, Brown e Trisse, 1976).

O coeficiente da circunferência peito/circunferência de cintura também é um critério importante para as mulheres, bem mais que o índice de massa corporal. Em outras palavras, um homem pode estar acima do peso contanto que não se pareça com uma barrica, e as mulheres podem considerá-lo atraente fisicamente (Maisey, Vale, Cornelissen, Tovée, 1999).

Em outra pesquisa, dois psicólogos tentaram fazer uma "armadilha" para os participantes, não lhes perguntando o que eles preferiam no outro sexo, mas acompanhando seus olhos enquanto eles olhavam fotografias eróticas (Rupp e Wallen, 2007).

Os pesquisadores haviam elaborado a hipótese de que as mulheres procurariam descobrir a personalidade dos homens olhando o rosto, e os homens focalizariam mais o físico e mais especificamente as partes sexuais (seios e nádegas). Mostraram então fotos de casais mantendo relações sexuais (fotos pornográficas) para 30 mulheres e 15 homens. Cada um dos participantes estava ligado a um aparelho que seguia os movimentos oculares. Esse aparelho permitia determinar precisamente o que chamava a atenção, isto é, onde o olhar se fixava e por quanto tempo.

Os resultados, que surpreenderam os pesquisadores, demonstraram que a primeira coisa que os homens olhavam nas mulheres era... o rosto, depois, em um segundo momento, o corpo das mulheres em plena ação. Em contrapartida, para as mulheres, não encontraram esse resultado. Elas se interessaram mais pelos corpo dos homens que por seu rosto. Esses resultados confirmam trabalhos anteriores: o cérebro dos homens e das mulheres reage de modo diferente diante de estímulos sexuais.

Como explicar essas diferenças? Como a excitação das mulheres é escondida, o homem olhará primeiro para o rosto para saber se a mulher está excitada e, portanto, disponível. A expressão de um rosto indicará se ela está interessada e se aprecia o sexo. Segundo Wallen e Rupp, se os homens privilegiam o rosto, é certamente porque a amígdala cerebral, parte do cérebro que gera as emoções e a excitação, é mais facilmente ativada em resposta a estímulos sexuais no homem do que na mulher. Já no caso dos homens, o órgão sexual masculino é quem dará mais informações sobre a intensidade da excitação. Eis por que as mulheres olham primeiro o corpo dos homens para saber se estão excitados.

Esses resultados coincidem com os de um estudo publicado em 2004 na *Nature Neuroscience* mostrando que os estímulos sexuais não ativam as mesmas zonas do cérebro nos homens e nas mulheres. Para Heather Rupp, é possível que essa ativação mais intensa nos homens esteja relacionada à sua maior atenção ao rosto. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Characteristics of male attractiveness for women**. D. M. Maisey, E. L. E. Vale, P. L. Cornelissen e M. J. Tovée, em *The Lancet*, 353, pág. 1500, 1999.

✱ **Judging physical attractiveness: what body aspects do we use?** S. L. Franzoi e M. G. Herzog, em *Personality and Social Psychology Bulletin*, 134, págs. 19-33, 1987.

✱ **Note on males' and females'preferences for opposite sex body parts, bust sizes, and bust-revealing clothing**. R. Wildman, A. Brown e C. Trice, em *Psychologic Reports*, 38, págs. 485-486, 1976.

✱ **Sex differences in viewing sexual stimuli: an eye tracking study in men and women**. H. A. Rupp e K. Wallen, em *Hormones and Behavior*, 51, págs. 524-533, 2007.



Saúde

As mulheres têm menos tolerância ao álcool, mas são mais resistentes a drogas anestésicas. Elas são mais sensíveis à dor, mas eles podem levar mais tempo para sair de uma depressão. Fisiologicamente, o corpo masculino e o feminino diferem na maneira como reagem a doenças e estímulos dolorosos. O desafio da medicina é entender exatamente como funcionam.

31

Existem mais homens ou mulheres na Terra?



Nascem mais meninos que meninas, mas a expectativa de vida deles é mais curta

A divisão entre os sexos dos bebês não é igual no início da vida: na Terra, nascem mais meninos que meninas. Na França, as estatísticas mostram que nascem cerca de 105 meninos para 100 meninas. Em 2006, como em todos os anos anteriormente registrados, nasceram bem menos meninas (388.840) que meninos (407.960). E isso não é específico da França, já que nos 27 países da União Europeia, se contarmos as crianças de menos de 1 ano, haverá 2,6 milhões de meninos para 2,4 milhões de meninas. Não se sabe a razão dessa variação nos nascimentos.

Consequentemente, na Terra deveria haver mais meninos que meninas. Mas não: na espécie humana, há mais mulheres que homens. Assim, sobre o total da população europeia, considerando todas as faixas etárias, a vantagem é das mulheres. São apenas 240 milhões de homens para 252 milhões de mulheres na Europa. No Brasil, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, o país mantinha a tendência histórica de predominância feminina na população total: para cada 100 mulheres havia 96,93 homens.

A razão dessa inversão demográfica é que morrem mais meninos que meninas, em todas as idades. Por exemplo, os meninos se afogam quatro vezes mais que as meninas. Para uma menina queimada ou ferida, contamos quatro meninos (Rosen e Peterson, 1990). Os pesquisadores acreditam que essa taxa de mortalidade e esses ferimentos acidentais podem ser colocados na conta do nível de atividade, dos riscos, da pressa e das competições que ocorrem mais entre os homens.

Quanto mais se avança na idade, mais os representantes do sexo masculino se tornam raros em relação aos do feminino. Não apenas a mortalidade infantil dos meninos é maior como, ainda, sua expectativa de vida é menor. Observa-se que, na Terra, as mulheres vivem em média 65 anos, enquanto os homens têm uma expectativa de vida de 62 anos. No Brasil, a esperança de vida ao nascer é de 69,3 anos para o homem e 76,8 para a mulher (segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, com dados referentes a 2008).

Existe ainda outro fator que influencia a expectativa de vida dos homens e das mulheres. É o das categorias socioprofissionais. Segundo um levantamento feito na França, por Monteil e Robert-Bobée, a partir do padrão demográfico permanente e estado civil, a expectativa de vida das mulheres executivas aos 35 anos é três anos maior que a das operárias (EDP, 2005).

Entre os homens, a diferença é de sete anos entre os executivos e os operários. A variação passa de quatro anos entre homens e mulheres executivos para 8,5 anos entre empregados e empregadas. As operárias, que têm a menor expectativa de vida entre as mulheres ativas, vivem mais tempo que os homens executivos, donos da mais longa expectativa de vida entre os homens.

Entre as razões encontradas para explicar essas diferenças estão: condições de trabalho

(horários), fatores ligados ao modo de vida (as categorias sociais mais baixas não cuidam da mesma forma da saúde e consultam um médico mais tardiamente) e, por consequência, uma saúde malcuidada, que prejudica os estudos ou uma promoção no trabalho (Caselli, Vallin e Wunsch, 2002).

Em alguns lugares do mundo, essa proporção entre homens e mulheres é modificada por questões culturais. Na Índia, estima-se em 10 milhões o número de meninas que não chegaram a nascer, segundo o Relatório sobre a Situação da População Mundial publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), 2005. Uma pesquisa mostrou que a diferença entre o número de homens e mulheres no país é consideravelmente desfavorável a elas desde o nascimento: cerca de sete meninas para dez meninos (Jha, Kumar, Vasa, Dhingra, Thiruchelvam e Moineddin, 2006).

Na cultura indiana, prefere-se o menino porque ele vai ganhar dinheiro e cuidar de seus pais. Em contrapartida, as mulheres deixarão suas famílias para se casar. Elas terão sido alimentadas e cuidadas durante anos, não trarão dinheiro para a família e ainda precisarão de um dote. Por isso o nascimento de uma menina ainda é considerado uma maldição em algumas culturas, e, embora a prática do infanticídio das meninas remonte a tempos passados, a amniocentese é ainda hoje praticada sobretudo para saber o sexo do feto. Assim, ocorrem abortos seletivos para escolher principalmente os meninos.

Essa prática da seleção pré-natal pelo sexo é corrente e não é exclusividade das populações pobres. Um relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de outubro de 2004 constatou que 500 milhões de mulheres sofrem discriminação em diversas áreas e são submetidas a um status muito desigual em relação aos homens, no mundo todo. Além disso, esse desequilíbrio homens/mulheres corre o risco de provocar, nos anos futuros, um aumento dos conflitos e da violência. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Démographie: analyse et synthèse**. G. Caselli, J. Vallin e G. Wunsch, vol. 3, *Les Déterminants de la mortalité*. Edições do INED, 2000.

✱ **Gender differences in children's outdoor play injuries: a review and integration**. B. Rosen e L. Peterson, em *Clinical Psychology Review*, 10, págs. 275-294, 1990.

✱ **Les différences sociales de mortalité: en augmentation chez les hommes, stables chez les femmes**. C. Monteil e I. Robert-Bobée, em *INSEE Première*, 225, pág. 1025, 2005.

✱ **Low male-to-female sex ratio of children born in India: national survey of 1.1 million households**. P. Jha, R. Kumar, P. Vasa, N. Dhingra, D. Thiruchelvam e R. Moineddin, em *The Lancet*, 367, págs. 211-218, 2006.



32 Quem sofre mais por ser gordo, eles ou elas?



Pesquisa relaciona efeito do gênero e da massa corporal no status socioeconômico

Uma pesquisa demonstrou uma curiosa correlação entre os americanos: quanto mais gorda a mulher, menos seu marido ganha dinheiro e menos o trabalho dele é importante. O aumento de peso de uma mulher faz com que se reduza igualmente sua probabilidade de se casar.

Conley e Glauber estudaram um grupo de 5 mil famílias durante alguns anos. Interessaram-se em analisar os adultos com mais de 25 anos e observaram, entre outros pontos, a relação existente entre indicadores socioeconômicos e o índice de massa corporal (IMC). Os autores compararam filhos de mesmos pais, mas com massa corporal diferente. Essas crianças forneceram uma medida útil, porque são provenientes de meios idênticos.

Os autores examinaram também o estado civil (se casados ou divorciados) dos participantes.



33 Quem suporta melhor a bebida?

Diferenças de constituição física e metabolismo fazem com que elas acumulem uma taxa maior de álcool no sangue

Em vez de realizar uma única avaliação em um só momento, os psicólogos fizeram vários levantamentos durante determinados anos (1986, 1999, 2001).

Constataram o seguinte: um aumento de 1% da massa corporal de uma mulher implica uma diminuição de 0,6% dos rendimentos da família e também uma baixa de 0,4% do prestígio profissional do marido!

Além disso, os pesquisadores concluíram que a relação entre o peso e os resultados profissionais era mais acentuada entre as mulheres mais jovens, o que sugere que é a massa corporal que afeta o prestígio profissional, mais do que o inverso.

Em compensação, o peso dos homens não prejudica sua situação econômica. Não há nenhuma relação entre essas duas variáveis. Também não aumenta sua possibilidade de divórcio, de separação ou viuvez.

Para os autores, as mulheres com peso excessivo são menos atraentes, por isso menos escolhidas por potenciais maridos. Estes terão igualmente mais probabilidade de deixá-las. Além disso, essas mulheres poderiam ser menos eficientes em seu trabalho em razão de problemas de saúde ou simplesmente devido à discriminação que podem sofrer. ★

PARA CONHECER MAIS

☆ **Gender, body mass and socioeconomic status: new evidence from the PSID**. D. Conley e R. Glauber, em *Advances in Health Economics and Health Services Research*, National Bureau Of Economic Research, 17, págs. 255-280, 2006.

Para a mesma quantidade de álcool ingerida em um mesmo período de tempo, uma mulher terá uma taxa de alcoolemia mais elevada que um homem. Ou seja, uma taxa maior de álcool no sangue (medida em gramas por litro). Isso não deve, entretanto, ser confundido com a "embriaguez", que é a sensação psicológica ocasionada pelo consumo de álcool. Pode-se ter uma alcoolemia forte e uma embriaguez fraca, e vice-versa, mesmo se, geralmente, quanto mais alcoolizado, mais embriagado se fica.

A razão dessa diferença é que os homens têm mais água que as mulheres. E o álcool se dilui na água do organismo. O corpo masculino é composto por cerca de 70% de água, e o feminino, 60%. O resto é gordura e ossos. Além disso, o músculo é constituído de sangue e água, e os homens costumam ser mais musculosos que as mulheres. Portanto, para dois indivíduos de peso igual, a concentração de álcool no organismo feminino será maior.

Outra diferença é a seguinte: embora o metabolismo do álcool ocorra principalmente no fígado, ele começa no estômago, graças a uma enzima que oxida o etanol (álcool desidrogenase, ADH). Chamamos isso de "metabolismo de primeira passagem". Quanto mais o álcool for metabolizado no estômago, menos o fígado terá necessidade de oxidá-lo. Ora, as mulheres têm menos ADH em seu estômago. Seu metabolismo nessa primeira passagem é, portanto, mais lento que o do homem, conforme diferentes estudos.

É possível calcular de modo rápido a taxa de alcoolemia de cada pessoa graças a uma equação conhecida como fórmula de Widmark. Em um bar ou restaurante, quando se pede uma taça, geralmente é servida uma "dose", ou seja, 10 gramas de etanol. Não importa a bebida, esse

é o valor da dose. Então, há o mesmo teor de álcool em 250 ml de cerveja, 400 ml de uísque de 40° ou em uma taça de champanhe. Cada um desses copos vai embriagá-lo do mesmo modo, nem mais nem menos, porque cada um contém a mesma quantidade de álcool puro.

$$\frac{\text{Gramas de etanol}}{\text{Peso x Coeficiente de difusão}}$$

Quando se bebe uma taça (ou dose), se ingere 10 g de álcool. Para calcular a alcoolemia, basta conhecer o próprio peso e multiplicá-lo pelo coeficiente de difusão (0,5 para uma mulher obesa; 0,6 para uma de peso normal; 0,7 para um homem de peso normal; 0,8 para um muito musculoso).

Por exemplo: um homem de 75 kg que beber cinco taças de vinho absorverá 50 g de álcool (75 x 0,7 = 52,5). Portanto, 50 g/52,5 = 0,95 g/l. Para esse mesmo consumo, uma mulher de 55 kg terá uma alcoolemia de 1,5 g/l.

Por isso, não adianta um homem dizer a uma mulher, saindo do bar: "Você bebeu uma taça a menos do que eu, então você dirige...". Mesmo tendo bebido menos, ela provavelmente terá uma alcoolemia superior. ✱

34 Por que as mulheres voltam mais rápido de uma anestesia geral?

Pesquisadores investigam se cérebro delas seria menos sensível ou se elas metabolizam mais rapidamente as drogas

Eis mais uma comprovação de que diferenças entre homens e mulheres ultrapassam questões culturais. Uma pesquisa realizada pela equipe do professor de anestesia da Universidade Duke, da Carolina do Norte, Tong-Joo Gan, demonstrou que as mulheres voltam duas vezes mais rápido de uma anestesia geral que o homem.

Em uma cirurgia, as doses de anestésicos dadas pelos médicos são calculadas em função do peso e tamanho do paciente. O que significa que geralmente se dá menos anestésico a uma mulher que a um homem. Entretanto, os médicos empregaram uma nova técnica que permite injetar a mesma concentração de anestésico tanto em homens como em mulheres para que durmam durante a cirurgia. Em seguida, acompanharam o nível de consciência e quanto tempo levou para o paciente voltar a si depois que a droga parou de agir.

Os 96 homens e as 178 mulheres que passariam por uma cirurgia (ginecológica, urológica, otorrinolaringológica etc.) foram anestesiados da seguinte forma: uma mesma dose de propofol (droga que afeta a consci-

PARA CONHECER MAIS

☆ **Gender differences in pharmacokinetics of alcohol**. E. Baraona, C. S. Abittan, K. Dohmen, M. Moretti, G. Pozzato, Z. W. Chayes, C. Schaefer e C. S. Lieber, em *Alcoholism, Clinical and Experimental Research*, 25, págs. 502-507, 2001.

☆ **High blood alcohol levels in women. The role of decreased gastric alcohol dehydrogenase activity and first-pass metabolism**. M. Frezza, C. Di Padova, G. Pozzato, M. Terpin, E. Baraona e C. S. Lieber, em *New England Journal of Medicine*, 322, págs. 95-99, 1990.



ência e faz com que o paciente durma) e dois analgésicos para eliminar a dor (alfentanil e protóxido de azoto).

Os pesquisadores constataram que as mulheres despertavam consideravelmente mais rápido que os homens: elas recobravam a consciência sete minutos após o fim da anestesia, enquanto os homens, 11 minutos depois.

Esses resultados podem significar que elas são menos sensíveis que eles às drogas anestésicas que favorecem a inconsciência e, portanto, podem precisar de mais anestesia durante a cirurgia. Essa descoberta permite explicar também por que três vezes mais mulheres que homens se queixam de estar conscientes durante a cirurgia. Apesar de o fenômeno ser raro, mais frequentemente acontece quando uma mulher está no centro cirúrgico.

Gan e sua equipe não sabem explicar por que existe essa diferença. O cérebro das mulheres seria menos sensível aos anestésicos ou elas metabolizariam mais rapidamente as drogas? Isso ainda permanece um mistério, motivando estudos futuros. ✱



PARA CONHECER MAIS

☆ **Gender and recovery after general anesthesia combined with neuromuscular blocking drugs**. F. F. Buchanan, P. S. Myles, K. Leslie, A. Forbes e F. Cicuttini, em *Anesthesia et Analgesia*, 102, págs. 291-297, 2006.

☆ **Women emerge from general anesthesia with propofol/alfentanil/nitrous oxide faster than men**. T. J. Gan, P. S. Glass, J. Sigl, P. Sebel, F. Payne, C. Rosow e P. Embree, em *Anesthesiology*, 90, págs. 1283-1287, 1999.

35

As meninas são mais sensíveis à dor que os meninos?

Quantidade de receptores nervosos, hormônios e resposta cerebral fazem com que elas sofram de maneira diferente

Nem todos devem concordar com a afirmação de que a mulher é mais sensível à dor que o homem. Mas uma experiência permitiu chegar a um consenso, graças a um dispositivo astucioso. Quem nunca mediu a pressão arterial? Quando o médico bombeia a braçadeira, é um pouco doloroso, não?

Os pesquisadores colocaram o aparelho de pressão no braço de 135 pessoas, homens e mulheres, com idade entre 25 e 45 anos. A braçadeira permaneceu inflada durante alguns segundos, criando assim uma sensação dolorosa. Os participantes eram convidados em seguida a avaliar a dor e sua intensidade numa escala graduada de 0 a 10. A primeira ia de uma "dor desagradável" até uma "dor muito intolerável", e outra de "nada" a "extremamente intensa" (Campbell, Hughes, Maixner e Sherwood, 2004).

Os resultados dessa experiência confirmaram o que se costuma dizer, que efetivamente as mulheres são mais sensíveis à dor física que os homens. Durante o estudo, elas acharam a tensão da braçadeira menos suportável que eles.

Mas por que as mulheres têm um limite de tolerância à dor física mais baixo? Várias razões explicam esse fenômeno. Primeiro, elas têm a pele mais fina e mais receptores nervosos que os homens, o que faz com que sintam a dor mais intensamente.

Ao retirar amostras de 1 cm^2 de pele do rosto de 20 cadáveres de homens e de mulheres e ao examiná-las ao microscópio, os pesquisadores observaram que elas tinham em média 34 fibras nervosas por cm^2 de pele facial, enquanto os homens tinham apenas 17 (Mowlavi, Cooney, Febus, Khosraviani, Wilhelmi, Akers, 2005).

Mas os pesquisadores mostraram que a dor das mulheres poderia ter também um fundo psicológico. O fato de os homens sofrerem menos poderia se basear na evolução e remontaria a uma época em que os papéis masculinos e femininos eram muito mais distintos que hoje. Um tempo em que nossos ancestrais masculinos faziam constantemente, e mais que as mulheres, grandes esforços físicos. Era então fundamental que a dor fosse menor diante do esforço, caso contrário seus corpos teriam sofrido o tempo todo.

Mas não é só isso. Na Universidade de Michigan, Jon-Kar Zubieta e seus colegas estudaram o efeito dos hormônios sexuais sobre o sistema cerebral responsável pela sensação de dor. Descobriram que a dor também está em parte relacionada à diferença hormonal entre os homens e as mulheres.

Quando se sofre, há uma liberação de endorfina no corpo. Essa morfina natural envia informações ao cérebro lhe pedindo que pare a dor. Quando um estímulo estressante, como uma dor física contínua, ameaça o bem-estar da pessoa, o cérebro libera essa substância, que vai se fixar nos receptores situados nas diferentes partes do cérebro. A ativação desse sistema é rápida e suprime ou diminui a sensação de dor, como também as emoções que a acompanham. A dor se torna, então, mais suportável.

Nessa experiência, Zubieta infligiu a 28 voluntários, homens e mulheres, uma dor modera-

da, injetando água salgada de modo inofensivo no músculo de seus maxilares. Durante os 20 minutos seguintes, os participantes foram submetidos a uma ressonância magnética e deviam avaliar sua dor numa escala graduada de "absolutamente nada" a "extremamente doloroso".

Enquanto os pesquisadores examinavam, entre os homens, um aumento da quantidade de endorfinas liberadas em certas regiões do cérebro durante o estado doloroso, entre as mulheres foi o inverso. Ou seja: essas endorfinas diminuíam. Ao realizar uma segunda experiência, os pesquisadores observaram que esse comportamento variava em função do período do ciclo menstrual.

Ao utilizar o mesmo modo de induzir a dor, os cientistas estudaram um grupo de mulheres durante a fase folicular e compararam com outro grupo que estava em outra fase do ciclo menstrual.

Os resultados surpreenderam os cientistas: quando as mulheres estavam na fase folicular, isto é, pouco tempo depois da menstruação, quando os níveis de estrogênios e de progesterona são baixos, a dor era sentida de modo mais forte e a presença de endorfina era baixa. Em contrapartida, em outra fase do ciclo, quando os níveis de estrogênio estavam elevados, havia mais endorfina, em um nível que rivalizou e às vezes ultrapassou o dos homens. Essas mulheres também avaliaram de forma mais baixa a intensidade e o caráter desagradável da dor, se comparadas às que apresentavam níveis de estrogênio inferior.

Diante da dor, o cérebro dos homens e o das mulheres funcionam de maneira diferente. Pesquisadores em medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) examinaram, por meio de exames de ressonância magnética, o cérebro de homens e mulheres que sofriam da "síndrome do cólon irritável" – um distúrbio cuja causa se desconhece e que atinge 20% dos americanos, duas vezes mais mulheres que homens. Seus sintomas são sensações dolorosas e mal-estares, constipação ou diarreia, gases etc.

Todos os pacientes estudados fizeram previamente uma endoscopia a fim de verificar que não sofriam de outras doenças intestinais ou orgânicas (Naliboff, Berman, Chang, Derbyshire, Suyenobu, Vogt, Mandelkern, Mayer, 2003). O exame do cérebro pela ressonância magnética foi realizado durante uma simulação psicológica, ou seja, após os pesquisadores terem dito aos participantes, enquanto esperavam o exame, que eles sofreriam um estímulo visceral durante o exame por via retal (fase de dor moderada).

Diante da dor, o lobo límbico das mulheres estava muito mais ativo – é o local, no cérebro, que coordena as emoções

Os pesquisadores comprovaram também que o cérebro masculino reagiu diferentemente do feminino. Diante da dor, o "lobo límbico" das mulheres estava muito mais ativo que o dos homens. Esse é o local, no cérebro, que representa o conjunto de todas as estruturas envolvidas nas emoções. Nos homens, as regiões com maior atividade foram as cognitivas, isto é, os centros analíticos. Além disso, os pesquisadores constataram que a antecipação da dor produzia as mesmas respostas no cérebro que o estímulo real de dor. O estudo revelou que o cérebro é uma força poderosa que dita como o corpo deve responder à dor e ao esforço que virá.

Para encontrar a explicação para esse fenômeno, mais uma vez os pesquisadores foram para o passado longínquo da humanidade. Como em todas as espécies animais, os machos lutam mais que as fêmeas. Desse modo, os homens podiam vir a sofrer depois de um combate

para defender seu território ou sua família. O espírito de análise e o senso crítico deviam ser então conservados a fim de tomar as melhores decisões possíveis nessas situações.

Quando defendia sua terra e sua família de intrusos e sofria fisicamente no combate, o homem primitivo devia conservar todo o seu julgamento racional a fim de tomar a melhor decisão estratégica. É o motivo pelo qual, neles, as estruturas cerebrais envolvidas na reflexão são mais ativadas que nas mulheres.

Quanto a elas, o cérebro emocional (lobo límbico) é mais ativo diante da dor, para alertá-las o mais cedo possível sobre as intrusões e agressões corporais que poderiam prejudicar o feto, e assim preservá-lo. Diante da dor, a ativação das estruturas cerebrais emocionais levará a uma resposta rápida de alerta e de fuga.

Quando sofria fisicamente, o homem primitivo devia conservar seu julgamento racional para tomar a melhor decisão estratégica

Segundo o pesquisador que realizou esse estudo, nenhuma das duas reações pode ser considerada melhor que a outra. Nas condições de ameaça externa, as diferentes respostas conduzem a comportamentos complementares entre os homens e as mulheres.

Também não é impossível que os hormônios tenham um papel importante nessas diferenças. Uma dor mais forte nas mulheres poderia estar associada à presença do estrogênio (Glaros, Baharloo e Glass, 1998): é possível que, por meio de fenômenos inflamatórios, o estrogênio cause uma vasodilatação da inflamação, podendo aumentar a sensação de dor (Dao, Knight e Ton-That, 1998).

Os homens são ensinados, desde pequenos, que as expressões de desespero como o choro e as queixas são coisa de meninas ou de fracotes. Por isso, se eles demonstram menos a dor, talvez seja porque foram ensinados a controlar essa expressão. Os homens se sentiriam obrigados a exibir um estoicismo em resposta à dor (Miaskowski, 1999), sobretudo na presença das mulheres.

Em outro estudo, os cientistas conseguiram demonstrar que os homens se queixam mais facilmente de dor ao pesquisador se este também for um homem. Esse tipo de comportamento não foi observado entre as participantes femininas. Um grupo de 80 homens e 80 mulheres com idade entre 17 e 59 anos fez parte da experiência. Pediram-lhes que mergulhassem a mão dominante (direita ou esquerda) o máximo de tempo que conseguissem na água gelada (por volta de 1°C). Tudo isso diante dos olhos de um pesquisador. Em seguida, deviam avaliar em que momento começaram a sentir dor, até que ponto eram capazes de tolerá-la e, ainda, qual era sua intensidade.

O sexo do pesquisador variava: às vezes era um homem, às vezes uma mulher. Levine e De Simone descobriram então uma importante interação entre os sexos. Concretamente, perceberam que os homens toleraram mais a dor quando foram testados por uma mulher.

Diversos estudos comprovam que as mulheres têm dores mais fortes, mais frequentes e de duração mais longa que os homens. Elas são mais afetadas por dores de cabeça, tensões crônicas, dores musculares, artrose, poliartrite reumatoide e a fibromialgia (dores articulares, fadiga, distúrbios do sono). Elas também são mais suscetíveis a desenvolver uma dor crônica após um traumatismo (Unruh, 1996).

Assim, elas podem ser menos bem tratadas que os homens no que se refere a suas dores e seus sintomas. McDonald e Bridge (1991) demonstraram esse estereótipo de maneira hábil. Pediram a 160 enfermeiras que lessem um documento no qual era apresentado um paciente

e seu estado de saúde. Poderia se tratar de um homem ou uma mulher. As enfermeiras deviam em seguida avaliar diferentes parâmetros como o tempo levado antes de intervir ou ainda o tempo dedicado para efetuar a intervenção junto ao paciente.

Os resultados mostraram que, quando o paciente era homem, as enfermeiras dedicavam um tempo significativamente mais longo tratando-o, davam-lhes mais analgésicos e empregavam mais tempo em apoio afetivo que se o paciente fosse uma mulher.

A experiência comprovou que o preconceito de que a mulher é mais fricoteira pode levar aqueles que prescrevem cuidados a criar diferenças nos tratamentos dados a elas. Pelo menos até que recebam provas objetivas da dor. Em resumo, as declarações de dor das mulheres parecem ser levadas menos a sério que as dos homens. ✱



PARA CONHECER MAIS

☆ **Effect of parafunctional clenching and estrogen on temporomandibular disorder**. A. G. Glaros, L. Baharloo, E. Glass e G. Vain, em *Journal of Craniomandibular Practice*, 16, págs. 78-83, 1998.

☆ **Gender variations in clinical pain experience**. A. M. Unruh, em *Pain*, 65, págs. 123-167, 1996.

☆ **Modulation of myofascial pain by the reproductive hormones: a preliminary report**. T. T. Dao, K. Knight e V. Ton-That, em *The Journal of Prosthetic Dentistry*, 79, págs. 663-670, 1998.

☆ **Relationship of ethnicity, gender and ambulatory blood pressure to pain sensitivity: effects of individualized pain-rating scales**. T. S. Campbell, J. W. Hughes, S. S. Girdler, W. Maixner e A. Sherwood, em *Journal of Pain*, 5, págs. 183-191, 2004.

☆ **The effects of experimenter gender on pain report in male and female subjects**. F. M. Levine e L. L. De Simone, em *Pain*, 44, págs. 69-72, 1991.

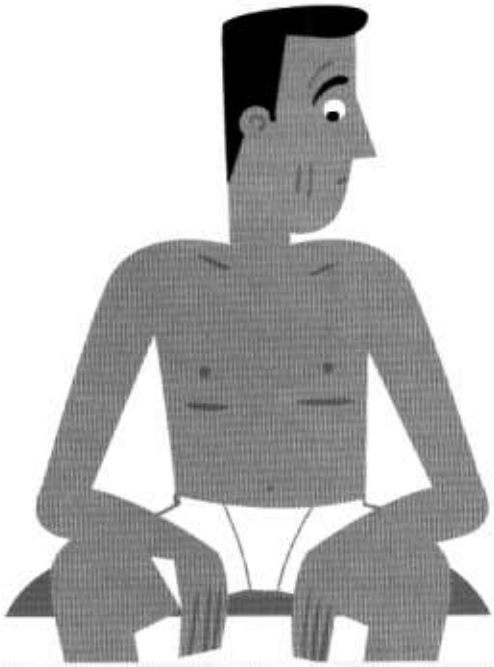
☆ **Gender stereotyping and nursing care**. D. D. Mcdonald e R. G Bridge, em *Research in Nursing and Health*, 14, págs. 373-378, 1991.

☆ **The role of sex and gender in pain perception and responses to treatment**. G. Miaskowski, em *Psychosocial factors in pain: critical perspectives*, R. J. Gatchel e D. G. Turk (ed.). The Guildford Press, págs. 401-411, 1999.

☆ **Increased cutaneous nerve fibers in female specimens**. A. Mowlavi, D. Cooney, L. Febus, A. Khosraviani, B. Wilhelmi e G. Akers, em *Plastic and Reconstructive Surgery*, 116, págs. 1407-1410, 2005.

☆ **Sex-related differences in IBS patients: central processing of visceral stimuli**. B. D. Naliboff, S. Berman, L. Chang, S. W. Derbyshire, B. Suyenobu, B. A. Vogt, M. Mandelkern e E. A. Mayer, em *Gastroenterology*, 124, págs. 1738-1747, 2003.

☆ **μ-opioid receptor-mediated antinociceptive responses differ in men and women**. J. K. Zubieta, Y. R. Smith, J. A. Bueller, Y. Xu, M. R. Kilbourn, D. M. Jewett, C. R. Meyer, R. A. Koeppe e C. S. Stohler, em *The Journal of Neuroscience*, 22, págs. 5100-5107, 2002.



36

Por que os homens têm mamilos?

O embrião se forma a partir de um modelo feminino e só no final de seis semanas o cromossomo Y intervém

37

Por que os viúvos se suicidam mais que as viúvas?

Homens têm muito mais dificuldade de administrar algumas dores morais. Casos de divórcio registram reações parecidas

O índice de suicídio nos países escandinavos é um dos maiores do mundo. Por isso, uma equipe de cientistas dinamarqueses estudou de maneira aprofundada o contexto familiar, médico e socioeconômico de 9 mil pessoas com idade entre 25 e 60 anos que se suicidaram (Agerbo, 2005).

O estudo demonstrou que os homens que haviam perdido a companheira por suicídio corriam 46 vezes mais risco de pôr fim à própria vida. Em compensação, entre as mulheres viúvas, o risco de suicídio multiplicava-se por três.

Uma explicação poderia ser o fato de os homens procurarem menos apoio e pedirem menos ajuda que as mulheres nessas situações. O que faz com que sua depressão após o suicídio da companheira seja bem menos detectável e, portanto, menos tratada.

Diante de outro tipo de dor moral, existe uma diferença igualmente importante entre os sexos. Trata-se da angústia ligada ao divórcio. Esse sofrimento psicológico é mais intenso entre as mulheres nos meses que antecedem o divórcio (Gähler, 2006). Em contrapartida, o estudo revelou que a angústia e

Apesar de não ter as glândulas mamárias que produzem leite, os homens também têm mamilos – que têm a função de ajudar o bebê a sugá-lo. Isso ocorre porque, no útero da mãe, a vida de um feto começa de modo análogo, não importa se ele vai ser um menino ou uma menina. Para ir mais longe, pode-se até considerar que o modelo "de base" é um modelo feminino. Isso quer dizer que, desde as primeiras horas de vida, o embrião se forma e se conforma a um modelo feminino.

Ao final de seis semanas, uma especialização intervém sob a influência do cromossomo Y – que caracteriza o sexo masculino nos seres humanos. Sabe-se hoje que o cromossomo Y comporta um gene chamado SRY (sigla em inglês para Sex-determining Region Y), presente nos humanos e nos primatas, que é o sinal primário determinando a formação dos testículos.

A proteína proveniente do SRY se fixa então no DNA e o inclina a 80 graus, o que teria o efeito de provocar uma cascata de outros genes responsáveis pelas estruturas genitais masculinas. Nesse caso, o feto se tornará um menino, senão será uma menina. Mas os mamilos já estão presentes, pois foram criados antes dessa especialização sexual. Por isso os homens têm seios. ✱



a depressão duram muito mais tempo entre eles. A explicação poderia estar no fato de os homens não se preocuparem suficientemente cedo, durante a fase de degradação das relações do casal.

Como regra geral, eles não se dão conta dos diferentes indícios que lhes são dados, o que não é o caso das mulheres, normalmente mais sensíveis. Para elas, a angústia é maior durante essa fase de crise do casal. Depois vem o momento do divórcio. Os homens percebem então, tarde demais, o fracasso da relação. O luto da relação é então mais longo para eles. O que não ocorre com as mulheres, que já iniciaram o trabalho de luto há mais tempo. De fato, elas se recuperarão melhor e mais rapidamente da ruptura que os homens.

A dificuldade de encontrar apoio, a incapacidade de falar de seus problemas e de perceber a crise tão rápido como as mulheres são certamente motivos pelos quais o divórcio é menos fácil de administrar para um homem. ✱

PARA CONHECER MAIS

☆ **"To divorce is to die a bit...": a longitudinal study of marital disruption and psychological distress among swedish women and men**. M. Gähler, em *Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14, págs. 372-382, 2006.

☆ **Midlife suicide risk, partner's psychiatric illness, spouse and child bereavement by suicide or other modes of death: a gender specific study**. E. Agerbo, em *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59, págs. 407-412, 2005.

38 As mulheres que gostam de vinho ficam grávidas mais cedo que as outras?

Influência do consumo moderado de álcool sobre o tempo que uma mulher leva para engravidar



Pode parecer estranho, mas as mulheres que bebem vinho moderadamente têm mais probabilidade de engravidar. Enquanto pesquisadores procuravam examinar as relações entre o consumo de álcool das mulheres e o tempo que levam para engravidar, observaram algo intrigante. Em 29.844 mulheres, constataram que entre as que já tinham tido uma gravidez, as que preferiam beber uma taça de vinho a um copo de cerveja ou outra bebida alcoólica forte eram mais férteis. Mais precisamente, elas haviam demorado menos tempo para engravidar. Esse efeito não foi encontrado entre as mulheres que não tinham tido filhos anteriormente. O pior foi para as que nunca bebiam: demoraram mais tempo para engravidar.

39 Por que os noivos devem observar bem o humor da sogra antes de se casar?

Taxa de transmissão familiar de distúrbios como a depressão é de quase o dobro entre as mulheres

Recomendação científica: antes de se casar, o noivo deve verificar com cuidado o humor da sogra. Isso porque a taxa de transmissão dos distúrbios relacionados ao humor da parte das mulheres é quase o dobro da dos homens.

Em seu trabalho, pesquisadores americanos em psiquiatria da Universidade Columbia quiseram estudar os efeitos do gênero sexual na transmissão dos distúrbios do humor, mais frequentes nas mulheres que nos homens. Entre essas doenças estão os diversos tipos de depressão, transtornos bipolares e comportamentos maníaco-depressivos.

Sabe-se que esses desajustes ocorrem devido a fatores ambientais e genéticos. Por isso, os pesquisadores analisaram uma amostra de 272 pessoas, entre homens e mulheres, que sofriam de transtornos do humor e observaram se, e como, essa característica era transmitida à descendência.

Os autores do estudo partiram do princípio de que as pessoas que bebem vinho se alimentam de maneira mais saudável que as que bebem cerveja. Mas não excluem o fato de que o vinho contém substâncias benéficas para a fertilidade.

É possível que outra razão seja ainda responsável por essas diferenças. A primeira tendência seria imaginar que as mulheres que consomem bebidas alcoólicas regularmente são mais desinibidas que aquelas que nunca bebem, e poderiam ter relações sexuais com mais frequência. Consequentemente, teriam uma probabilidade maior de ficar grávidas. Porém, isso não explica por que existe uma diferença entre as que bebem cerveja e as que bebem vinho.

Os cientistas não são capazes de dizer por qual razão o vinho aumenta a fertilidade. Como sempre, a ciência não tem resposta para tudo. É importante ressaltar que não é o álcool que tem um efeito sobre a gravidez, mas um fator intermediário que por enquanto escapa aos pesquisadores. Se a relação entre tomar vinho moderadamente e fertilidade é um fato estabelecido, está longe deles fazer a apologia do álcool. Aliás, os autores do estudo concluem o trabalho com a frase: "Não acreditamos que o álcool tenha um impacto efetivo sobre a fertilidade feminina e de modo geral sobre a saúde". ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Moderate alcohol consumption and waiting time to pregnancy**. M. Juhl, A.-M. Nyboe Andersen, M. Grønbæk e J. Olsen, em *Human Reproduction*, 16, págs. 2705-2709, 2001.

O papel dos fatores clínicos, tais como abuso sexual na infância, a presença de distúrbios psiquiátricos associados e os traços de agressividade e de impulsividade, também foram examinados.

Utilizando um modelo estatístico complexo, eles demonstraram que o distúrbio do humor estava quase duas vezes mais presente na progenitura quando era a mãe que sofria disso. Encontraram também traços de agressividade e de impulsividade entre as mulheres quando essas características estavam presentes na mãe. Não foi o caso dos pais que sofriam de alterações de humor.

A pesquisa não diz como e por que esse distúrbio se transmite mais através das mães que dos pais. Outros trabalhos futuros deverão distinguir os fatores genéticos dos não genéticos na transmissão desse distúrbio. ✱



PARA CONHECER MAIS

✱ **Sex differences in the familial transmission of mood disorders**. D. Currier, M. J. Mann, M. A. Oquendo, H. Galfalvy e J. J. Mann, em *Journal of Affective Disorders*, 95, págs. 51-60, 2006.

40



Os casados vivem mais que os solteiros?

Estudos tentam entender a correlação entre status matrimonial e expectativa de vida

O casamento é útil aos homens? No plano de expectativa de vida a resposta é sim. É em todo caso verdade no Canadá, pois lá os homens casados vivem oito anos mais que os solteiros (Gjerdingen, McGovern, Bekker, Lundberg e Willemson, 2000). Entre as mulheres, a recíproca também é verdadeira. Estudos indicam que as mulheres casadas vivem cerca de três anos a mais que as solteiras. Resta, entretanto, uma diferença entre homens e mulheres sobre esse ponto: oito anos a mais para eles, mas apenas três para elas.

Algumas teorias podem ser aventadas para explicar por que os casados vivem mais: pode-se pensar que o casamento seja benéfico pois é uma proteção contra os comportamentos excessivos ou de risco (alcoolização, direção perigosa de veículos, tabagismo etc.). Além disso, observou-se que o nível de testosterona dos homens baixa depois que se casam – reduzindo, entre outros, seu comportamento agressivo e de risco.

Gray e seus colegas pesquisadores das Universidades de Wisconsin e Harvard estudaram esse efeito do estado matrimonial sobre a testosterona. Realizaram suas pesquisas sobre a população ariaal do norte do Quênia, comparando os níveis de testosterona dos homens solteiros, dos casados com uma mulher e dos casados com várias mulheres. Amostras de saliva de 205 homens de mais de 20 anos foram analisadas.

Os cientistas descobriram que, com a mesma idade, os homens casados tinham um nível de testosterona nitidamente mais baixo que os celibatários. Foi ainda mais surpreendente constatar que, entre os polígamos, os níveis desse hormônio eram ainda menores. Em um segundo estudo, esses mesmos pesquisadores observaram também que o fato de haver filhos provocava o mesmo tipo de efeito.

A situação familiar e a responsabilidade paterna podem ter um efeito significativo sobre os níveis de testosterona e também sobre os de outros hormônios nos homens. Sabe-se que a testosterona é o principal hormônio masculino que representa um papel no desejo sexual do homem e também na agressividade. Isso pode

41



Quem fica mais deprimido: o homem ou a mulher?

Estudos mostram que eles e elas não são sensíveis aos mesmos eventos negativos

Embora os homens se suicidem mais que as mulheres, a pesquisa médica já constatou há muito tempo que elas entram mais em depressão que os homens, e isso ocorre em todas as culturas e em todos os países. Seria devido às condições de vida das mulheres, que seriam mais duras que as dos homens? Ou ao fato de as mulheres se deprimirem devido a mais acontecimentos que os homens? Ou, ainda, as mulheres seriam mais sensíveis ao estresse? Podemos nos perguntar se diferenças psicológicas entre homens e mulheres não seriam responsáveis por isso. Foram essas as perguntas que uma equipe de pesquisadores americanos, sob o comando de Kenneth S. Kendler, do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Virgínia, tentou responder.

Durante dez anos, foram observados 5 mil pares de gêmeos nascidos entre 1934 e 1974, a fim de saber se os mesmos acontecimentos deixavam igualmente deprimidos homens e mulheres. Os cientistas questionaram então quatro vezes esses gêmeos durante os dez anos do estudo.

Os resultados confirmaram que o risco de depressão era muito maior entre as mulheres. Elas se deprimiam em média duas vezes mais que os homens. Os resultados revelaram também que eles e elas não são sensíveis aos mesmos eventos negativos.

As principais causas de depressão entre os homens são a separação conjugal ou o divórcio. Um estudo canadense mostrou que, efetivamente, eles estão mais sujeitos a ter uma depressão nos dois anos seguintes a uma ruptura sentimental. Os homens de 20 a 64 anos que se divorciaram ou se separaram têm seis vezes mais depressão que os que ainda permanecem casados. As mulheres que sofreram uma ruptura são 3,5 vezes mais sujeitas a uma depressão que as casadas. Mas as pessoas que tiveram depressão declararam tê-la superado após quatro anos da separação, segundo pesquisa realizada em 1994 pelo Instituto Canadense de Estatística.

Os homens também reagem muitas vezes mal aos aborrecimentos de ordem profissional, ao desemprego e às preocupações de ordem judicial. As mulheres, por sua vez, se deprimem mais em reação a problemas com seus próximos (questões relacionadas à saúde, morte de um amigo, aborrecimentos com a família).

Em outro trabalho (Maume, 2006), pesquisadores estudaram um grupo de homens e de mulheres operários, casados e que trabalhavam em tempo integral. Analisaram os sacrifícios feitos no trabalho por uns e por outros a fim de privilegiar a vida familiar, como a redução das horas de trabalho ou ainda recusar viagens. Os resultados provaram que as mulheres sacrificam mais seu trabalho em comparação com o marido. Em compensação, entre os homens, as restrições do trabalho eram em grande parte insensíveis às características familiares. Se os homens fazem menos força no trabalho não é geralmente para dar prioridade à família.

Se as causas dos acontecimentos que desencadearam uma depressão são diferentes para os dois sexos, isso não explica por que as mulheres muitas vezes ficam mais melancólicas que os homens. Então, qual seria a causa? Seria hormonal, genética ou psicológica?

Em outra pesquisa, esses mesmos psicólogos constataram que a influência dos eventos

estressantes diminui com o aumento do número de episódios depressivos. Em outras palavras, mesmo que o cérebro aprenda a se deprimir, esse processo está muito presente no início dos primeiros episódios, depois diminui e desaparece à medida que a doença se repete para as que têm um pequeno risco genético de ter depressão. Para as que possuem o fator hereditário, os episódios depressivos não parecem estar ligados aos eventos externos (Kendler, Thornton e Gardner, 2000, 2001).

Tudo isso talvez venha do fato de as mulheres terem maior facilidade de ruminar as más lembranças. Uma equipe de pesquisadores descobriu que elas tinham mais memória que os homens no que se refere à capacidade de relembrar eventos que foram fonte de uma emoção negativa.

Em 2002, Canli e seus colegas pediram a 12 homens e 12 mulheres que olhassem uma série de 50 fotografias, algumas das quais eram emocionalmente muito chocantes, como fotos de corpos mutilados. Quando, três semanas mais tarde, pediram a essas mesmas pessoas que procurassem entre outras fotos aquelas que já tinham visto, os pesquisadores observaram que as mulheres se lembravam de 75% das fotos, enquanto os homens, apenas 60%. Essa diferença se refere apenas às fotos mais chocantes. Além disso, como as pessoas foram submetidas ao mesmo tempo a ressonâncias magnéticas, os pesquisadores constataram que as zonas cerebrais ativadas diferiam entre os homens e as mulheres quando da primeira fase da experiência. Como conclusão, parece que, quando uma forte emoção é associada a um acontecimento, as mulheres têm mais facilidade para se lembrar.

Em outro estudo, casais participaram de uma experiência a fim de avaliar quem, o marido ou a mulher, tem a memória mais viva dos eventos importantes do casal. Para isso, Ross e Holmberg, dois renomados psicólogos, ouviram os casais – um cônjuge de cada vez –, quando descreviam seu primeiro encontro ou outros eventos compartilhados que consideravam importantes. Constatou-se que as mulheres tinham memórias mais vivas que os maridos e expressavam mais os afetos, sentimentos e emoções nas suas descrições.

Assim, as mulheres estão mais sujeitas às depressões que os homens. As lembranças negativas permaneceriam em seu espírito muito mais vivas que entre os homens, e essa dificuldade para esquecê-las facilitaria a manifestação de estados depressivos. ✱

PARA CONHECER MAIS

✱ **Sex differences in the neural basis of emotional memories**. T. Canli, J. E. Desmond, Z. Zhao e J. D. Gabrieli, em *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 99, págs. 10.789-10.794, 1999.

✱ **Genetic risk, number of previous depressive episodes, and stressful life events in predicting onset of major depression**. K. S. Kendler, L. M. Thornton e C. O. Gardner, em *American Journal of Psychiatry*, 158, págs. 582-586, 2001.

✱ **Stressful life events and previous episodes in the etiology of major depression in women: an evaluation of the "kindling" hypothesis**. K. S. Kendler, L. M. Thornton e C. O. Gardner, em *American Journal of Psychiatry*, 157, págs. 1243-1251, 2000

✱ **Gender differences in the rates of exposure to stressful life events and sensitivity to their depressogenic effects**. K. S. Kendler, L. M. Thornton e C. A. Prescott, em *American Journal of Psychiatry*, 158, págs. 587-593. 2001.

✱ **Gender differences in restricting work efforts because of family responsibilities**. D. J. Maume, em *Journal of Marriage and Family*, 68 (4), págs. 859-869, 2006.

✱ **Are wives' memories for events in relationships more vivid than their husbands' memories?**. M. Ross e D. J. Holmberg, em *Journal of Social and Personal Relationships*, 9 (4), págs. 585-604, 1992.

PSICOLOGIA*

EXPERIMENTOS ESSENCIAIS



UMA VISITA GUIADA AO CÉREBRO E À MENTE DE HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS POR MEIO DE CENTENAS DE EXPERIMENTOS DE PONTA, APRESENTADOS EM LINGUAGEM ACESSÍVEL.

Quase tudo o que já foi dito sobre diferenças entre sexos, sobre potencialidades e gostos dos bebês e, independentemente da idade, sobre o infinito potencial do cérebro humano passou por testes e estudos controlados por psicólogos e neurocientistas nos últimos anos. Daí a ideia de reunir essas centenas de experimentos numa coleção única, em cinco volumes, destinada ao público especializado e também ao leigo.

O que está provado? O que não passa de hipótese, preconceito ou ignorância? Qual é a aplicação prática de tanto conhecimento?

Homens e mulheres são o tema das edições 1 e 2. Ao todo, são 80 provas em que preferências, habilidades, estereótipos, emoções e sexualidade femininos e masculinos são esmiuçados pelos pesquisadores.

Os **bebês** tomam conta da edição 3, que traz nada menos que 51 experimentos revelando emoções, comportamento e linguagem dos pequenos sob novas perspectivas, muito além do empirismo e das velhas crenças de pais e avós.

As edições 4 e 5, as últimas da série, se voltam para o **cérebro humano**. Juntas, reúnem 93 pesquisas que ajudam o leitor a se conhecer melhor, com foco nos mecanismos da inteligência, memória, consciência, percepção, sentidos e emoções.

NAS BANCAS. COLECIONE!



R$ 16,90 – Nº 2
ISBN 978-85-7902[illegible]-0
9 788579 021060